

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

ANNE KARENINNE SOUZA CASTELO BRANCO

**ARQUEOLOGIA EM CAMPOS DE BATALHA:
ACAMPAMENTO, CAMINHOS ANTIGOS DAS
TROPAS DA BATALHA DO JENIPAPO**

TERESINA

2018

ANNE KARENINNE SOUZA CASTELO BRANCO

**ARQUEOLOGIA EM CAMPOS DE BATALHA:
ACAMPAMENTO, CAMINHOS ANTIGOS DAS
TROPAS DA BATALHA DO JENIPAPO**

Texto da Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Centro de Ciências da Natureza da Universidade Federal do Piauí, para a Aprovação no Exame de Defesa como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Arqueologia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria do Amparo Alves de Carvalho

TERESINA

2018

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco
Divisão de Processos Técnicos

C348i Castelo Branco, Anne Kareninne Souza.
Arqueologia em campos de batalha : acampamento, caminhos antigos das tropas da Batalha do Jenipapo / Anne Kareninne Souza Castelo Branco. -- 2018.
146 f. : il.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências da Natureza, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Teresina, 2018.
“Orientação: Prof^a. Dr^a. Maria do Amparo Alves de Carvalho.”

1. Arqueologia Histórica. 2. Batalha do Jenipapo. 3. Fazenda Alecrim - Campo Maior (PI). I. Título.

CDD 930.109 812 2



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA
Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, Ininga
Teresina, Piauí, Brasil CEP 64049-550
e-mail: pgarq@ufpi.edu.br telefone: (86) 3215-5723



Folha de aprovação

Dissertação de Mestrado defendida por ANNE KARENINNE SOUZA CASTELO BRANCO e aprovada em 26 de Novembro de 2018 pela banca examinadora constituída pelos doutores:

Prof. Dra. - MARIA DO AMPARO ALVES DE CARVALHO (Orientadora)

Prof. Dr. JOHNY SANTANA DE ARAUJO (Titular)

Prof. Dr. GREGOIRE ANDRE HENRI MARIE GHISLAIN VAN HAVRE (Titular)

Prof.Dr. BENEDITO BATISTA FARIAS FILHO (Suplente)

“A destruição de testemunhos é dolorosamente fácil e, no entanto, desesperadamente irreparável.”

Carter & Mace, 2004.

À minha mãe, Maria Núbia, e ao meu Pai José Carlos.

AGRADECIMENTOS

A escolha de uma profissão é muito mais que apenas ter algo que lhe remunere. É você ser feliz todo dia por ter feito a escolha correta e se encontrar nela. E quando escolhemos o caminho da docência, a arte de ensinar, nos tornando futuros educadores é uma dádiva ainda maior, pois compartilhar o conhecimento que adquirimos, temos o poder de mudar não somente a nossa vida como a vida de outras pessoas. Isso é tão fundamental que através dessa construção de ensino e educadores cheguei onde estou, pois em diversos momentos houve pessoas, educadores e mestres que acreditaram em mim, na minha capacidade até quando eu mesma duvidei.

Quero agradecer esta vitória primeiramente a Deus sem Ele jamais teria completado este ciclo em minha vida. São tantas as dúvidas, tantos os momentos que quis desistir, e nas noites mais confusas Ele veio clareando tudo, me acalmando e dizendo “*você vai conseguir, pois Eu pus você aqui e eu acredito em você*”. E nos momentos em que estive mais sozinha durante esta jornada que apenas iniciou agora, foi quando Ele me mostrou o quanto eu estava enganada e que eu jamais estaria sozinha.

Agradeço aos meus pais Núbia e José Carlos pelo apoio, dedicação, pelo ensino de vida e caráter, por acreditarem em mim e sempre estarem ao meu lado. Durante meu mestrado me deram todo o amparo necessário para que eu pudesse concluir mais esta etapa na minha vida. Esta vitória com certeza pertence a eles, cada página desta dissertação tem um pouco deles. A minha mãe Núbia muito obrigada pelo incentivo e por acreditar em mim e me dá forças desde o meu ingresso até o fim, pois eu sei que o meu sucesso é o seu também. Gratidão é algo para se ter e demonstrar todos os dias, pois sabemos de todas as dificuldades que encontramos ao iniciar uma pós e para mim esse apoio foi ainda mais que fundamental foi essencial. Agradeço ao meu irmão José Victor pelo apoio durante esta jornada.

Sorte quem encontra no amor, um amigo, um conselheiro, um apoiador e um companheiro e nesse ponto tive muita sorte. Muito obrigada Pedro Henrique por ter sido uma das pessoas que mais torceu por mim, que acreditou e vibrou com minha conquista desde que iniciei meu caminho no mestrado; entendendo-me, compreendendo-me em cada momento difícil. E quando batia o desânimo você estava lá dizendo “*vai dá tudo certo*” e mesmo com a distância você sempre foi tão presente em minha vida, me incentivando sempre a ser minha melhor versão, agradeço a Deus pela sua vida, eu amo você.

A amizade é algo que se conquista ao longo da vida, tive o prazer de conhecer a Anna Gabriela muito antes de entrar na graduação em Arqueologia, mas a amizade cresceu e se

fortaleceu durante o curso e que levei esta amizade para minha vida até hoje. Queria agradecer muito a Gabiella, pois sua amizade, força, encorajamento e confiança em mim, me incentivando, me ajudaram a tentar mais uma vez este sonho. Muito obrigada pelo apoio, pois quem já passou por essa experiência sabe quantos momentos difíceis que passamos para conquistar este momento.

Agradeço também as minhas duas grandes amigas Denise e Karol que me apoiaram nos momentos difíceis e mesmo com minha ausência souberam respeitar este momento. Agradeço a Deus pela vida de vocês.

Em minhas idas em campo posso dizer que sempre fui muito abençoada e agradeço novamente a Deus por ter colocado pessoas maravilhosas em meu caminho para a realização deste sonho. Agradeço muitíssimo e com muito amor pela a hospitalidade do Dr. Antônio Augusto da Paz Filho mais conhecido como Dr. Brigadeiro e sua esposa Luciana por todas as vezes que fui a campo e eles abriram as portas de sua residência para nos abrigar, a mim e a equipe que comigo sempre esteve. Sempre éramos recebidos com um sorriso e muito carinho. Ao seu Brigadeiro o meu muito obrigado por sempre ceder suas terras para a pesquisa, por liberar seus vaqueiros que por alguns momentos esses se ausentavam do seu trabalho para nos ajudar na ida aos campos. Em especial ao vaqueiro o Seu Jorge que nos auxiliou no trajeto de um dos caminhos antigos. Eu não tenho palavras para descrever a minha gratidão, pois vocês fizeram parte deste trabalho e eu dedico ao seu Brigadeiro, à dona Luciana e ao seu Jorge esta pesquisa e mais uma vez muito obrigada, vocês estarão sempre em meus pensamentos e no meu coração.

Quero ainda agradecer ao seu Miranda atual administrador do Monumento do Jenipapo por sempre nos receber bem, sempre nos auxiliando. Ao seu Raimundo Nonato morador local da comunidade de Nazaré que também sempre nos recebeu muito bem, com hospitalidade, sorriso no rosto, sou muito grata pela ajuda e por pela contribuição que vocês deram a esta pesquisa.

A minha entrada ao mestrado aconteceu no momento certo como todas as coisas que são providenciadas por Deus. A minha orientadora Maria do Amparo dizer apenas obrigada por tudo não seria nunca suficiente. Eu a considero mais que orientadora, mas sim uma educadora e amiga que tive durante esses mais de dois anos e que levarei para minha vida. Em cada fase de nossa vida escolar e acadêmica encontramos aquele professor que marcará nossa vida e eu encontrei isso durante o mestrado. Uma das melhores professoras e pessoa que já conheci em minha vida com uma energia contagiante. Muitas vezes chegava tão triste, mas a senhora conseguia me animar de uma maneira tão natural e me dava o ânimo necessário para

a conclusão desta etapa. Então, lhe agradeço grandemente por ter me orientado em todos os sentidos como aluna, profissional e pessoa.

Engana-se quem acha que se faz Arqueologia sozinha. Eu tive o prazer de ter uma equipe que me ajudou “*imensamente*” (uma piada interna). Obrigada a minha orientadora, Amparo que sempre esteve comigo em todos os campos, ao Igor Linhares arqueólogo e funcionário da UFPI que sempre esteve à disposição nas idas em campo me ajudado com os equipamentos e ao Flávio Henrique atualmente aluno da graduação que sempre me auxiliou em campo. O meu muito obrigado vocês foram maravilhosos, adorei trabalhar com vocês e espero que no futuro venhamos a repetir. Sentirei saudades!

Agradeço a Universidade Federal do Piauí pela oportunidade de mais uma vez está me formando nesta instituição sendo agora no mestrado. Gostaria de agradecer a pós- graduação de Arqueologia da UFPI pelo apoio e a coordenação que sempre tentou solucionar meus problemas da melhor maneira possível. Agradeço ao NAP por sempre dispor dos equipamentos que utilizei durante minha pesquisa como: o Drone, a câmera fotográfica, o GPS, equipamentos esses que foram indispensáveis para a realização dos trabalhos que foram realizados. Agradeço a todo corpo docente da pós- graduação de Arqueologia, muitos dos professores foram meus mestres em minha graduação, outros tive a oportunidade de ter aulas apenas durante o mestrado, tenho um imenso carinho e respeito por todos. Os senhores e senhoras realmente são mestres dedicados e preocupados com o corpo discente desta instituição.

Em especial gostaria de agradecer aos professores Grégoire e Benedito pelo apoio e ajuda durante alguns processos metodológicos que me auxiliaram grandemente e que foram essenciais para a realização deste trabalho, agradeço ainda pela disponibilidade, paciência em sempre me receberem e pelas dicas que fizeram toda a diferença nesta pesquisa, o meu muito obrigado. Ao professor Johny Santana pela ajuda, as contribuições e a disponibilidade nesta grande etapa acadêmica pra mim, muito obrigada.

Outra pessoa muito importante no processo da realização foi o David Capucho o nosso “*portuga*”, como o chamamos muito obrigada por sua dedicação com nós mestrados que damos tanta dor de cabeça com os prazos na coordenação. Sempre que vejo o David é com um sorriso no rosto e pronto para nos ajudar com as burocracias da melhor forma possível, sempre preocupado conosco. Sua presença é fundamental na coordenação do mestrado, com certeza sem você não seria a mesma coisa.

Aos amigos que o mestrado me trouxe agradeço o apoio de vocês, minha turma maravilhosa de mestrado 2016.2 alguns conhecia de vista e durante o percurso conheci e

descobri pessoas incríveis como a Bianca, a Dalina e o Ruan Nery amo vocês. Bianca sempre preocupada de como estava indo a escrita, trocando experiências, medos, desespero (rsrsrs) e vitórias. A Dalina com sua energia maravilhosa, que sempre me deixava pra cima, com ânimo, não tem stress com ela, o que dizer se combinamos até nos signos eu sagitário e ela Áries combinação perfeita. Ruan sempre alegre, de boa, com sua calma e que tudo vai dá certo me encanta adorei conhecer você melhor, levarei vocês para sempre no meu coração.

A minha segunda turma que eu me refiro “*minha turma por adoção*”, a Marlene. Marlene também é uma pessoa muito importante durante este trajeto, onde podíamos trocar experiências e assim auxiliando uma a outra. Nesse momento uma ia ajudando a outra. Agradeço imensamente ao mestrado pôr me proporcionar a conhecer pessoas tão maravilhosas que nos inspiram e nos ajudam a seguir com força os nossos objetivos. Agradeço a Deus por me proporcionar momentos assim e por me apresentar pessoas que só somam em minha vida e que me ajudam a evoluir.

Agradeço a todos que me auxiliaram direta ou indiretamente nesse sonho. Arqueologia é uma ciência belíssima que nos ensina, nos inspira e inspira outras pessoas. Que nos mostra que somos além de pesquisadores e precisamos uns dos outros e de outras ciências. E eu pude perceber isto na prática durante essa caminhada que agora se finaliza. Realmente não há palavras que descrevam minha imensa gratidão e eu só posso agradecer e continuar meu sonho.

“Tu és o meu Deus; graças te darei! Ó meu Deus, eu te exaltarei! Deem graças ao Senhor, porque ele é bom; o seu amor dura para sempre” (Salmos 118:28-29).

RESUMO

O presente trabalho apresenta um estudo arqueológico sobre a Fazenda Alecrim e o trajeto dos caminhos antigos desde esta fazenda até a Vila de Campo Maior. A referida fazenda é considerada nesta pesquisa como acampamento das tropas portuguesas antes da Batalha do Jenipapo, ocorrida em 13 de março de 1823 em Campo Maior-PI, liderado pelo Major Fidié, no contexto da Independência do Brasil. Nesta localidade a comunidade conta histórias sobre alguns lugares que ficaram na memória como pontos de encontros das tropas portuguesas quando retornavam da Vila de Parnaíba, assim como indicam os antigos caminhos que conduziam à Vila de Campo Maior, onde se julga terem sido percorridos por tropas portuguesas antes da batalha ocorrida às margens do rio Jenipapo. Nesta pesquisa investigaram-se os dados históricos e se mapeou este lugar, assim como os caminhos antigos partindo da localidade chamada Angelim até a Vila de Campo Maior, considerando especialmente neste percurso o campo onde se diz ter ocorrido a Batalha do Jenipapo. Tentaremos compreender como a Arqueologia Histórica e especialmente a Arqueologia em Campos de Batalha podem auxiliar na formulação dos argumentos, na compreensão dos conceitos, e na metodologia adequada para este tipo de pesquisa. A metodologia utilizada consistiu em levantamento histórico de documentos sobre a localidade, sobre os caminhos antigos, visitas à localidade para reconhecimento de áreas, levantamento da oralidade, mapeamento dos principais pontos do possível acampamento e dos caminhos, coletas de imagens fotográficas e imagens aéreas feitas por Drone. Nesta pesquisa se discutiu com alguns autores como Andrade Lima (1993), Albuquerque (2009), Carvalho (2014), Cavalcante (2014), Constantino (1993), Johny (2012), Ramos (2014), Najjar (1993), Landa e Lara (2014), Enríquez (2014), dentre outros. Ao final desta pesquisa apresentamos o mapeamento do acampamento conhecido como Capão do Fidié e o percurso das tropas desde o acampamento na localidade Angelim até a Vila de Campo Maior.

Palavras- Chaves: Arqueologia Histórica. Batalha do Jenipapo. Campos de Batalha. Caminhos Antigos. Acampamento.

ABSTRACT

The present work presents an archaeological study about the Fazenda Alecrim and the route of the old ways from the farm to the Villa of Campo Maior. This farm is considered in this research as a camp for Portuguese troops before the Battle of Jenipapo, held on March 13, 1823 in Campo Maior-PI, led by Major Fidié, in the context of the Independence of Brazil. In this locality the community tells stories about some places that remained in memory as points of encounter of the Portuguese troops when they returned from the Village of Parnaíba, as well as indicate the old ways that led to the Village of Campo Maior, where they are believed to have been traversed by Portuguese troops before the battle on the Jenipapo River. In this research we propose to investigate the historical data and map this place, the ancient ways starting from this locality called Angelim to the Village of Campo Maior, considering especially in this course the field where it is said to have occurred the Battle of Jenipapo. We will try to understand how Historical Archeology and especially Archeology in Battlefields can help in the formulation of the arguments, in the understanding of the concepts, and in the appropriate methodology for this type of research. The methodology used consisted of a historical survey of documents about the locality, about the old ways, visits to the locality for the recognition of areas, orality survey, mapping of the main points of the possible camping and the paths, photographic images collections and aerial images made by drone. In this research we will discuss with Andrade Lima (1993), Albuquerque (2009), Carvalho (2014), Cavalcante (2014), Constantino (1993), Johny (2012), Ramos (2014), Najjar Lara (2014), Enríquez (2014), among others. At the end of this research we intend to present the map of the route of the troops from the camp in Angelim to the village of Campo Maior.

Keywords: Historical Archeology. Battle of Jenipapo. Battlefields. Old Paths. Camp.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Organização de um Batalhão de Infantaria.....	34
Figura 2- Artilharia utilizada nas guerras Napoleônicas.....	36
Figura 3- Carro das Munições.....	37
Figura 4- Planta da forma em que acampava o exército Português na marcha de S. Gonçallo pa Miçoens [Iconográfico].....	38
Figura 5- Vista do Acampamento e defesas em Curuzú.....	39
Figura 6- Localização da Fazenda Alecrim e do Capão do Fidié.....	41
Figura 7- Fazenda Alecrim.....	42
Figura 8- Possível entrada da antiga Fazenda Alecrim.....	43
Figura 9- Vista do ponto alto da Fazenda Alecrim.....	43
Figura 10- Outeiro aonde a antiga Fazenda Alecrim foi erguida.....	44
Figura 11- Ponto mais baixo do espaço onde se localiza a Fazenda Alecrim.....	44
Figura 12- Espaço pertencente à antiga Fazenda Alecrim.....	45
Figura 13- Área estimada de ocupação das tropas de Fidié.....	45
Figura 14- Cemitério do Batalhão.....	58
Figura 15- Ex- votos deixados no Cruzeiro.....	58
Figura 16- Cruzeiro localizado no Cemitério do Batalhão.....	59
Figura 17- Obelisco.....	60
Figura 18- Monumento do Batalhão.....	61
Figura 19- Um dos canhões expostos no pátio do Monumento do Batalhão.....	62
Figura 20- Mapa da Capitania do Piauí, destacando as primeiras vilas, os caminhos e o movimento das tropas portuguesas.....	70
Figura 21- Mapa do município atual de Campo Maior.....	71
Figura 22- Praça Bona Primo, onde os campo-maiorenses se reuniram antes do confronto....	72
Figura 23- Construção em cima das ruínas da antiga Fazenda Alecrim.....	73
Figura 24- Local da antiga fazenda Alecrim.....	74
Figura 25- Peças encontradas na Fazenda Alecrim.....	74
Figura 26- Vista parcial do Capão do Fidié.....	75
Figura 27- Estátuas representativas do camponês e o Vaqueiro.....	77
Figura 28- Interior do Museu do Jenipapo.....	77
Figura 29- Cemitério do Batalhão, antes da construção do Monumento do Batalhão.....	81

Figura 30- Planta baixa do Monumento do Batalhão.....	82
Figura 31- Planta do Cemitério após a construção do Monumento do Batalhão.....	82
Figura 32- Cemitério do Batalhão, em duas datas distintas.....	83
Figura 33- Homem em atitude de devoção acendendo velas no Cruzeiro no Cemitério do Batalhão e fazendo suas orações.....	84
Figura 34- Senhora fazendo suas orações.....	84
Figura 35- Localização da Fazenda Alecrim e do Capão do Fidié.....	86
Figura 36- Uma das entradas do Capão do Fidié.....	87
Figura 37- Vista da região do Capão do Fidié.....	88
Figura 38- Um dos clarões da região do Capão do Fidié.....	89
Figura 39- Imagem aérea de um dos pontos da região da Fazenda Alecrim.....	90
Figura 40- Região da Antiga Fazenda Alecrim.....	90
Figura 41- Região da Fazenda Alecrim.....	91
Figura 42- Vista do campo ao redor das Ruínas da antiga Fazenda Alecrim.....	92
Figura 43- Localidade da antiga Fazenda Alecrim.....	92
Figura 44- Uma das entradas dos Clarões do Capão do Fidié.....	93
Figura 45- Espaço de afloramentos rochosos na região do Capão do Fidié.....	94
Figura 46- Um dos maiores Clarões na região do Capão do Fidié.....	95
Figura 47- Lagos ao redor do espaço da Fazenda Alecrim.....	95
Figura 48- Rotas de um dos caminhos antigos.....	96
Figura 49- Passagem para o Rio Jenipapo.....	97
Figura 50- Margem do Rio Jenipapo.....	98
Figura 51- Mapeamento da Fazenda Alecrim, Capão do Fidié e do caminho antigo das tropas portuguesas.....	99
Figura 52- Bala de canhão encontrada nos arredores do Cemitério do Batalhão.....	101
Figura 53- Bala I encontrada no Campo da Batalha do Jenipapo, ponto analisado região menos oxidada.....	103
Figura 54- Bala II encontrada no Campo de Batalha do Jenipapo.....	104
Figura 55- Bala III encontrada no Campo de Batalha do Jenipapo.....	105
Figura 56- Bala IV supostamente encontrado no bolso do Major Fidié.....	106
Figura 57- Canhão 2 Fora do Museu do Batalhão, lado esquerdo e pavio.....	107

Figura 58- Canhão 2 fora do Museu do Batalhão, localizado ao lado direito.....	109
Figura 59- Canhão 4 localizado dentro do Museu do Batalhão.....	110
Figura 60- Canhão de Bronze localizado dentro do Museu do Batalhão.....	112
Figura 61- Espectro Comparativo das Análises Químicas das Balas I e IV com o Canhão de Bronze.....	114
Figura 62- Espectro Comparativo das Análises Químicas das Balas I e IV com os canhões exposto fora do Museu do Batalhão.....	116
Figura 63- Espectro Comparativo das Análises Químicas das Balas I e IV com um canhão de ferro de pequeno porte dentro do Museu do Batalhão.....	117

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Regimentos de Infantaria de Portugal.....	33
TABELA 2: Cavalaria do Exército Português.....	35
TABELA 3: Organização do Regimento de Artilharia.....	37
TABELA 4: Química da BALA 1.....	103
TABELA 5: Química da BALA 2.....	104
TABELA 6: Química BALA 3.....	105
TABELA 7: Química da Bala 4.....	106
TABELA 8: Química do Canhão 2 Fora do Museu.....	108
TABELA 9: Química do Pavio do Canhão.....	108
TABELA 10: Química do Canhão e do pavio respectivamente.....	109
TABELA 11: Química do canhão dentro do Museu do Batalhão.....	111
TABELA 12: Análise Química do pavio do canhão.....	111
TABELA 13: Análise Química do Canhão de Bronze, região oxidada.....	112
TABELA 14: Análise Química do canhão de Bronze, região externa da tinta.....	113
TABELA 15: Análise Química do canhão de Bronze, região menos oxidada.....	113

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	16
2. ARQUEOLOGIA EM CAMPOS DE BATALHA.....	22
2.1 A ARQUEOLOGIA EM CAMPOS DE BATALHAS CONCEITO, HISTÓRIA E IDENTIFICAÇÃO DE SÍTIOS BÉLICOS.....	24
2.2 A FORMAÇÃO DO EXÉCITO PORTUGÊS E A MONTAGEM DOS ACAMPAMENTOS MILITARES.....	29
2.2.1 A INFANTARIA.....	31
2.2.2 AS UNIDADES DE INTANTARIA.....	32
2.2.3 TIPOS DE CAVALARIA.....	34
2.2.4 TIPOS DE ARTILHARIA.....	35
2.3 O ACAMPAMENTO DE FIDIÉ E DAS TROPAS PORTUGUESAS.....	38
3 A BATALHA DO JENIPAPO: AS NARRATIVAS, AS MEMÓRIAS, AS LUTAS, ESTUDADAS PELA ARQUEOLOGIA HISTÓRICA.....	48
3.1 A BATALHA DO JENIPAPO.....	52
3.2 AS MEMÓRIAS DEIXADAS PELA BATALHA DO JENIPAPO.....	56
3.3 O CEMITÉRIO E O MONUMENTO DO BATALHÃO.....	57
3.4 A ARQUEOLOGIA HISTÓRICA NO CENÁRIO DA BATALHA DO JENIPAPO.....	64
4. O ENCABEÇAR DAS PRIMEIRAS INVESTIGAÇÕES.....	68
4.1 AS PRIMEIRAS PERCEPÇÕES NO CAMPO DA PESQUISA.....	69
4.2 REGISTROS DO TRABALHO DE CAMPO.....	73
4.3 A ORALIDADE REFLETIDA NO CONTEXTO DA BATALHA DO JENIPAPO.....	78
4.4 RELIGIOSIDADE, SIMBOLISMO EM TORNO DO CEMITÉRIO E MONUMENTO DO BATALHÃO.....	81
4.5 MAPEMAMENTO DO ESPAÇO DA FAZENDA ALECRIM, DO CAPÃO DO FIDIÉ E DOS CAMINHOS ANTIGOS.....	85

5. AS ANÁLISES QUÍMICAS DOS ARTEFATOS BÉLICOS ENCONTRADOS E EXISTENTES NO MONUMENTO DO BATALHÃO.....	100
5.1 ANÁLISES QUÍMICAS POR FRX.....	102
5.2 ANÁLISES DOS ESPECTROS E TABELAS.....	114
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	119
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	122
ANEXO I- ENTREVISTA COM O SENHOR RAIMUNDO NONATO DO NASCIMENTO.....	125
ANEXO II- ENTREVISTA COM O SENHOR ANTÔNIO MIRANDA.....	131
APÊNDICE I- REGIÃO DA ANTIGA FAZENDA ALECRIM.....	140
APÊNDICE II- VISTA AÉREA DA ANTIGA FAZENDA ALECRIM EM DIREÇÃO AO CAPÃO DO FIDIÉ.....	141
APÊNDICE III- CLARÃO I	142
APÊNDICE IV- CLARÃO II.....	143
APÊNDICE V- AFLORAMENTOS ROCHOSOS.....	144
APÊNDICE VI – CLARÃO III.....	145
APÊNDICE VII- REFERE-SE A TODOS OS COMPONENTES QUÍMICOS ENCONTRADOS EM TODAS AS AMOSTRAS TENDO COMO COMPARATIVO DAS ANÁLISES O ELEMENTO QUÍMICO O FERRO (FE).....	146

1. INTRODUÇÃO

No dia 13 de Março de 1823 ocorreu a Batalha do Jenipapo considerada por alguns historiadores como uma das batalhas que também favoreceu ao desligamento entre a colônia brasileira e a metrópole portuguesa. No atual município de Campo Maior localizado ao norte do Estado do Piauí, há exatamente 195 anos ocorreu a referida batalha e ainda se percebe como a lembrança deste acontecimento perpassa gerações. Para Monsenhor Chaves (2006) o Piauí não foi apenas o palco de uma das maiores batalhas do contexto da independência, mas a sua participação foi considerada o ponto mais alto nas lutas pela independência. O Major Fidié avançou no território piauiense e o confronto com os independentes foi inevitável.

Quando estamos diante de um fato histórico precisamos entender toda a construção em torno do momento político e econômico vivido na época, considerando as sucessões de acontecimentos que resultaram em seu estopim como guerras, batalhas, revoltas, como foi o que ocorreu durante a Batalha do Jenipapo. No decorrer da minha graduação em Arqueologia tive o primeiro contato com o tema “Batalha do Jenipapo” ao qual me dispus a dá continuidade a investigação nesta pesquisa de mestrado em Arqueologia.

Considero que na vida de um pesquisador, ocorre que muitas vezes é a pesquisa que lhe escolhe; e de certa maneira isso aconteceu comigo. Durante a minha formação em Arqueologia, percebi que em torno desta área de conhecimento existe uma variedade quase que ilimitada de temas de estudos fascinantes. Até então, eu ainda não tinha encontrado a minha paixão nas linhas de pesquisas disponibilizadas pelos orientadores no curso de Arqueologia, até o momento do meu encontro casual com o que seria o tema da minha pesquisa nos anos seguintes.

Tudo começou a se delinear em uma viagem de família rumo ao litoral piauiense, quando em nosso retorno resolvemos parar para conhecer o Monumento do Batalhão em Campo Maior no Piauí. Mesmo tendo sempre vivido no Estado do Piauí e morando há poucos quilômetros do referido lugar eu nunca havia reservado um tempo para explorar este lugar turístico e histórico. O pouco que sabia sobre ele era o que eu tinha estudado na escola de maneira rápida e bem específica na data comemorativa do dia 13 de Março, e também, através dos meios de comunicação; um assunto até então pouco explorado dentro do campo da Arqueologia.

Esta visita ocorreu no ano de 2010, mais precisamente no mês de outubro e lembro-me bem daquele dia não apenas por ter sido um momento familiar, mas como tudo naquele contexto me chamava à atenção, especificamente à própria história da Batalha, o Monumento

do Batalhão, o Cemitério do Batalhão e o Museu. Recordo-me de como o local se encontrava todo tomado pelo mato alto que contornava toda a área que o cercava desde os portões da entrada que na ocasião estavam quebrados. Naquele momento a impressão que tive foi a de um total abandono de tudo que constava naquele local, cada espaço percorrido estava com uma aparência de descaso.

Contudo, diante daquele monumento e seus canhões expostos não foi ele que me interessou em princípio; mesmo com a minha pouca experiência e como uma principiante na pesquisa arqueológica consegui desenvolver um olhar arqueológico ainda que limitado sobre aquele lugar, que me instigava em seus vários aspectos: a história que pouco se ouvia sobre a batalha ocorrida naquela localidade, os motivos que contribuíram de fato para que ela ocorresse e quem participou, quais seriam os interesses ali envolvidos, dentre tantos outros questionamentos.

Em meio àquela construção o cemitério foi a que mais me chamou a atenção. Ao olhar o Cemitério do Batalhão alguns aspectos despertaram o meu interesse: a disposição e a aparência recente das covas; quem estaria enterrado ali, haveria realmente sido enterrado algum participante da batalha, seja os independentes ou mesmo os portugueses, ou seria apenas um cemitério simbólico? Quem participou foram homens, mulheres, jovens, crianças, índios, fazendeiros, personalidades políticas, portugueses que naquela localidade pretendiam continuar vivendo? Foram muitos os questionamentos.

Como consequência durante o curso de Arqueologia, eu pude fazer um apanhando bibliográfico e realizar uma pesquisa sobre a forte tradição religiosa em torno do Cemitério do Batalhão. Como não havia tempo para que todas essas indagações mencionadas anteriormente fossem respondidas, foram considerados apenas os temas memória, religiosidade e tradições, pois precisávamos ter sensibilidade ao trabalhar com a comunidade ao redor, antes de nos dedicarmos a assuntos e temas tão delicados como os citados acima, onde há um forte laço emocional ao redor deste contexto (BRANCO, 2013).

Ao concluir o curso de Arqueologia afastei-me desta proposta de pesquisa e somente retornei em 2016 como mestranda do Programa de Pós- Graduação em Arqueologia retomando o tema da Batalha do Jenipapo, com uma perspectiva de estudo da Arqueologia Histórica em Campos de Batalha.

Uma das motivações na escolha deste tema, também foi o meu grande desafio. Conhecer a história do meu próprio estado e apreciar cada nova descoberta, confesso que foi um desafio, porque durante meu trajeto escolar este tema não havia chamado a minha atenção,

visto que durante este tempo escolar essa história tinha sido ignorada ou pouco abordada, ou quando eram ministradas não se prologavam, ou era tratado com descaso, pois não cairia em provas de vestibulares.

Assim, ao iniciar os estudos de um assunto já explorado no campo da História me deparei com alguns questionamentos considerados por mim mesma. Como estudar a Batalha do Jenipapo no contexto arqueológico? O que mais poderia ser descoberto pela Arqueologia? Durante as viagens de campo me deparei com questionamentos de outras pessoas como, por exemplo, “você irá escrever sobre isso”? “Já não escreveram tudo sobre esta batalha”? Ou ainda, “não já se sabe toda a história, não seria perda de tempo”? Ouvi diversos discursos como estes ao longo da minha pesquisa. Um pouco desanimador em princípio, mas também um fervoroso motivador. Todo o contexto que envolve esta batalha daria diversas teses e dissertações, mas vamos nos deter apenas às indagações desta pesquisa, para mostrar claramente o potencial deste lugar e desmitificar esta ideia de que não há mais nada a se falar sobre o referido tema.

A necessidade de estudar sobre a Batalha do Jenipapo e todo o seu contexto seria o de relatar as histórias não contadas, evidenciando a importância desta batalha nacionalmente, tornando-a de fato parte de nossa herança. Percebemos então o quanto existe para ser estudado contrariando aos que afirmam que tudo que se relacionava a este fato já havia se findado, assim a Arqueologia vem contribuindo cada vez mais com estes estudos.

A base da minha pesquisa encontra-se em uma antiga fazenda popularmente conhecida como Fazenda Alecrim. Esta fazenda fica localizada na região denominada Angelim no município de Nossa Senhora de Nazaré. Esta localidade Angelim e as fazendas em suas mediações foram supostamente um dos acampamentos onde Fidié e sua tropa ficaram acampadas quando estavam retornando da Vila de Parnaíba para a Capital Oeiras para conter os movimentos separatistas naquela localidade (NUNES, 2007; SANTANA; SANTOS, 2007). Naquelas mediações existe um local conhecido pela população como Capão do Fidié, por apresentar na época uma mata fechada e ser um dos locais com características favoráveis ao esconderijo da tropa em caso de haver confronto na passagem pela Vila de Campo Maior.

A partir desses dados históricos e da memória da população local foi possível mapear o local e traçar um dos caminhos antigos percorridos pelas tropas portuguesas até o encontro com os independentes, ocorrido no dia 13 de Março de 1823. Partindo da localidade Angelim foi traçado os pontos percorridos pelas tropas portuguesas com o intuito de compreender e interpretar esses caminhos até o provável local do Campo de Batalha.

No campo da Arqueologia e desta pesquisa algumas linhas de pesquisa foram utilizadas e abordadas mais especificamente, como por exemplo, Arqueologia Histórica que nos auxilia nesta pesquisa por se enquadrar nas interpretações que foram utilizadas, pois ela permite que se criem novas narrativas críticas, mesmo que estas análises ainda sejam submetidas às narrações de uma determinada nação. Ainda assim com toda a materialidade existente e a narrativa dominante, com a Arqueologia Histórica podemos voltar sobre a mesma como se estivéssemos estudando outro grupo, acontecendo o mesmo com todos os seus conflitos, ainda que a grande maioria delas tenha sido silenciada pela materialidade da opressão e resistência (FUNARI, 2005, p.4), ou seja, apesar da História Oficial ter sua materialidade e narrativa elas podem ser questionadas e estudadas pela Arqueologia Histórica e os seus efeitos em um determinado grupo aos longos anos, que possivelmente tenham sofrido com essa narrativa dominante, sendo elas silenciadas por essa materialidade.

A Arqueologia em Campos de Batalha que está inserida dentro do contexto da Arqueologia Histórica concentra-se em analisar conflitos, batalhas, guerras, acampamentos militares, pois constituem um tipo de sítio arqueológico diferente, onde as comunidades inseridas neste contexto são frutos de situações políticas, descolonização ou mudanças de regimes (LANDA, LARA, 2014.).

Durante esta pesquisa foram utilizadas diversas metodologias para se chegar aos objetivos pontuados que são o mapeamento da Fazenda Alecrim como acampamento das tropas de Fidié e o mapeamento de um trecho dos caminhos mais antigos conhecidos pelos moradores do lugar que conduziam os viajantes à cidade de Campo Maior. O passo inicial foi o levantamento bibliográfico sobre a Batalha do Jenipapo, onde percebemos o contexto histórico no qual ela ocorreu. Foi realizada pesquisa no Arquivo Público de Teresina em documentos da época que abordavam sobre as vilas e fazendas nos arredores de Campo Maior, com o objetivo de compreender o contexto daquelas localidades.

Foi realizado um levantamento fotográfico e de filmagens do campo que compreende o acampamento a Batalha do Jenipapo tentando com isso identificar possíveis mudanças na paisagem no decorrer do tempo, pois se percebe as modificações na paisagem mesmo que de maneira singela, por exemplo, as épocas de matas mais secas ou mais robustas, assim como as cheias e as estiagens de rios e o aparecimento de lagoas em alguns períodos do ano, para tentarmos ter uma melhor percepção do espaço geográfico, da vegetação e dos afloramentos rochosos.

Também foi realizado um trabalho de campo que consistia em visitas periódicas ao local da pesquisa. Essas visitas de campo trouxeram uma visão mais ampla do contexto histórico. Em todas as visitas a interação com a comunidade foi algo constante e muito bem aproveitado sempre respeitando o espaço deles dentro do tempo que dispomos para os deslocamentos a esses encontros. Nestas visitas ao campo da pesquisa foi possível compreender este espaço através das histórias contadas pelos moradores da comunidade. Em vários momentos a interação com a comunidade foi essencial para o desenvolvimento da pesquisa, principalmente para conhecer os locais identificados por eles como o Capão do Fidié e nomeados por nós como acampamento e caminhos percorridos pelas tropas portuguesas.

Os autores com os quais construí o diálogo foram: Andrés Zarankin (2008), Carvalho (2014), Cavalcante (2011), Enríquez (2014), Furquim (2011), Funari (2005), Johny (2012), Malerba (2005), Orser Jr. (1992), Pelini (2015), Ramos (2014), Symanski (2009), Trigger (2004), dentre outros.

Esta dissertação está constituída por seis capítulos. No capítulo introdutório se apresenta o tema ao qual foi proposto para esta pesquisa, o estudo do Acampamento de Fidié e suas tropas e um dos caminhos antigos percorridos por ele. Foi exposto a problematização, a justificativa, os objetivos e a metodologia utilizada para a realização desta pesquisa, pontos esses que serão aprofundados nos próximos capítulos.

No segundo capítulo se trata do conceito de Arqueologia em Campos de Batalha, como podemos reconhecer um sítio histórico como um sítio bélico. Ainda neste capítulo foi exposta a composição do Exército Português, e como eram montados os acampamentos europeus e como supostamente foi montado o acampamento das tropas portuguesas na Vila de Campo Maior.

O terceiro capítulo é uma abordagem do contexto histórico que envolve a Batalha do Jenipapo, a situação política e econômica da época, o contexto geral do Brasil colônia até o momento da batalha apontando os fatores que levaram a este acontecimento histórico. Ainda no mesmo capítulo foi apresentada uma contextualização do objeto de estudo, a localidade da Fazenda Angelim, como um dos acampamentos das tropas do Major Fidié, abordando o momento da pós-batalha destacando o que resultou desta batalha, assim como as consequências trazidas para os dias atuais e o impacto que este momento histórico provocou na população. Será trabalhada a ideia de memória, religiosidade, pós- memória, oralidade, contextualizando estas abordagens com a materialidade gerada dentro deste universo como,

por exemplo, o Cemitério do Batalhão, o Monumento do Batalhão, o Museu e suas criações em cada data distinta, gerando uma reflexão em cada um desses momentos, dialogando com a Arqueologia, com suas contribuições e teorias.

No quarto capítulo se descreve a metodologia aplicada nesta pesquisa de maneira bem mais detalhada dentro da complexidade do tema. Algumas das metodologias utilizadas foram idas ao campo de pesquisa que aconteciam pelo menos uma vez por mês. Foram utilizados equipamentos como Drone, GPS, máquinas fotográficas, vídeos, para uma compreensão mais detalhada do espaço que estava sendo estudado. Foram realizadas algumas entrevistas com moradores mais antigos onde obtivemos algumas informações relevantes para esta pesquisa e estudos futuros.

No quinto capítulo se apresenta uma série de análises químicas que foram necessárias pelas evidências encontradas durante as idas ao território onde se compreende a pesquisa. Neste capítulo são apresentadas várias análises de canhões e balas de canhões que foram sendo coletadas durante a pesquisa.

O sexto e último capítulo são as considerações finais onde foram interpretados todos os dados obtidos dentro do que foi proposto e realizado durante esta pesquisa. E também as possibilidades de estudos futuros que esta pesquisa trouxe.

É importante ressaltar que embora esta pesquisa englobe metodologias de outras ciências como a História, a Antropologia e a Geografia, por exemplo, trata-se de uma pesquisa no campo da Arqueologia com a interdisciplinaridade que esta ciência exige. A abordagem Arqueologia em Campos de Batalha como ela foi aplicada nesta pesquisa encontra-se nos passos iniciais no Brasil, pois no Estado do Piauí não temos fortificações como as encontradas em Pernambuco, por exemplo, como o Forte Orange estudado pelo Professor Marcos Albuquerque (2009).

Sítios bélicos como cenário da Arqueologia em Campos de Batalha visto na Argentina Landa e Lara (2014) foram aplicados durante esta pesquisa no diálogo com a Batalha do Jenipapo, justamente por se tratar de um acampamento provisório, de curta duração, sem fortificações, o que dificulta a limitação deste espaço e sem referências publicadas até momento com a semelhança do campo de batalha aqui estudado no Brasil. A Arqueologia em Campos de Batalha entra nesta pesquisa como ponto principal na compreensão desse tipo de sítio arqueológico.

2. ARQUEOLOGIA EM CAMPOS DE BATALHA

A Arqueologia é uma ciência que estuda o passado em que o ser humano esteve inserido, compreendendo o seu comportamento em sociedade, a sua cultura, as suas linguagens e seus vestígios que foram deixados ao longo de sua passagem, devido a isso conseguimos compreender algumas questões referentes ao seu passado que refletem na construção da sociedade como a conhecemos. Podemos fazer análises através dos dados obtidos por esta ciência e dentro das possibilidades levantar alguns questionamentos com a intenção não apenas de buscar respostas, mas entender essas indagações. A Arqueologia como disciplina investiga as transformações socioculturais ao longo do tempo, produzida pela cultura material que esta sociedade deixou (ANDRADE, p.12, 2011).

[...] fica implícito que seu interesse primordial é explicar fenômenos de mudança cultural, operando, fundamentalmente, a partir de três dimensões interrelacionadas que estruturam a vida social: forma, espaço e tempo (ANDRADE, p. 12, 2011).

Ao conceituar Arqueologia História Orser Jr. (1992) faz algumas colocações da dificuldade de diferencia-la da História e da Antropologia justamente por ela ter sido inserida nesses dois campos científicos, o que gerou por muito tempo grandes discussões. Sendo assim a postura do arqueólogo era um divisor de águas já que diante deste impasse também determinava qual seria o futuro e a abrangência de sua pesquisa. Sobre estas questões ele ressalta que:

O que diferencia a Arqueologia Histórica é seu foco de atenção no passado recente e moderno, um passado que incorporou muitos processos, perspectivas e objetos materiais que ainda estão sendo usados em nossos dias. Esses elementos históricos do passado recente constituem o mundo moderno, e grande parte desta constituição, ainda que extremamente complexa em sua compreensão, é levada a cabo com objetos materiais (ORSER, 1992, p. 14).

A maneira como a Arqueologia História fornece e analisa os conflitos desse passado recente é única diante das ideias geradas em torno de artefatos de diferentes povos, que se acumulavam ao longo do tempo ao interpretar esses conflitos e observar como ele afetou diversas sociedades em diferentes regiões. Esses desafios não pertencem nem a História e nem a Antropologia e sim “ao estudo científico, em geral, da ligação entre o passado e o presente” como afirma (ORSER, 1992, p. 14).

A Arqueologia Histórica está relacionada ao estudo dos fatos e acontecimentos ocorridos nos contextos históricos. As diferentes abordagens de conhecimento proporcionam um aprofundamento ainda maior de situações vividas no passado com métodos e técnicas utilizadas pela Arqueologia. Esses métodos e técnicas da Arqueologia Histórica serão utilizados nesta pesquisa para entender a dinâmica de um Sítio de Campo de Batalha¹ seguindo algumas etapas: 1- Estudos e pesquisas arqueológicas sobre o tema e pesquisas semelhantes, para compreender as possibilidades de pesquisas; 2- Estudo sobre a Batalha do Jenipapo; 3- Atividades de campo regularmente com o propósito de mapear pontos arqueológicos. Embora a Arqueologia do Conflito seja o estudo mais específico, ela se encontra como subárea da Arqueologia História, e antes de tudo um sítio com características bélicas não deixa de ser um sítio histórico, ou seja, trabalha-se com as duas abordagens em conjunto.

A arqueologia dos conflitos tem se estabelecido como uma importante subárea da arqueologia histórica, com a consolidação de um corpus de pesquisa crescente nos últimos trinta anos (LINO, p. 3, 2011).

As investigações arqueológicas que buscam o entendimento sobre os temas de conflitos e batalhas lida com alguns termos, como por exemplo, “arqueologia dos conflitos”, “arqueologia dos campos de batalha”, “arqueologia militar”, “arqueologia dos combatentes”, que provem de diversas traduções livres do inglês (LINO, p. 3, 2011), o que muitas vezes pode dificultar a diferença entre essas linhas de pesquisas que são muito próximas. Assim como na Guerra do Contestado Lino (2011, p. 4) abordou o tema sobre a perspectiva da arqueologia em campos de batalha enfatizando os aspectos militares e dos conflitos bélicos e a arqueologia do conflito em relação aos movimentos sociais, que na Batalha do Jenipapo foi influenciada de maneira geral pela independência do Brasil, será utilizado alguns desses vieses ao longo do estudo relacionado ao campo de batalha do Jenipapo.

Esta pesquisa embora se tenha levantado alguns dados relevantes torna-se importante ressaltar que ela inicia seus primeiros passos, então a mesma não vem com objetivo de fechar possibilidades ou de dá conclusões definitivas a respeito do tema, mas de abrir janelas para sua continuação. A Arqueologia Histórica e a Arqueologia em Campos de Batalha são o

¹ Esse subcampo da Arqueologia se dedica ao estudo dos territórios e dos vestígios materiais em campos nos quais ocorreram guerras pela defesa ou ocupação do território. No Brasil, esse ainda é um campo incipiente. Na Argentina, entretanto, o Campo de Batalha da Guerra do Paraná, vem sendo investigado por mais de dez anos. Esse ramo da Arqueologia se funde com o da Arqueologia da violência entendido no passado com o extermínio dos indígenas. Dessa forma, torna-se difícil desvincular o estudo dos campos de batalha do mundo moderno, sem considerar a violência sofrida por essas populações autóctones (CARVALHO, p. 20, 2014).

suporte teórico que conduzem esta pesquisa, assim como grande parte dos métodos utilizados é do campo da Arqueologia que a fundamentam em estreito diálogo com as demais ciências já mencionadas como a História, a Antropologia, a Geografia, a Química, dentre outras.

2.1 A ARQUEOLOGIA EM CAMPOS DE BATALHAS CONCEITO, HISTORIA E IDENTIFICAÇÃO DE SÍTIOS BÉLICOS

Uma subárea da Arqueologia Histórica denominada Arqueologia dos Campos de Batalha teve seu começo com estudos focados em investigações de períodos com fortes documentos que caracterizavam a presença bélica (ENRÍQUEZ, 2014, p. 45). Os eventos que constituem batalhas foram incorporados à Arqueologia do Conflito. A história militar das batalhas são estudadas com métodos utilizados pela Arqueologia, que se inicia pelos artefatos encontrados em escavações, tentando assim entender a situação e a maneira da história militar das guerras e batalhas desde quando se constituíram até o seu apogeu, incluindo ainda o período pós-guerra que foram identificados por monumentos erguidos nos respectivos lugares (ENRÍQUEZ, 2014).

Ao estudarmos Campos de Batalha torna-se necessário compreender como identificar sítios arqueológicos que se caracterizam com estes aspectos. Em muitos casos esses sítios se constituem como locais de cenário de conflitos e guerras, e por terem pontos de vistas teórico-metodológicos bem significativos, tendo em vista que as características mais fortes são suas evidências como afirma Landa e Lara:

Estas paisagens de batalha possuem um poder de evocação que atravessa diversas escalas (localidades, regiões e nacionalidades). São espaços de esquecimento e memória, e recordam memórias feridas, evidenciam cicatrizes, mobilizam e chocam; eles são referências de identidade, constituem estigmas e são celebrados (LANDA; LARA, 2014, p. 35).

Segundo os autores esses tipos de sítios arqueológicos possuem algumas características de identificação comuns como as construções, as fortificações, a sua paisagem justamente caracterizado por monumentos ou cemitérios, pelas memórias que atravessam gerações e mobilizam pessoas, regiões, cidades, pois como afirma o autor isso se deve às suas referências de identidade.

Muitos campos de batalhas históricas são nitidamente marcados, principalmente pela construção de monumentos ou outras estruturas. Alguns – notadamente os de períodos mais recentes – mantêm os cemitérios com todos os atributos monumentais do espaço funerário. Outros são marcados como lugares históricos para serem notados por visitantes por meio da presença de obeliscos, placas e painéis explicativos. Outros são mantidos como patrimônio pleno, incluindo as instalações de um museu, caminhadas guiadas e outros elementos de apresentação do passado. Um aspecto que nos interessa aqui é o tipo de utilização e a serviço de quem estes lugares são tidos como “especiais”. (CARMAN, 2005, p. 220 apud LINO, 2011, p. 5).

Quando nos voltamos ao campo da Batalha do Jenipapo percebemos a presença destes aspectos ao constatarmos a força da memória e da religiosidade popular em torno do Cemitério do Batalhão que perdura por quase dois séculos. A construção do monumento ornamentada com canhões em seu entorno também aparece nesse contexto denotando poder.

Outro aspecto interessante que os autores ressaltam é como os estudos deste tipo de sítio estão ligados a questões de descolonização. Esses conflitos e suas problemáticas surgem como produto de crises dentro de um sistema que está fadado ao fim, isto não implica dizer que apenas os conflitos de processos nacionais são responsáveis por todo o estopim de conflitos e batalhas. Em muitos casos são motivos que precedem crises menores existentes que geram força maior para que o conflito torne-se de fato uma batalha ou uma guerra, como ocorreu na província de Campo Maior.

No Piauí, cuja consolidação da Independência foi marcada por uma violenta ação militar para expulsão dos portugueses, foi necessário contar com a participação dos grupos populares que, em grande parte, foram seduzidos pelo discurso nacionalista, encabeçado por uma parcela significativa das elites, a fim de constituir um verdadeiro exército libertador. Ou seja, foi imperativo se construir um discurso de nacionalidade para que a população pobre pudesse compor um exército patriota (JOHNY, p. 30, 2015).

Considerando que a Batalha do Jenipapo seja compreendida no contexto de Independência do Brasil, sendo este momento histórico ligado ao último enlace colonial entre Brasil e Portugal, não se pode desconsiderar o fato que as comunidades existentes na província piauiense, na vila de Campo Maior e nas proximidades não tivessem seus próprios conflitos, tentando assim reivindicá-los durante esta batalha, considerando assim que não apenas o patriotismo e as lutas pela independência estariam motivando-os a lutar (JOHNY, 2012). É importante ressaltar que mesmo não sendo apenas este o motivo que levaram os independentes a lutarem, a Batalha do Jenipapo entra no cenário de lutas, revoltas e batalha

pela independência do Brasil pelo fato já mencionado que se enquadra no último aspecto que consideraria as terras brasileiras colônia de Portugal.

A Arqueologia tem abordado esses sítios históricos de campos de batalha enquadrando-os em três classificações de acordo com Landa & Lara (2014, p. 36) em “Arqueologia do Conflito, Arqueologia da Violência, Arqueologia Militar ou Arqueologia da Guerra”.

Arqueologia do Conflito é conceituada como “o estudo de padrões culturais, atividades humanas e comportamentos associados aos conflitos de sociedades do passado, tanto pré-históricos como históricos” (Freeman y Pollard 2001; Schofield et al. 2006; Scoott y McFeaters 2011, Apud Landa & Lara, p. 36, 2014). Podemos entender que determinados comportamentos quando não estão de comum acordo com os que comungam pelos mesmos interesses podem surgir conflitos. Esses conflitos podem ser resolvidos mediante a discussões, isso é determinado como o próprio grupo irá administrar as diferenças que aparecem. Mas muitas vezes esses conflitos não são solucionados de maneira pacífica, gerando o confronto por meio de guerras, batalhas e revoltas.

A Arqueologia da Violência “é o estudo de padrões culturais, atividades humanas e comportamentos associados aos conflitos de sociedades do passado, tanto pré-históricos como históricos” (Freeman y Pollard 2001; Schofield et al. 2006; Scoott y McFeaters 2011, Apud Landa & Lara, p. 36, 2014). Neste caso já estamos nos deparando com o conflito no seu sentido concreto, essas diferenças podem estar inseridas tanto no mesmo grupo como em outro. Muito desses comportamentos eram gerados pelo poder territorial e as conquistas de povos. Já a Arqueologia Militar ou Arqueologia da Guerra pode ser entendida como:

[...] um ramo da disciplina de arqueologia que alcança uma certa independência conceitual, e que tem o seu próprio e específico objeto de estudo - a evidência material da ação militar do humano - em forma de armas, campo de batalha, acampamentos militares e fortificações, fossas comuns [...] se bem dispõe de uma ampla gama de métodos da arqueologia e com métodos específicos (prospecção de campos de batalha, análises de arma, etc, (SANZ, 2008, p. 3).

Diante dessa classificação percebemos que são conceitos muito próximos. A intenção ao trazer esses aspectos não é gerar uma segregação entre a Arqueologia em Campos de Batalha, mas tentar demonstrar a abrangência desta temática que não está restrita apenas a sítios históricos. A Arqueologia do Conflito assim como a Arqueologia da Guerra encontra-se em sítios arqueológicos como fortificações, centros clandestinos de detenção, valas comuns, campos de batalha, etc. Quando nos referimos a Arqueologia do Conflito e da Violência elas

não podem ser consideradas como sinônimos, pois um conflito não necessariamente resulta em violência, em muitos casos este conflito se resolve mediante acordos, mas toda a violência está ligada intimamente há algum conflito, então podemos afirmar que toda violência foi gerada por algum conflito, mas nem todo conflito gera a violência (LANDA; LARA, 2014). Em grande parte das batalhas existentes no passado, elas resultaram de conflitos gerados fossem eles pelo poder em conquistar territórios ou simplesmente por crueldade.

Para os arqueólogos que estudam conflitos ou confrontos, eles percebem que o grau de violência durante os eventos bélicos é perceptível em restos ósseos humanos, como traumatismos causados pelo armamento utilizado; em artefatos como armas e balas de canhões; em documentos da época; em diário de campo dos militares; em acampamentos; em vestimenta de militares, botas, botões, fortificações; cemitérios, todos esses vestígios são indícios de sua existência (ENRÍQUEZ, 2014, p. 50).

Quando existe a eminência de uma batalha ou guerra como já foi mencionado gera-se a princípio o conflito, quando este não é solucionado vem-se o confronto com a violência resultando na Batalha. Antes do momento do confronto existe a preparação de ambos os lados. Contabilizam-se a quantidade de armamento que será utilizado, a função de cada soldado no campo da batalha, quem coordenada cada bateria, quais são os melhores locais para surpreender o inimigo e o local onde ficarão os feridos e o acampamento.

De acordo com o Dicionário (2016) o conceito de acampamento significa:

Popularmente conhecido como acampamento para a atividade, em que os indivíduos têm um alojamento temporário criado no local numa base informal, em um terreno ao ar ou transportáveis livre com a missão de habitar durante os dias que dura a sua atividade, que pode variar de alguns dias a vários meses (DICIONARIO CONCEITOS, 2016, acesso 13 de Junho de 2018).

Os acampamentos como descrito acima são lugares temporários com algum propósito sejam eles de pesquisa, lazer, atividades físicas ou militares. Nesta pesquisa o estudo diz respeito a um lugar em que se considera ter sido um acampamento do Major Fidié e suas tropas e como possivelmente eles tenham se alojado até o momento do confronto com os independentes às margens do rio Jenipapo. Sabe-se que após a declaração de Independência da Vila de Oeiras em 24 de Janeiro de 1823 enquanto Major Fidié e suas tropas mantinham acampamento fixo na Vila de Parnaíba, pois haviam marchado para lá com a intenção de por fim a aquela revolta, seu propósito nessas terras era mantê-las subordinadas a Portugal. Ao

longo do seu retorno à Vila de Oeiras, na época capital da Província do Piauí teve que enfrentar um pequeno confronto na Vila de Piracuruca. Apesar deste pequeno confronto não ter tido um impacto significativo para as tropas portuguesas com grandes perdas o ideal era continuar a marchar e encontrar um local para repousar e contabilizar os armamentos, os feridos e para os animais descansar. Considerando ainda rumores que na Vila de Campo Maior formava-se um ataque iminente, era necessário descansar, alimentar os animais, equipar seus armamentos e se preparem para o confronto que lhes esperava. O mais coerente seria montar um acampamento próximo ao local aonde iriam se enfrentar com os independentes na vila de Campo Maior.

Quando se define um acampamento militar pensa-se em estratégia; o melhor lugar; próximo a rotas de fugas; lugares com rios, riachos ou lagoas; que tenha proteção. As tropas portuguesas lideradas pelo Major João José da Cunha Fidié quando possivelmente escolheu a Fazenda Alecrim como seu acampamento ele como um militar muito bem preparado e experiente é possível entender os motivos que levaram à sua escolha. A antiga Fazenda Alecrim que atualmente não existe mais, apenas é possível identificar o local com a orientação de moradores do lugar, por existir ainda restos de outras construções mais recentes no antigo lugar que se localiza em um outeiro e do ponto de vista estratégico proporcionaria uma visão privilegiada de todo o terreno, por onde existia uma antiga estrada e é relativamente plano seriam pontos importantes no momento da escolha para um possível acampamento. Nas mediações da antiga fazenda existia um campo vasto, com pequenos riachos, mata densa, aéreas alagadas e pastos suficiente para os animais, espaço este com condições ideais para se montar um acampamento de guerra.

Para Ribeiro (2010),

O conhecimento do território é uma das matérias fundamentais que todo o comandante e seus encarregados devem estudar, é importante desde o comando das menores unidades de combate até nos mais altos escalões, onde se discute a estratégia e se desenvolve o conhecimento da geografia. Não podemos considerar apenas as condições do terreno, mas do território com todas as suas complexidades, este último sempre foi de extrema importância na análise, estruturação e execução de qualquer problema bélico que se apresente. Toda solução a uma situação tática ou estratégica requerem a conhecimento prévio do cenário de onde vai se atuar (RIBEIRO, 2010, p. 11).

Como se pode perceber Ribeiro (2010) afirma que diante da escolha de um acampamento muitas coisas devem ser levadas em consideração como o local ideal, além daquelas que já foram citadas, como por exemplo, a proteção para não sofrerem emboscadas e

também poder surpreender o inimigo. Neste perfil além de acampamentos podem ser encontrados sepultamentos que podem vim a consolidar algumas discussões sobre os armamentos, dietas alimentares em campos de batalhas e principalmente o perfil demográfico como afirma Enríquez (2014, p.50) que é umas das consequências geradas durante esses conflitos a perda de homens jovens, incluindo mulheres que poderiam ser capturadas pelo inimigo.

A partir desta perspectiva Ribeiro (2010, p. 16) assinala dois aspectos fundamentais no contexto da escolha de um acampamento militar: “são eles os fenômenos naturais e a interpretação do local da escolha. O momento dessa escolha interfere em várias demandas sendo uma delas a vitória”. Para a Arqueologia este lugar de acampamento pode ser definido como sendo, também o Campo de Batalha. Para Enríquez (2014, p. 51) apesar de ela considerar e definir que “um campo de batalha é um lugar onde é levado a cabo o encontro militar, integrando suas características naturais”, ela também faz outras afirmações no momento em que considerarmos o local do confronto como o campo de batalha propriamente dito:

[...] desde aspectos ecológicos até topográficos—e culturais--- o padrão de assentimento das edificações, da estratigrafia, incluindo o espaço da batalha-- -. Tal conceito engloba a cultura material e a contenção de: artefatos bélicos e pessoas, assim como os espaços de preparação das operações militares [...] (ENRÍQUEZ, 2010, p. 51).

Percebe-se na fala da autora que não apenas o espaço do confronto pode ser considerado um campo de batalha, mas o espaço da preparação para a batalha também pode ser, pois ali são montadas todas as estratégias de guerra, rotas de fuga, um segundo ou terceiro plano caso algum não obtivesse o resultado esperado, resultando assim, como por agregação o acampamento estar inserido no conceito e fazer parte do campo de batalha.

2.2 A FORMAÇÃO DO EXÉRCITO PORTUGUÊS E A MONTAGEM DE ACAMPAMENTOS MILITARES

No primeiro momento falamos sobre os conceitos de Arqueologia em Campos de Batalhas, como reconhecer este sítio arqueológico juntamente com suas características e as definições de acampamentos. Agora vamos entender como é formado um exército Português, o que o compõe, com suas definições e seus acampamentos. Será abordada a organização

militar de Portugal durante a Guerra Peninsular². Para termos noção como as tropas eram dispostas, pois normalmente a logística de guerra era a mesma, com mudanças sutis e devido ao período em que consistiu a batalha, local escolhido e condições climáticas.

É importante analisar como se organizavam o exército Português, entender como eles utilizavam a Infantaria, a Artilharia e a Cavalaria, a quantidade de soldados necessária para os combates. Com esses dados podemos fazer uma estimativa mais próxima da real quantidade dos soldados portugueses que aqui se encontrava em território piauiense, qual o tipo de canhões eles poderiam estar manuseando e principalmente à estimativa territorial necessária para a quantidade de homens que aqui estaria formando assim o acampamento.

A intenção nesta seção não é aprofundar sobre todos os comandos, os regimentos portugueses, mas analisar suas disposições e a formação básica militar para compreender a dinâmica necessária no momento da composição para montar o acampamento militar das tropas do Major Fidié. Esta é uma pesquisa introdutória sobre estratégias militares de guerra, pois o intuito não é o aprofundamento deste aspecto, mas apenas a compreensão da logística do acampamento para a sua organização.

Sobre a organização militar Freitas (2008) explica como era dividida a unidade administrativa da Infantaria da seguinte forma:

A grande unidade administrativa para a infantaria era o terço, designação de origem espanhola (tercio) que remonta ao século XVI. Corresponhia ao regimento, termo então em uso em vários exércitos da Europa central e do norte: agrupamento de várias companhias, cujo comando era atribuído a um coronel. Em Portugal, os termos regimento e coronel, na infantaria, só eram aplicados por tradição às unidades da ordenança de Lisboa. O terço era comandado por um mestre de campo, coadjuvado por um sargento mor, a quem competia à parte técnica (FREITAS, 2008, p. 2).

Pelo exposto podemos perceber que em Portugal já havia uma diferença na nomenclatura quando se tratava do regimento. Como existiam formações independentes para operações específicas, podemos supor que essas organizações tivessem uma quantidade limitada de soldados para cada missão, ou seja, quando eles eram convocados já se sabia exatamente o que seria feito naquela localidade. No caso da Batalha do Jenipapo era conter os movimentos que surgiam para juntar-se a D. Pedro. Freitas (2008) reforça que:

²Foi uma guerra que durou de 1807 a 1814 e envolveu vários reinos como Portugal, Espanha, Inglaterra e França durante os conflitos napoleônicos (ALVES, 2010). “Também conhecida como as Invasões Francesas em Portugal ou a Guerra da Independência em Espanha” (LORENÇO, p. 11, 2013).

Além da organização em terços, a infantaria portuguesa também compreendia companhias independentes (soltas, como então se dizia). No exército profissional eram raras e normalmente de curta duração, acabando quase sempre absorvidas por um dos terços existentes. O mesmo sucedia entre a milícia de auxiliares. Já na milícia de ordenanças, a companhia era a estrutura básica de organização, pois os terços eram formados ad hoc, isto é, para uma operação ou uma campanha específica (FREITAS, 2008, p. 3).

Quando se fala de organização militar existem três armas que dividem as forças combatentes: a Infantaria, a Cavalaria e a Artilharia (MOURÃO, 2011).

Para Mourão (2011),

A Infantaria e a Cavalaria eram (e são) os elementos de manobra. Caracterizavam-se por combinar o fogo (dos mosquetes da Infantaria, das carabinas da Cavalaria) ou o choque (da Cavalaria armada com sabre ou da Infantaria que utilizava o mosquete com baioneta) com o movimento que lhes permite aproximarem-se do inimigo e/ou obter uma posição mais vantajosa. A Artilharia era o elemento de apoio de fogos. Apoiava os elementos de manobra visava neutralizar ou destruir, através das suas bocas-de-fogo, as forças inimigas (MOURÃO, 2011, p. 1).

Podemos analisar que esses três elementos a Infantaria, a Cavalaria e a Artilharia tinham sua importância para o bom andamento da batalha durante o confronto. A organização e a logística neste sentido são essenciais para obter o sucesso durante a guerra. A missão de cada um deles era a sobrevivência das tropas, atualmente serviços de comunicações, de engenharia, de apoio logístico, do serviço de saúde, essas unidades já não existem dentro deste quadro de organização (MOURÃO, 2011).

Mourão (2011) apresenta como era organizado de fato cada unidade pertencente à Infantaria, a Cavalaria e a Artilharia do Exército Português.

2.2.1 A INFANTARIA

Segundo MOURÃO (2011) dividia-se a Infantaria em dois grupos: Infantaria de Linha (ou pesada) e Infantaria Ligeira. De tal maneira que:

A Infantaria de Linha era o tipo de infantaria constituída pela maior parte dos efetivos dos exércitos europeus. Este nome passou a ser utilizado desde que as condições táticas obrigaram as unidades de infantaria no campo de batalha a disporem os seus efetivos em linha (com três ou duas fileiras de profundidade). Desta forma tiravam o máximo rendimento do fogo dos seus mosquetes (MOURÃO, 2011, p. 2).

O referido autor conceitua a Infantaria Ligeira da seguinte forma:

Era na realidade muito semelhante à infantaria de linha. Destinava-se a atuar como corpo de tropas destacadas, à frente do corpo principal da força que era formado por tropas de infantaria de linha, com vários objetivos: obter informações sobre as formações inimigas, flagelar as forças inimigas antes de estas entrarem em contato com o corpo principal de tropas, dificultar ou impedir a observação e o fogo da infantaria inimiga sobre as tropas de linha (dispostas em linha) à retaguarda. Poderiam ter outras missões e também atuavam muitas vezes como tropas de linha, exatamente da mesma forma que as tropas de infantaria de linha atuavam, quando necessário, como infantaria ligeira (MOURÃO, 2011, p. 2).

2.2.2 UNIDADES DA INFANTARIA

As Unidades de Infantaria são compostas pelo Batalhão que são justamente as bases que sustentam a Infantaria no decorrer da Batalha. Existiam também as companhias que nelas eram formados de fato os exércitos e a quantidade de soldados designado em cada companhia, essa proporção de soldados variavam de 500 a 1500 soldados. Todas as formações de cada companhia geravam os pelotões e os regimentos que eram locais fixos para as operações em batalhas, cada regimento era distinguido por uma numeração. Em Portugal, de acordo com a organização de 1806, retomada por Beresford³, existiam vinte e quatro Regimentos de Infantaria. William Carr Beresford foi nomeado na ilha Madeira em 1808 para integrar o Exército Britânico com o de Portugal. Um dos primeiros desafios a ser realizado por Beresford era organizar a defesa de Lisboa e organizar o exército Português que naquele momento tinha 30.000 soldados onde eles estavam em péssimas condições físicas. “O Exército Português era indisciplinado, e práticas como a deserção e a corrupção eram constantes” (LOURENÇO, 2013, p. 15).

³ “William Carr Beresford nasce em 1768, tendo falecido em 1854, vivendo um período longo quando comparando com a esperança média de vida registada em Inglaterra. Mais de 40 anos da sua vida foram passados em batalhas constantes. Nasce na ilha da Irlanda, filho ilegítimo de George de la Poer Beresford, Primeiro Marquês de Waterford, era irmão do aclamado Sir John Poo Beresford, falecido em 1844. William Carr Beresford recebeu a sua educação em Catterick, Norte Yorkshire, tendo iniciado a sua carreira militar com 16 anos na Academia de Estrasburgo, para onde fora enviado. Decorridos 12 meses, William Carr Beresford recebe a sua primeira comissão militar como porta-estandarte do 6º Regimento de Infantaria” (LOURENÇO, p. 12, 2013).

Tendo em vista a reorganização do Exército Português, existiam vinte e quatro Regimentos de Infantaria assim distribuídos (MOURÃO, 2011);

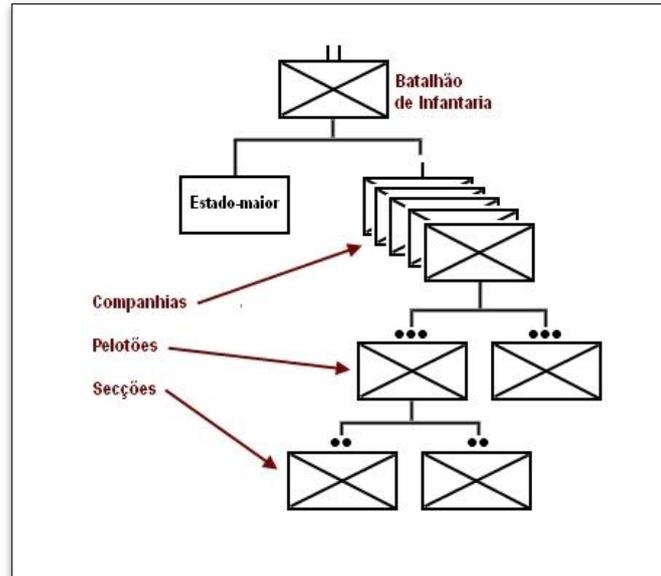
TABELA 1: Regimentos de Infantaria de Portugal no ano de 1806.

Regimento de Infantaria nº 1 – Lisboa	Regimento de Infantaria nº 7 – Setúbal	Regimento de Infantaria nº 13 – Peniche	Regimento de Infantaria nº 19 – Cascais
Regimento de Infantaria nº 2 – Lagos	Regimento de Infantaria nº 8 – Castelo de Vide	Regimento de Infantaria nº 14 – Tavira	Regimento de Infantaria nº 20 – Campo Maior
Regimento de Infantaria nº 3 – Estremoz	Regimento de Infantaria nº 9 – Viana	Regimento de Infantaria nº 15 – Vila Viçosa	Regimento de Infantaria nº 21 – Valença
Regimento de Infantaria nº 4 – Lisboa	Regimento de Infantaria nº 10 – Lisboa	Regimento de Infantaria nº 16 – Lisboa	Regimento de Infantaria nº 22 – Elvas
Regimento de Infantaria nº 5 – Elvas	Regimento de Infantaria nº 11 – Viseu	Regimento de Infantaria nº 17 – Elvas	Regimento de Infantaria nº 23 – Almeida
Regimento de Infantaria nº 6 – Porto	Regimento de Infantaria nº 12 – Chaves	Regimento de Infantaria nº 18 – Porto	Regimento de Infantaria nº 24 – Bragança

Fonte: Mourão, 2011.

Tendo como base as definições dos diferentes grupos que compunham o exército português poderemos observar na Figura 1 como se organizavam os Batalhões de Infantarias em meio aos campos de batalha.

Figura 1: Organização de um Batalhão de Infantaria.



Fonte: Mourão, 2011.

2.2.3 TIPOS DE CAVALARIA

Em Portugal, com a reorganização de Beresford, cada regimento tinha um total de 595 oficiais e praças e estava organizado num estado-maior e quatro esquadrões com duas Companhias por esquadrão. Por norma, os esquadrões de um regimento atuavam juntos e, por isso, aparece frequentemente nos textos a designação do regimento.

De acordo com Mourão (2011),

Por exemplo, Charles Oman indica que a cavalaria portuguesa na fronteira da Beira em Setembro de 1811 eram os Regimentos de Cavalaria nº 1, 3, 4 e 7, sem fazer qualquer referência aos esquadrões. O número destes era variável e dependia em muito das montadas disponíveis. Com frequência, os regimentos encontravam-se a 50 %, normalmente por falta de montadas (MOURÃO, 2011, p. 4).

Para Mourão (2011), em Portugal depois de reorganizado o Exército, existiam doze unidades territoriais de Cavalaria conforme se pode observar na tabela 2:

TABELA 2: Cavalaria do Exército Português.

Regimento de Cavalaria nº 1 – Lisboa	Regimento de Cavalaria nº 7 – Lisboa
Regimento de Cavalaria nº 2 – Moura	Regimento de Cavalaria nº 8 – Elvas
Regimento de Cavalaria nº 3 – Beja	Regimento de Cavalaria nº 9 – Chaves
Regimento de Cavalaria nº 4 – Lisboa	Regimento de Cavalaria nº 10 – Santarém
Regimento de Cavalaria nº 5 – Évora	Regimento de Cavalaria nº 11 – Almeida
Regimento de Cavalaria nº 6 – Chaves	Regimento de Cavalaria nº 12 – Bragança
Regimento de Cavalaria nº 1 – Lisboa	Regimento de Cavalaria nº 7 – Lisboa
Regimento de Cavalaria nº 2 – Moura	Regimento de Cavalaria nº 8 – Elvas
Regimento de Cavalaria nº 3 – Beja	Regimento de Cavalaria nº 9 – Chaves
Regimento de Cavalaria nº 4 – Lisboa	Regimento de Cavalaria nº 10 – Santarém
Regimento de Cavalaria nº 5 – Évora	Regimento de Cavalaria nº 11 – Almeida
Regimento de Cavalaria nº 6 – Chaves	Regimento de Cavalaria nº 12 – Bragança

Fonte: Mourão, 2011.

2.2.4 TIPOS DE ARTILHARIA

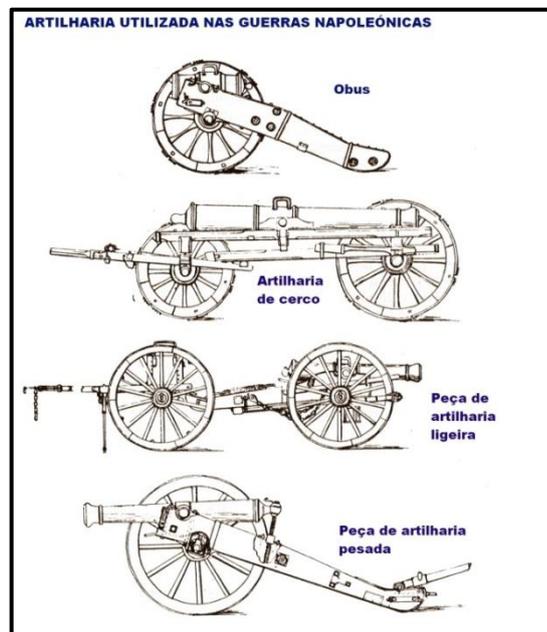
Podemos classificar a Artilharia em três maneiras distintas de acordo com sua utilização no campo de batalha. A Artilharia de Campanha tinha como dever acompanhar a Infantaria e a Cavalaria como suporte. A Artilharia de posição eram as defesas das fortificações, não precisava ser deslocada, era a mais pesada com poder de fogo, contando com calibres superiores a 12 e de maior alcance que a Artilha de Campanha. E por último tínhamos a Artilharia de Cerco.

Conforme Mourão (2011),

Para as operações de cerco, quando era preciso abrir brechas nas muralhas, utilizava-se uma artilharia pesada, de calibre elevado, que conseguisse causar danos na estrutura ou, preferencialmente derrubar partes da muralha a ser atacada; esta Artilharia era denominada Artilharia de Cerco ou Artilharia de Sítio; com calibre superior a 12 libras (MOURÃO, 2011, p. 5).

Como já mencionado a Artilharia de Campanha servia para dá apoio às forças de manobra quando fossem atacadas pelos seus inimigos. Uma das suas maiores missões era desestabilizar, enfraquecer e desorganizar o ataque inimigo. Como elas se movimentavam durante o trajeto estavam também responsáveis pela montagem e desmontagem das bocas de canhões e as suas posições quando fossem utilizadas em campos de batalha. Como as bocas de canhões eram muito pesados e difíceis de transportar eram utilizados cavalos. Nessas condições foi criada a Artilharia a Cavalos que eram destinadas a apoiar a Cavalaria durante as guerras (MOURÃO, 2011). Na Figura 2 é possível entender como era a dinâmica de transporte das bocas de canhões pelas carroças puxadas por cavalos ou gado.

Figura 2: Artilharia utilizada nas guerras Napoleônicas.



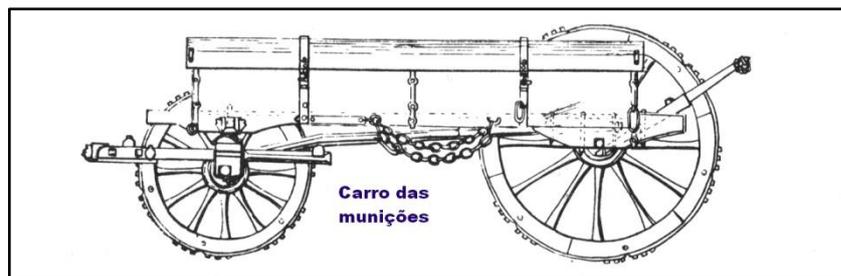
Fonte: Mourão, 2011.

Para Mourão (2011),

Tipos de bocas de fogo uma arma de fogo pode ser concebida para disparar um projétil numa trajetória tensa (tiro direto) com o objetivo à vista ou numa trajetória curva, que permite bater um objetivo que não se vê da posição da arma por ter um obstáculo (elevação de terreno, área urbanizada, muralhas) entre os dois. No primeiro caso, na Artilharia, temos as peças e, no segundo, os obuses e os morteiros. A Artilharia portuguesa dispunha de uma grande variedade de materiais, de ferro (as bocas de fogo mais antigas) e de bronze (MOURÃO, 2011, p. 5).

De acordo com o referido autor a representação da Figura 2 é de armas que poderiam ser utilizadas e transportadas desde o acampamento das tropas portuguesas até o momento da Batalha do Jenipapo. Como o mesmo afirma o Exército Português dispunha de um acervo militar bem diversificado. Nesta pesquisa foram realizadas análises químicas em canhões de ferro e bronze com balas de canhões encontradas na região do campo de batalha, este assunto será mais aprofundado no último capítulo. A seguir na figura 3 temos os carros usados para transportar as munições.

Figura 3: Carro das Munições.



Fonte: Mourão, 2011.

Nesta tabela temos a organização da Artilharia de acordo com a organização de Regimento em 1806 que deu continuidade mesmo com a chegada de Beresford (MOURÃO, 2011);

TABELA 3: Organização do Regimento de Artilharia.

<p>Regimento de Artilharia nº 1 – Lisboa (S. Julião);</p> <p>Regimento de Artilharia nº 2 – Faro;</p> <p>Regimento de Artilharia nº 3 – Estremoz;</p> <p>Regimento de Artilharia nº 4 – Porto.</p>
--

Fonte: Mourão, 2011.

A Infantaria, a Cavalaria e a Artilharia formaram o Exército de Campanha com o Alvará de 19 de Maio de 1806, onde sua formação dividia-se em três: Divisão do Sul, do Centro e do Norte. Este era o Exército de Linha de Portugal (MOURÃO, 2011).

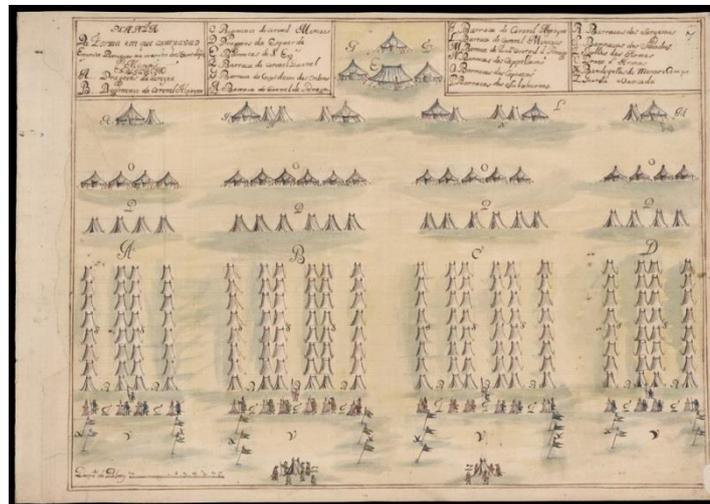
De acordo com Daroz (2009),

Em 1806-1807 foram reorganizados os regimentos de linha, as milícias e as brigadas de ordenanças. A estrutura da Infantaria, criada em 1640, não foi modificada significativamente até 1836, com o fim da guerra civil. Foi com base na organização original de 1640, que a arma evoluiu durante 200 anos. No entanto, na estrutura interna, o número dos seus efetivos foi evoluindo, de acordo com os acontecimentos, as necessidades, o desenvolvimento da técnica e da tática militar. (DARÓZ, 2009, p. 6).

2.3 O ACAMPAMENTO DE FIDIÉ E DAS TROPAS PORTUGUESAS

Como se sabe os acampamentos militares são escolhidos a partir de pontos estratégicos e também de sobrevivência que são necessários para as tropas permanecerem em um determinado local. Como exemplo, podemos citar um acampamento que pertenceu a uma tropa portuguesa durante a Marcha de São Gonçallo⁴ e nela podemos perceber a disposição de cada tenda. No topo temos uma espécie de quartel general onde ficava instalada a cúpula organizacional como, por exemplo, o comandante e as patentes mais altas, ou seja, o Estado Maior. Em seguida temos cada bateria com uma média de 1500 a 2000 homens.

Figura 4: Planta da forma em que acampava o exército Português na marcha de S. Gonçallo pa Miçoens [Iconográfico].



Fonte: Cartas topográficas do Continente do Sul e parte Meridional da AmericaPortugueza: com as batalhas que o Illmo. e Exmo. Conde de bobadella ganhou aos índios das missões do Paraguay, 2004.

⁴ O acampamento no São Gonçalo, realizado de 16 a 22 de dezembro de 1755, foi desenhado por José Custódio de Sá e Faria, com a colaboração do genovês Blasco e do geógrafo francês José Bento Pithon, ajudante do astrônomo Miguel Antônio Ciera. Ficou configurado na Planta da forma em que campava o Exército Português na marcha de S. Gonçallo pa Misçoens (GOLIN, 2011, p. 10).

Na Figura 4 temos uma planta do acampamento em São Gonçalo do Exército Português no ano de 1755. Obviamente que este é um acampamento fixo e grande. Utilizamos esta imagem como referência para tentar fazermos um comparativo ao espaço geográfico existente no espaço da Fazenda Alecrim.

Figura 5: Vista do Acampamento e defesas em Curuzú.



Fonte: Série de quadros sobre a Guerra do Paraguai, Museu de Bellas Artes, 2011.

Na Figura 5 observamos um acampamento militar na época da Guerra do Paraguai. Apesar das duas imagens apresentarem acampamentos militares e formas de posicionarem distintos, esta última serve meramente como uma alusão há como poderia ter sido arquitetado o acampamento em áreas com árvores altas, espaço utilizado e as disposições das tendas em relação à vegetação.

Na Fazenda Alecrim temos uma antiga fazenda localizada atualmente no município de Nossa Senhora de Nazaré fazendo limites com o atual município de Campo Maior- PI. Considera-se nesta pesquisa pelos indícios de trajeto e estratégia como um ótimo local para a montagem de um acampamento, ainda que provisório de pelo menos três dias para as tropas portuguesas de Major Fidié⁵ se organizar depois do confronto em Piracuruca. Essas terras hoje pertencem ao médico Dr. Antônio Augusto da Paz Filho⁶. Ele adquiriu as referidas terras

⁵ João José da Cunha Fidié foi um general do governo português que havia participado das guerras napoleônicas e era conhecido pela sua bravura. Ele chegou à Província de São José do Piauí em 08 de agosto de 1822 com a missão de conter o movimento separatista na região norte da colônia brasileira que, naquela época, correspondia especialmente aos contornos do antigo Estado do Maranhão (que incluía o Piauí, o Maranhão e o Grão-Pará). Em vista da iminência do movimento pela independência, o governo português pretendia manter essa região do Brasil anexada ao seu governo, razão pela qual se desencadeou a guerrilha interna na província do Piauí para se fazer independente de Portugal (CARVALHO, p. 32, 2014).

⁶ Médico e dono da Policlínica na cidade de Campo Maior- PI. Dono da Fazenda Lembrança e das terras referente à antiga Fazenda Alecrim.

quando parte da antiga fazenda que pertenceu ao senhor Ovídio Bona⁷ foi seccionada em herança e vendida para terceiros.

É notório que quando Fidié veio para o Piauí ele montou vários quartéis gerais ao longo da Província do Piauí como na Capital Oeiras até então a capital da província do Piauí e logo depois na vila de Parnaíba com o intuito de sufocar os movimentos libertários, assunto este que será aprofundado no próximo capítulo. Com a sua ausência da capital piauiense e suas tropas instaladas no litoral da província a ânsia de se unir no propósito de independência fez com que as lideranças da Capital Oeiras aderissem ao movimento independente. Sabendo deste ocorrido o Major e suas tropas retomam seu caminho de volta para a capital.

Embora com o caminho de retorno traçado a situação da província em tentar conter as tropas portuguesas estava se tornando uma realidade em várias vilas. Na Vila de Piracuruca o Major Fidié enfrenta alguns independentes e tem seu primeiro confronto, porém pequeno. Levando em consideração a distância já percorrida, o cansaço, o pequeno confronto na Vila de Piracuruca é evidente que as tropas precisavam descansar e se reabastecer, pois já sabiam que a possibilidade de um possível confronto já era iminente na Vila de Campo Maior.

Era de conhecimento do Major Fidié e suas tropas a existência de fazendas neste trajeto e a Vila de Campo Maior seria um local de repouso para seguir viagem até Oeiras. Com a possibilidade de outro confronto em seu retorno o Major Fidié juntamente com sua tropa decidiu montar acampamento.

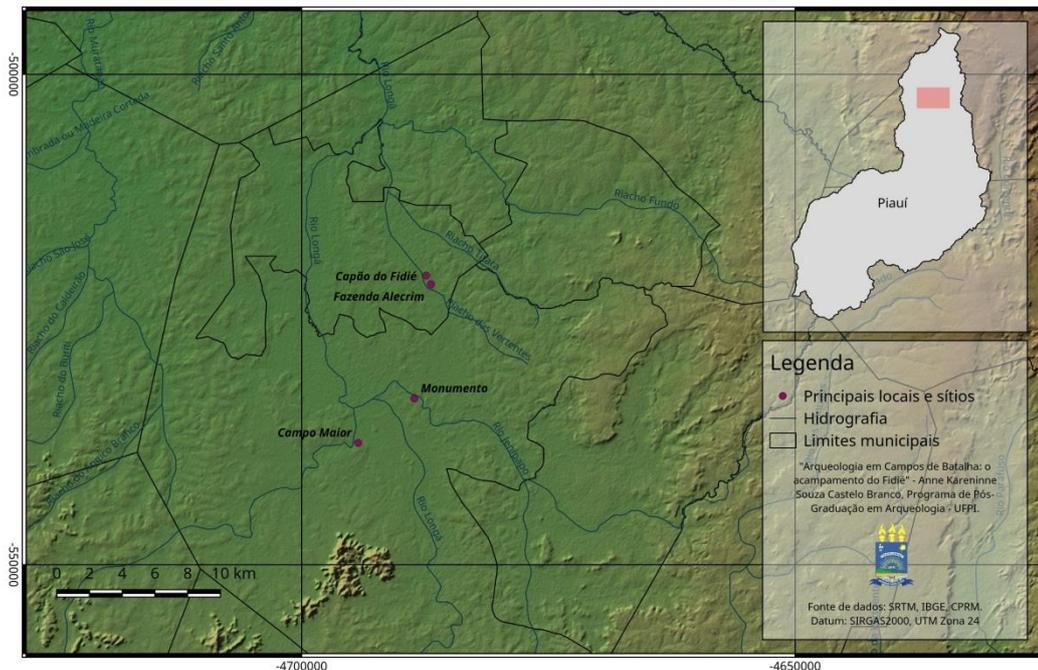
De acordo com a formação do exército português exposto nesta pesquisa podemos observar que essas tropas tinham um objetivo bem específico, manter essas terras sob o comando da Coroa Portuguesa. Quando se trata deste tipo de missão teríamos uma estimativa de acordo com a formação do exército uma média entre 1500 a 2000 mil homens, com armamentos de espingardas, canhões, balas de canhões, carroças para transportar os canhões, gado, cavalos, ou seja, esse exército precisaria de um local relativamente grande, próximo a água e principalmente um lugar que fosse favorável a ele estrategicamente. Embora o exército não tivesse pontos específicos de confronto como em outras localidades, como por exemplo, na Europa, a logística em batalhas segue um mesmo padrão de guerrilha.

Os padrões que podemos interpretar são justamente os armamentos, forma de ocupação de um acampamento militar e um ponto favorável no momento do confronto. Esta fazenda além de ter um território vasto de um campo podendo perfeitamente abarcar toda a tropa de Fidié, ela ocupa um ponto estratégico de vista do campo. Esse ponto mais alto da

⁷ Antigo dono das terras da Fazenda Alecrim.

Fazenda Alecrim ficava o Estado Maior que era formado pelo Major Fidié e sua artilharia, nas proximidades toda a sua cavalaria e infantaria ficavam acampados nos arredores da extensão do terreno da fazenda, um ponto específico foi denominado pela população de Capão do Fidié⁸.

Figura 6: Localização da Fazenda Alecrim e do Capão do Fidié.



Fonte: SRTM, IBGE, CPRM, 2018.

A Figura 6 representa um mapa da localização da atual cidade de Campo Maior, o ponto marcado dentro da cidade foi na Praça Bona Primo lugar onde os independentes se reuniam e montavam suas estratégias de combate. O outro ponto foi realizado no Monumento do Batalhão onde se concentra a maior representatividade desta batalha. Logo mais acima se encontram a Fazenda Alecrim e o Capão do Fidié. Todos esses pontos são espaços arqueológicos.

É importante salientar que os nomes Fazenda Alecrim e Capão do Fidié são nomes adotados e ainda mencionados pela população que moram naquela região e essa memória têm ultrapassado gerações. Apesar da mudança dos nomes esta era a mesma fazenda, a mesma

⁸Uma localidade nomeada pela população como um local onde as tropas portuguesas ficaram uma parte que seria a cavalaria e também seria ponto de encontro das tropas. Sua maior característica é que este local se torna um esconderijo por ser uma fada fechada, mas no centro existem clarões de campo onde se alojaria perfeitamente as tropas. Podendo ser constatado essas características nas idas ao campo de pesquisa que ainda são existentes.

localidade. Na pesquisa de Carvalho (2014) quando ela menciona esta possibilidade, com a continuidade da pesquisa e o estudo da historia oral fica mais evidente esta possibilidade. Estes lugares identificados e mapeados nesta fazenda são locais com potencial para se realizar uma possível escavação e com o intuito de aprofundar a pesquisa da área do acampamento das tropas. Nesta pesquisa será realizando um levantamento de dados sobre o lugar e os caminhos antigos. A Figura 7 se percebe o outeiro no qual acredita-se que seria a sede da Fazenda Alecrim.

Figura 7: Fazenda Alecrim.



Fonte: Acervo Próprio, 2018.

Esta imagem foi tirada na região da Fazenda Alecrim, no local em que estão localizadas as carnaubeiras onde a mata está mais verde é ponto onde a fazenda foi construída, trabalhamos com a possibilidade de esta imagem ser a entrada principal.

Figura 8: Possível entrada da antiga Fazenda Alecrim.



Fonte: Acervo Próprio, 2018.

Na Figura 8 é bem mais próxima das fundações da fazenda tendo em vista pela época do ano no qual esta imagem foi tirada, a mata está mais verde e cobre a extensão da mesma, o que também não atrapalha nas análises e nas interpretações.

Figura 9: Vista do ponto alto da Fazenda Alecrim.



Fonte: Acervo Próprio, 2018.

Na Figura 9 temos uma visão privilegiada e bem vasta de todo o campo da fazenda. Ela foi tirada do ponto mais alto onde de acordo com os relatos da população existiam as fundações da antiga fazenda. Podemos observar a extensão de terra que é possível ver. Neste local onde se supõe que o Estado Maior onde Fidié se encontrava é possível avistar todo o seu exército, possíveis inimigos se aproximando, além de ser um local com bastante água potável e numa próximo razoável de onde ocorreu a batalha.

Figura 10: Outeiro aonde a antiga Fazenda Alecrim foi erguida



Fonte: Acervo Próprio, 2018.

Na Figura 10 foi registrada do ponto mais baixo das fundações da antiga fazenda, nela podemos destacar a altitude da mesma, evidenciando ainda mais seu fator de estratégia considerada pelas tropas.

Figura 11: Ponto mais baixo do espaço onde se localiza a Fazenda Alecrim.



Fonte: Acervo Próprio, 2018

Um dos objetivos principais é evidenciar a Fazenda Alecrim seguindo dos estudos bibliográficos, da parte etnográfica e a observação realizada em campo como ela foi um local escolhido por sua proposta de espaço, condições estratégicas, de alimentação e abundância de água. É importante então trazer algumas imagens para podemos analisar todos esses pontos aqui mencionados. Na Figura 11 onde a seta está indicando um cajueiro cujo sua idade está por volta de 200 anos para mais, ao lado dele encontra-se a fundação da antiga fazenda Alecrim e mais uma vez podemos perceber a altura da fazenda em relação ao terreno de toda a fazenda.

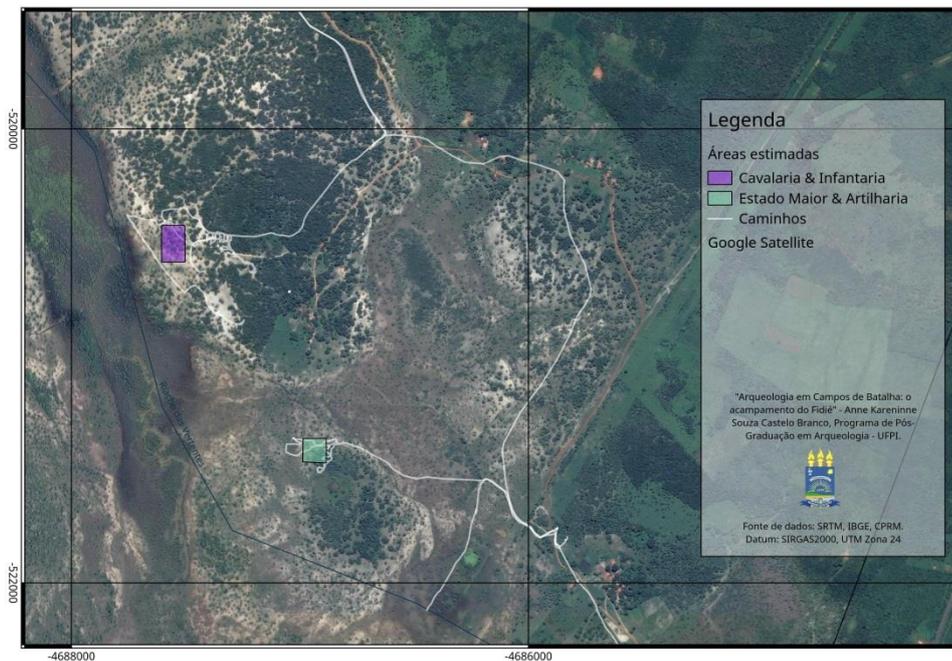
Figura 12: Espaço pertencente à antiga Fazenda Alecrim.



Fonte: Acervo Próprio, 2018.

Nesta outra Figura 12 foi registrada por outra perspectiva ainda sim do alto da fazenda, percebe-se um vasto terreno com uma possibilidade real de comportar toda a tropa portuguesa na Fazenda Angelim.

Figura 13: Área estimada de ocupação das tropas de Fidié.



Fonte: SRTM, IBGE, CPRM, 2018.

Nesta Figura 13 é um mapa que representa um dos primeiros objetivos que foram alcançados e propostos durante a pesquisa. Para chegarmos nessas áreas que estimamos fazer parte da antiga fazenda Alecrim e estima-se que ainda seja mais. Fizemos o levantamento bibliográfico desta área, algumas das informações foram obtidas através da tese de doutorado de Carvalho (2014) que inicia os estudos nesta área. Antes desse estudo realizado por ela não obtivemos outras pesquisas realizadas sobre esta área e a antiga Fazenda Alecrim.

Esta fazenda não foi catalogada como outras fazendas em regiões próximas observando assim a necessidade de mais pesquisas neste campo. Uma das grandes fontes foi o estudo e a metodologia da historia oral como reconhecimento desta área, assim como dos caminhos antigos. A lembrança e a memória repassada pelas gerações nos auxiliaram nesta pesquisa quando na falta de fonte de documentos históricos sobre esta antiga fazenda.

As pesquisas realizadas no Arquivo Público de Teresina não obtiveram resultados que levassem em consideração esta aera a princípio o que não significa não haver documentos, apenas não tivemos tempo hábil, mas que deixa janelas abertas para a continuação e aprofundamento da mesma.

Ainda a respeito do mapa acima citado toda a área delimitada em branco foram marcações realizadas para termos a dimensão territorial da fazenda Alecrim. A área pertencente à fazenda denominada de Estado Maior refere-se ao local onde o major Fidié se

alojou com sua artilharia. É natural que o comandante desfrutasse do melhor local para descansar e montar estratégias para definir as próximas ações a serem tomadas. Este acampamento teve uma duração de mais ou menos três dias, ele era apenas momentânea a intenção era apenas reabastecer sua tropa, alimentar os animais, descansar devido à longa caminhada vinda da vila de Parnaíba e do confronto na vila de Piracuruca.

Em verde está sendo representado o Estado Maior a Fazenda Alecrim de fato, na região de cor roxa denominado por Capão de Fidié ficou toda a sua cavalaria e infantaria pelo espaço e proteção em relação à fazenda. Embora denominemos duas áreas toda a região era uma só e fazia parte da fazenda.

Um dos questionamentos levantados neste espaço era se realmente teria como montar um acampamento que abarcasse tantos os homens com todo aquele armamento que traziam. E constatamos que sim a área em roxo em seu comprimento chega a 23 metros o que abrigaria de acordo com o mapa já mostrado do acampamento português seria uma média de 2000 homens em solo piauiense, ou seja, a área seria mais do que suficiente para montar este acampamento.

O que foi constatado é que de acordo com tudo que já foi mencionado neste capítulo e os estudos realizados que esta fazenda possui dados para no futuro abrir campanhas de escavações arqueológicas. Como alguns autores já mencionados o campo de batalha pode ser entendido a partir da formação dos acampamentos. Com o aprofundamento da pesquisa neste sentindo poderíamos traçar mais especificamente à medida que as escavações avançassem como era o tipo de alimentação que eles poderiam ter armamentos, formação do próprio acampamento, até enterramentos, dentre outros assuntos.

Identificar esses pontos arqueológicos poderemos também aprofundar os estudos da Batalha do Jenipapo. No próximo capítulo será discutido como se deu este momento da história. A intenção não é aprofundar massivamente neste assunto, mas contar qual a situação política da época e como surgiu esta batalha, justamente por ele já ter sido discutido alguns pontos são levantados que não foram tão discutidos pelos autores tradicionais, mas que vem mudando com novas pesquisas. E identificar toda a relação que podemos notar da comunidade que convive com este fato histórico.

Ao falarmos sobre a Batalha do Jenipapo não podemos excluir as relações que foram criadas como é o que ocorre com o Cemitério do Batalhão e o Monumento do Batalhão, não há como falar da batalha e excluir esses outros fatos, que será discutido no próximo capítulo.

3. A BATALHA DO JENIPAPO: AS NARRATIVAS, AS MEMÓRIAS, AS LUTAS ESTUDADAS PELA ARQUEOLOGIA HISTÓRICA.

A epopeia do Jenipapo é o ponto mais alto da participação do Piauí nas lutas da Independência.

Monsenhor Chaves

Ao iniciar meus estudos sobre a Batalha do Jenipapo busquei primeiramente fontes de autores locais que retratavam a história da Batalha do Jenipapo como Monsenhor Chaves (2006), Fonseca Neto (2010), Abadias Neves (2006), Odilon Nunes (2007), algumas pesquisas nesta área como Cavalcante (2011) e Carvalho (2014) a fim de compreender melhor o seu contexto histórico. Quando analisamos um fato de violência, guerras e batalhas na maioria das vezes se têm uma versão oficial do fato, ou uma versão de quem a escreveu. E esta pode não ser a única narrativa possível. Sobre um mesmo fato existem diferentes versões, e sobre a Batalha do Jenipapo não poderia ser diferente. Segundo Johny (2012, p. 2) esta batalha e o Piauí não estão incluídos no contexto do estudo da História Nacional, e como consequência nem as suas contribuições para entendermos este processo histórico. Com isso podemos perceber que existe uma lacuna dentro da nossa própria história.

À medida que a pesquisa progredia questionamentos e novas reflexões surgiram como, por exemplo, por quanto tempo tivemos nossas raízes e histórias contadas por quem nos escravizou, torturou e explorou? Durante quantas gerações tivemos que nos acomodar com o nosso “descobrimento”? E quem foram esses que sofreram e sofrem até hoje por nosso silêncio? Para responder a essas indagações a Arqueologia vem se tornando cada vez mais eficiente, pois além dos dados escritos e organizados pela História, ela trabalha com os “restos materiais” deixados pelas gerações pretéritas como afirma o autor Zarankin (2008, p. 24). O autor ainda aborda como a História Tradicional⁹ trabalhavam prioritadamente com fontes escritas concebidas desde o poder, trazendo assim versões parciais deixando esquecidos grupos como indígenas, mulheres, negros, pobres, velhos, crianças.

⁹ Seria uma história positivista, relatando versões referentes ao ponto de vista do vencedor.

Sobre estas questões e de acordo com Paoli,

O reconhecimento do direito ao passado está, portanto, ligado intrinsecamente ao significado presente de generalização da cidadania por uma sociedade que evitou até agora fazer emergir o conflito e a criatividade com critérios para a consciência de um passado comum. Reconhecimento que aceita os riscos da diversidade, da ambiguidade das lembranças e esquecimentos, e mesmo das deformações variadas das demandas unilaterais. Arrisca-se a encontrar solicitações por uma memória social que venha baseada em seu valor simbólico, mesmo que sejam locais, pequenas, quase familiares. (PAOLI, 1991, p. 21).

Em consequência disso, percebermos o quanto perdemos histórico e culturalmente quando silenciemos a versão dos grupos sociais menos privilegiados. Neste fragmento do texto de Paoli (1991) fica claro o posicionamento do autor ao entender que a sociedade evita tocar em assuntos polêmicos pelo conflito que isto poderia gerar. E mesmo que o tema da Batalha do Jenipapo esteja inserido em um contexto nacional, o fato tem um alcance apenas local pelo desconhecimento do mesmo, em razão das poucas pesquisas com alcance nacional e internacional. Sobre o contexto da época Brandão (1994) fez a seguinte observação:

O grito de independência é um desabafo, um impulso. Nos outros países a Independência se fez preceder de demorados conciliábulo, de memoráveis assembleias. Foi sempre ato coletivo, pensado, solidamente gravado em documento. Entretanto, nós a fizemos simbolicamente, romanticamente, quando o arrebatado Príncipe deu o famoso brado (BRANDÃO, 1994, p. 11).

O autor faz referência na citação acima a pontos levantados nesta pesquisa sobre o processo de Independência do Brasil sendo uma independência simbólica e romântica de um heroísmo inexistente. Com a Independência dos Estados Unidos, a Revolução Francesa e seu lema de liberdade, fraternidade e igualdade, tais movimentos conseguiram espalhar-se por todo o continente europeu, prenunciando a decadência do Antigo Regime. Contudo durante os anos em que a Família Real esteve presente em solo brasileiro até o momento do seu retorno a Portugal e do chamado “grito de Independência”, quem são lembrados no dia 7 de Setembro? Lembramo-nos apenas de D. Pedro como o herói de nossa nação que nos “libertou”? Ou ainda, como perceber o romantismo gerado a fim de acreditarmos em uma “independência” sem lutas, sem mortes, sem massacre e sem violência? Acreditamos que ao fazer essas reflexões aguçamos nosso senso crítico e começamos de fato a questionar as Histórias que nos foram impostas.

Em uma pesquisa toda história precisa ser questionada e não apenas aceita, ainda mais quando tratamos de assuntos delicados como batalhas, guerras e conflitos. Normalmente esses assuntos são contados por apenas um dos lados e normalmente é o do vencedor. Quando acreditamos na História de uma nação baseada construída pelos conquistadores, pelos opressores perdemos a essência do que tal fato representa. Quando isso acontece perde-se muito do contexto histórico, como afirma a autora Tânia Andrade (1993) ressaltando que a consequência do não registro dessas histórias traz a necessidade de reinterpretação da História Oficial¹⁰. De acordo com ela:

Para dar voz a minorias étnicas e a segmentos subalternos, oprimidos, desfavorecidos, ou marginais, que não puderem registrar sua própria história, recuperar memórias sociais, reinterpretar a História Oficial, resgatar elementos e práticas da vida cotidiana, sobre os quais normalmente não se escreve, e assim por diante. Campos de batalha, quilombos, simples unidades domésticas, becos urbanos, quintais, carimbos, povoados, fazendas, senzalas, tecnologias de processamento de determinados matérias entre outros, passaram a ser valorizados como objetos de investigação (ANDRADE LIMA, 1993, p. 228).

Ao lembrarmos dos grandes acontecimentos e quando os comemoramos esquecemos o que esteve por trás desse momento. Essas grandes datas são apenas o estopim, pois as histórias não contadas ou não abordadas que expressam em sua maioria os reais motivos que levaram a tais fatos foram sufocadas. Quando analisamos isto será que temos imparcialidade na história? Não de buscar uma verdade, mas da história contada repercutisse em todos os níveis sociais, de etnias, entre outros. Será que podemos confiar integralmente nela a ponto de não questioná-las? Não que haja um ganhador ou perdedor, mas quando não consideramos os grupos excluídos parte de nossa identidade também não se perde? Nem sempre nós pesquisadores teremos tempo hábil para realizar tais tarefas, algumas histórias nunca serão contadas, pois antes, porém, deve haver o interesse de alguém por tal pesquisa. Quando em nossas pesquisas lidamos com memórias devemos compreender que elas se perdem juntamente com aqueles que as detém. Neste breve relato destaca-se a urgência de pesquisas neste âmbito, pois “este passado com finalidades no presente, podem contribuir no processo de construção identitária de comunidades étnicas, religiosas, nacionais, tribais, familiares” (DIONE CARVALHO, 2011, p. 7). Essas memórias interferem diretamente na

¹⁰ Ela parte do pressuposto de uma historiografia que beneficia quem está ao poder e aos seus interesses (SILVERA, 2011).

configuração de uma nação, por isso é importante preservá-las seja de um grande acontecimento histórico ou não.

A Batalha do Jenipapo teve sua contribuição significativa no processo de emancipação política do Brasil e separação de Portugal. Aqueles acontecimentos estavam interconectados com outros, também importantes para a contemporaneidade como a Revolução Francesa e emancipação Norte Americana ainda no final do século XVIII, acontecimentos estes que desenvolveram ideias inovadoras para a época que se fortaleciam sempre mais e passaram a influenciar, também nos processos de independência de outras nações como o Brasil (BRANDÃO, 1994). No início do século XIX havia rumores de invasões das tropas napoleônicas em terras portuguesas, com essas ameaças para proteger a Corte Portuguesa esta nação tomou uma medida um tanto arriscada de transferir-se para a sua colônia, o Brasil. Então no ano de 1808 a família real portuguesa se alojou com toda sua corte no Rio de Janeiro proporcionando mudanças até então não esperadas. Este acontecimento é tratado por alguns autores como sendo o início do processo de “Independência do Brasil” como uma nação livre dos domínios de Portugal. Dentre esses autores Jurandir Malerba (2005) considera que:

A rivalidade entre França e Inglaterra, as invasões francesas e a ocupação de Portugal, a fuga do rei e sua corte para o Rio de Janeiro, a suspensão inevitável do sistema colonial, a ascensão do Brasil ao status de Reino Unido a Portugal, tudo isso teria preparado o cenário para o desfecho da Independência. Esta se tornara de imediato inaceitável para amplos setores das elites portuguesas, que estavam ansiosas para retomar o controle absoluto sobre o comércio do Brasil e se ressentiam pela ingerência britânica em assuntos nacionais. O governo surgido da primeira revolução liberal forçou o rei a retornar a Portugal e não pôde esconder suas intenções de recuperar o poder sobre o Brasil. Desta maneira, ela apressou o movimento para a Independência política, que agravou a situação econômica após a suspensão do sistema colonial (MALERBA, 2005, p. 109).

Como Malerba (2005) menciona neste trecho é visível o descontentamento dos portugueses em ter sua Corte no Brasil apesar de necessária. A urgência com a qual foi pedido a volta do rei a Portugal desencadeia sentimentos nos brasileiros de revolta o que agravou e abalou a situação entre Brasil e Portugal. Alguns movimentos com ideias separatistas haviam surgido no final do século XVIII, dentre estes se podem mencionar a Inconfidência Mineira¹¹ e a Conjuração Baiana¹². Alguns fatores também foram decisivos e reforçaram as

¹¹A Inconfidência Mineira (ou Conjuração Mineira) é nome dado para um movimento de oposição ao domínio da Coroa Portuguesa na época do Brasil Colônia, em 1789.

¹²Também conhecida como Revolta dos Alfaiates, a Conjuração Baiana foi uma revolta social de caráter popular ocorrida na Bahia em 1798. Teve uma importante influência das ideias da Revolução Francesa.

ideias dos movimentos como abertura dos portos às nações amigas e o poder dos brasileiros em negociar suas mercadorias sem a intermediação da metrópole.

Enquanto a corte Portuguesa encontrava-se no Rio de Janeiro, em Portugal as tropas napoleônicas destruíam e saqueavam a cidade, até que o conflito foi finalizado entre portugueses e franceses. Com a saída das tropas francesas a população de Portugal desejava o restabelecimento da corte e para isto exigia o retorno imediato da família real. No dia 25 de março de 1821 Dom Joao VI retorna com a corte (CHAVES, 2006) e o plano então era que o Brasil continuasse como colônia e voltasse a enviar suas riquezas e recursos a fim de os portugueses pudessem recuperar seu patrimônio e seu status de potência.

A situação ficando a cada momento mais insustentável e a ideia de continuar submetido e dependente de Portugal tornava-se inconcebível. Então, pressionado D. Pedro, em Sete de Setembro de 1822, declarou a Independência do Brasil. Apesar do grito da independência ele não ecoou por toda sua extensão, a região que hoje compreende os estados do Pará, Maranhão, Piauí e Ceará na época províncias, compreendiam a região Norte do Brasil e havia interesse de Portugal sobre o domínio dessas terras. (CHAVES, 2006).

Embora Dom João VI considerasse que havia perdido as outras regiões da colônia, essas localidades mencionadas acima eram muito valiosas e ele contava com muitos aliados. Além disso, as questões econômicas eram favoráveis à criação de gado, e trazia benefícios, pois essa mercadoria, além do seu valor, ela mesma se deslocava, sendo o próprio frete, de onde se obtinham objetos domésticos e instrumentos de trabalho (CHAVES, 2006). Outro ponto a ser considerado era a posição geográfica do Piauí pela sua proximidade com Portugal, facilitando assim as trocas comerciais e seria um local de refúgio em caso de emergência (CHAVES, 2006).

Para o historiador Odilon Nunes (2007) a notícia sobre a independência do Brasil já havia se espalhado por toda a parte, os portugueses só não esperavam que o “[...] brado iria repercutir de maneira sangrenta no Piauí [...]” (CHAVES, 2006 p. 25). D. João VI ao perceber que iria perder a região Norte da colônia, nomeou seu afilhado, o Major João José da Cunha Fidié, para sufocar o movimento de independência que estava se formando (FURQUIM, 2011). Neste contexto precisamente no ano de 1823, um acontecimento, a Batalha do Jenipapo, contribuiu para frustrar as expectativas portuguesas na tentativa de manter o domínio sobre uma parte do território da sua colônia.

3.1 A BATALHA DO JENIPAPO

Sobre o processo de Independência do Brasil Malerba (1999) afirma que com os avanços das tropas napoleônicas em solo português, obrigou a D. João VI a mudar-se com toda a sua Corte e Família Real para o Brasil em 1808. De acordo com o autor este acontecimento marcou o início da emancipação política da então colônia portuguesa. Com o processo de aberturas dos portos “às nações amigas” o Brasil deixa de estar isolado economicamente e com isso o pacto colonial¹³ se encerra.

A estadia da Família Real a princípio trouxe alegrias e festas para a colônia. Sua sede no Rio de Janeiro resultou em modificações na vida da população para além das construções como a Real Biblioteca e a Imprensa Régia, mas promoveu alterações significativas no modo de vida, nas vestimentas e na cultura em geral (MALERBA, 1999).

Em 1821 D. João VI abandona o Rio de Janeiro retornando para Portugal, deixando no Brasil seu filho o Príncipe D. Pedro I encarregado dos negócios do país (NEVES, 1974). O retorno da Família Real e sua Corte para Portugal significava prosseguir com a colônia para restabelecer suas riquezas perdidas com as invasões napoleônicas. Mas o povo brasileiro já havia experimentado o poder de tomar suas próprias decisões e retornar à condição de colônia não mais se cogitava, e a perspectiva seria certamente evoluir em seu processo de emancipação política. Como era de interesse de D. João VI continuar com essas terras ele não só manda seu afilhado, mas ele envia um de seus melhores soldados. Para o Monsenhor Chaves (2006) Fidié era conhecido pela sua destreza frente ao perigo, ele não era apenas um líder experiente em batalhas, mas um ótimo estrategista. Em suas batalhas além de liderar as suas tropas ele sempre estava à frente em seus confrontos. Então não era se esperar resistência a princípio, pois onde Fidié passava as pessoas fugiam, se escondiam. Em determinados momentos era possível encontrar pelo trajeto feito pelas tropas diversas fazendas de gado, casas, mas quando chegavam lá encontravam as propriedades vazias, pois não era uma boa ideia ficar próximo de soldados tão indisciplinados. Quando chegavam nesses lugares eles saqueavam e matavam (CHAVES, 2006).

Ao chegara solo brasileiro em agosto de 1822 Fidié dirigiu-se à Capital da Província do Piauí, Oeiras, onde assumiu a função de Governador das Armas e ali prepara seu exército para alguma eventualidade em relação a qualquer tipo de reação. Apesar de seus esforços não impediu que a Vila de Parnaíba se declarasse publicamente favorável às determinações do

¹³ Era um sistema de leis e normas entre a metrópole e a colônia, onde a metrópole detinha o controle dos produtos fornecidos pela colônia beneficiando a mesma durante o período colonial.

Príncipe D. Pedro I em anunciar a todos um Brasil separado de Portugal. Sabendo do ocorrido o Major Fidié organizou as suas tropas e se puseram em marcha rumo ao litoral da província com o intuito de abafar o movimento separatista.

Chegando à vila de Parnaíba encontrou-a completamente vazia, pois algumas lideranças haviam saído em busca de reforço na Província do Ceará para conter as tropas portuguesas. Sendo assim, com uma vila sem nenhuma autoridade política, o Major Fidié fez daquele local seu quartel general por alguns meses até acontecer algo inusitado na Capital Oeiras. Na ausência de Fidié, algumas lideranças ligadas a Manuel de Sousa Martins, o futuro Visconde da Parnaíba, desejosos de ascensão ao poder, aproveita a oportunidade e declara em praça pública sua adesão a D. Pedro I e ao movimento pela “Independência do Brasil” e se inicia um processo de articulação para um possível, ou certo, confronto com as tropas de Fidié (CHAVES, 2006).

Ao saber do ocorrido o Major Fidié iniciou uma nova caminhada de volta para a Oeiras. Havia rumores de que na Vila de Campo Maior populares estariam se articulando para conter as tropas de Fidié, ali mesmo. Contudo isto jamais o desencorajou a continuar sua caminhada rumo à capital. “Na véspera do 13 de março de 1823, as tropas de Fidié já se encontravam acampadas na Fazenda Canto do Silva¹⁴, a cerca de 10 quilômetros da travessia do Rio Jenipapo” (CARVALHO 2014, p. 56), esta travessia está sendo estudado na tentativa de identificar esta localidade dos caminhos antigos percorridos pelas tropas portuguesas.

De acordo com Monsenhor Chaves (2006), em contrapartida na Vila de Campo Maior reunia-se próximo de dois mil homens vibrando como se voltassem de um triunfo em frente à Igreja de Santo Antônio na atual Praça Bona Primo, a principal da cidade todos os que iriam lutar ninguém se recusou a lutar e dentro de três dias cada vez mais a multidão crescia a espera dos portugueses para o combate (CHAVES, 2006). Havia reforços de militares, mas as armas existentes eram muito poucas em comparação ao que iriam enfrentar com as tropas de Fidié. “Se já não bastasse a falta de armamento por parte dos colonos que se armaram com paus, pedras, facões eles eram lavradores, vaqueiros, roceiros, cozinheiras, oficineiros e completamente despreparados militarmente” (FONSECA NETO, 2010, p. 09). Percebe-se que as pessoas que participaram desta batalha não tinham preparo militar e nem armas para irem a luta.

Para Chaves (2006, p. 88) “as poucas espingardas tinham sido distribuídas aos cearenses. Os piauienses, este conduziam velhas espadas, facões, chuços, machados, foices.

¹⁴ Fazenda que fica localizada na região do Angelim.

De nada valia, contudo, para eles, a falta de armas, tão sugestionada ia com a certeza do triunfo”. Ninguém pensava, aliais, na possibilidade de morrer.

Era de se esperar um encontro arrasador, eles eram tidos como loucos andantes de bom grato para a morte, pois enfrentar as tropas portuguesas era sem dúvidas uma sentença de morte “[...] só a loucura patriótica explica a cegueira desses homens que iriam partir ao encontro de Fidié [...]” (CHAVES, 2006, p. 88). Como civis, sem armas e sem experiências em batalhas, poderiam vencer o exército tão forte e preparado de Fidié?

O discurso de unidade apregoado pelas elites durante a guerra de independência, num momento tão crucial como aquele, pode se entendido como uma tentativa de fortalecimento da causa libertadora, mas estabelecer um ideal nacionalista numa tentativa de criar um elo indenitário entre povo e nação requeria muito mais que discursos inflamados por membros da elite. O nacionalismo e a nacionalidade precisariam ser inventados no Brasil (JOHNY, 2015, p.42).

Podemos perceber que o discurso do patriotismo não foi exatamente o que levou os colonos a irem para a batalha, possivelmente os motivos estariam ligados há problemas que os envolviam particularmente como a economia local e a instabilidade em que o Piauí estava vivendo como afirma Johny (2015).

A estratégia utilizada pelos colonos seria cercar a entrada de Fidié por todos os lados, sendo assim nos caminhos percorridos por ele haveria uma bifurcação que daria este acesso por dois lados e ali estariam também os colonos à espreita. Como estratégia, Fidié dividiu suas tropas, ele com sua artilharia seguiriam pela esquerda e a cavalaria pela direita, e assim surpreender e atacar os colonos por todos os lados. Infelizmente quando os colonos depararam com a cavalaria começaram a atacar e os que guardavam o lado que Fidié iria entrar ficaram com a passagem livre, pois eles achavam que toda a tropa estaria do lado oposto a eles (CHAVES, 2006).

Neste cenário o encontro foi brusco e violento. Diante disto se iniciou o desastre, os colonos sem estratégia consolidada abandonaram seu posto precipitadamente ao ouvirem o confronto. Fidié ao saber do ocorrido avançou ao encontro dos colonos e estes os atacando por todos os lados, num corpo a corpo violento e rápido (CHAVES, 2006).

As tropas de Fidié arrasavam os colonos no campo de batalha, as perdas foram inestimáveis para ambos os lados. “Eles não lutavam mais arrastavam- se para a morte” (CHAVES, 2005, p. 87). As tropas portuguesas também tiveram suas perdas, mas nada comparado ao que a Vila de Campo Maior teve. Logo após essas cinco horas de batalha ela se

findou pela exaustão de ambos os lados, do forte calor e por não terem mais estrutura de continuar.

O Major Fidié (1942) relatou em seu livro que apenas dezesseis soldados morreram neste enfrentamento e que os seus mortos foram enterrados na região do Jenipapo antes de partirem para o Maranhão, onde foi capturado, preso e levado de volta para Portugal onde foi recebido como herói (CHAVES, 2006, p. 91). Na Vila de Campo Maior centenas de colonos foram mortos pelas balas dos canhões e armas portuguesas, existe a possibilidade de que muitas famílias levaram seus entes queridos para serem enterrados em outras vilas próximas, ou, em outros cemitérios já existentes e alguns enterrados no local de sua morte, no próprio local da batalha.

Para os campo-maiorenses esta data de 13 de Março de 1823 é lembrada até os dias atuais. Passado quase 200 anos de seu acontecimento, ela é motivo de orgulho pela população onde eles depositam sua fé, memória, gratidão pelo ocorrido.

3.2 AS MEMÓRIAS DEIXADAS PELA BATALHA DO JENIPAPO

Qual a influência deste acontecimento regionalmente e nacionalmente? A Batalha do Jenipapo não possui reconhecimento nacional, é pouco lembrada nos livros de histórias durante a vida escolar de diversos alunos no país a fora. Para Silva,

A batalha do Jenipapo é um episódio que precisa ser colocado nos livros didáticos e tema a ser desvendado desde o ensino fundamental até chegar o ensino médio dentro da disciplina de História. Os livros didáticos de história que, culturalmente, são mais estudados nas salas de aulas, não trazem esse assunto para o interior das salas de aula. Isso contribui para que muitos continuem sem saber que o Piauí foi palco de uma importante luta pela independência (SILVA, 2011, p. 2).

Academicamente não há mudanças significativas sobre esta situação, os próprios cursos de História ministrado nas universidades do Piauí, pouco aborda este tema e quando o faz percebe-se o despreparo do conhecimento sobre este tema. Então, parto do princípio que pode até parecer lógico, mas devemos iniciar esta valorização por nós mesmo, apesar de sermos uma nação não este reconhecimento.

A grande questão a ser levantada sobre o reconhecimento da batalha por si só não gera nenhuma mudança, mas precisamos compreender que lutamos para sermos livres, tivemos centenas de pessoas que deram suas vidas em prol de um ideal maior e não termos nossa historia contada por quem participou dela, quem sofreu.

A Batalha do Jenipapo tem uma forte presença em tudo que circunda a atual cidade de Campo Maior. Na própria localidade existe um cemitério antigo denominado de Cemitério do Batalhão em uma referência ao fato ocorrido e já citado anteriormente. A população em geral acredita que nele residem os corpos dos que participaram e foram mortos nesta guerra. Este cemitério fica próximo às margens do Rio Jenipapo. Até o momento não se sabe se realmente há pessoas enterradas provenientes da batalha, mas a devoção às almas dos soldados ultrapassa quase dois séculos.

Logo após a comemoração dos cem anos da Batalha do Jenipapo em 1923 foi construído pelo governo municipal uma coluna de alvenaria, foi uma das primeiras manifestações realizadas. Para alguns autores como Fonseca Neto (2010) criticam a utilidade dessa construção, pois ele afirma que ela cumpriu bem seu objetivo, ficou esquecida no meio de toda aquela mata. Então, qual o objetivo de construir tal monumento diante deste contexto histórico? Será que a intenção era de homenagear a Batalha do Jenipapo? Seria alguma forma de demonstrar poder pelo estado em forma de homenagem? E no ano de 1974 foi construído o Monumento do Batalhão, este monumento encontra-se na BR 343 onde ele possui um museu como é chamado popularmente, pois ele não se enquadra dentro das regras de fato de um museu, mas nele consiste um acervo de peças antigas.

Os reflexos são bem nítidos em questões monumentais, como afirma Dione Carvalho (2011, p. 236) “as imagens e narrativas onde o mito e historia se cruzam, a memória social da Batalha do Jenipapo, em Campo Maior, desafia reflexões sobre identidades e patrimônio”. No texto de Dione (2011) ela levanta um discurso interessante quando trata do momento que as narrativas em torno da Batalha do Jenipapo se cruzam e de certa forma se tornam identidades e patrimônio de um povo. O poder que a memória social tem de transformar narrativas como identidade de um determinado povo e dependendo de sua intensidade incorporar em forma de patrimônio seja ele material ou imaterial.

3.3 O CEMITÉRIO E O MONUMENTO DO BATALHÃO

O Cemitério do Batalhão foi tombado no dia 30 de Novembro ano de 1938 segundo o Processo nº 185T, com inscrição nº 113 onde pode ser encontrado no Livro Históricas e no Livro Belas Artes com inscrição nº 232 tornando-se assim oficialmente um patrimônio nacional a ser preservado (IPHAN, 2009).

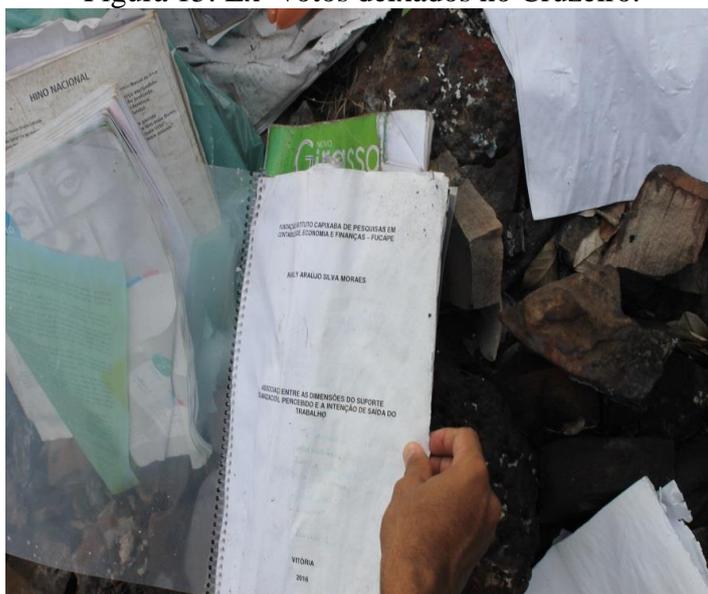
Figura 14: Cemitério do Batalhão.



Fonte: Acervo Próprio, 2017.

Ao analisar a Figura 14 acima podemos observar vários montículos de pedras e cruzeiros que representam os combatentes mortos durante a Batalha do Jenipapo. Este sítio histórico possui uma forte presença religiosa, o local é visitado diariamente por devotos e turistas dos mais diversos lugares. Na Figura 15 algumas pessoas vêm pagar promessas depositando seus ex-votos em forma de braços, pernas de bonecos representando as partes do corpo que precisam ser curados, outros trazem TCC, dissertações, teses ou mesmo apostilas de concursos almejando as suas conquistas e aprovação respectivamente.

Figura 15: Ex- votos deixados no Cruzeiro.



Fonte: Acervo Próprio, 2017.

Figura 16: Cruzeiro, localizado no Cemitério do Batalhão.



Fonte: Acervo Próprio, 2017.

Na Figura 16 acima representa o Cruzeiro um lugar de devoção, simbolismo e espiritualidade onde as pessoas rezam e acendem velas tanto para seus entes queridos que já se foram como também para as almas do batalhão. Além disso, populares da região afirmam que o local onde o cruzeiro está fincado seria supostamente o local onde os corpos dos combatentes estariam enterrados, possivelmente em uma vala comum.

Figura 17: Obelisco.



Fonte: Acervo Próprio, 2017.

É importante observar na Figura 17 a maneira como este obelisco foi construído, pois a sua frente fica do lado contrário ao do cemitério indicando a possível localização do campo de batalha (CARVALHO, 2014). Neste monumento construído ao lado do cruzeiro também é local de devoção. O Monumento do Batalhão foi construído no ano de 1974 durante o governo do Alberto Silva tendo como objetivo lembrar a batalha homenageando os Heróis do Batalhão. O interessante desta construção foi à época em que ela foi feita, estávamos em plena ditadura onde se tinha um regime de opressão, censura e repressão, mas esta construção ela traz conceitos de liberdade, de lutas por independência (FONSECA, 2010). Analisando este contexto podemos obter algumas conclusões que a criação deste monumento está mais ligada ao poder político de quem estava no poder do que realmente se importar com o que está sendo representado através desta construção.

Em uma viagem organizada durante a disciplina de Arqueologia Histórica ministrada no mestrado de Arqueologia, consegui fazer algumas identificações. Havia um fluxo razoável de turistas, considerando o mal estado em que se encontrava o monumento. Nas minhas idas ao campo observei que este sítio além de bastante visitado ao longo de todo o ano, principalmente em feriados, demonstra-se um grande potencial turístico. Um de minhas observações foi perceber que os turistas ficavam tão presos e fascinados com o monumento que esqueciam até mesmo de visitar o cemitério e quando o faziam iam até a metade e

voltavam, alguns deles chegavam a ir até o cruzeiro, mas não parecia que se interessavam pelo lugar. Após essas observações pude conversar com alguns turistas e tentar compreender se as minhas indagações estariam corretas ou era apenas conclusões infundadas.

Ao tentar um breve diálogo fui muito bem recebida por todos que pude conversar, a maioria eram do Piauí, mas nunca haviam visitado o monumento. Outros estavam trazendo seus cônjuges e familiares para conhecer. Perguntei a todos quais eram as sensações que eles sentiam ao estarem naquele local, às sensações quando se deparavam com o cemitério ou sobre o que conheciam da batalha e o contexto geral daquele local desde a sua entrada.

As respostas para quase todas as perguntas foram praticamente iguais como, por exemplo, o descaso do poder público para com aquele local com seus portões quebrados, o mato consumindo o sítio, as grandes infiltrações por todo o monumento e a falta de informação sobre a batalha também foi um dos grandes pontos ressaltados pela maioria, muito deles não conheciam a história, mesmo residindo em Teresina ou no Estado do Piauí. Sobre o cemitério eles pouco entendem a ligação dele com os monumentos, alguns achavam que teriam pessoas enterradas, outros já questionavam não haver e apenas ser um cemitério simbólico. E as sensações narradas por alguns eram de emoção trazida tanto pela História ali representada como os momentos familiares que ele os remete.

Figura 18: Monumento do Batalhão.



Fonte: Acervo Próprio, 2018.

Na Figura 18 é possível observar as duas escadarias, logo ao fundo o museu e um dos canhões expostos na entrada. No contexto dessa estrutura fica claro que o monumento foi construindo mais com o intuito turístico do que para o contexto da batalha. Não são errados

termos construções que almejam pontos turísticos, pois isto traz renda, economia, divulga a cultura, o problema se encontra quando o momento, ou o monumento fala mais alto ao seu propósito de criação. Dione Carvalho (2011, p. 8) faz referência ao Monumento como “tudo aquilo edificado por uma comunidade de indivíduos tanto para rememorar quanto visando a que outras gerações rememorem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças”.

Figura 19: Um dos canhões expostos no pátio do Monumento do Batalhão.



Fonte: Acervo Próprio, 2016.

Quando você chega neste contexto saindo do monumento e começa a adentrar ao cemitério gera uma espécie de passagem, é como se você estivesse entre dois mundos completamente diferentes. Um mostra imponência e está lá para quem chegar, já no outro você senti que foi feito para o propósito real, lembrar e homenagear quem deu sua vida pela liberdade. Até mesmo os canhões ali expostos na Figura 19 me inquietaram desde a primeira vez que visitei aquele sítio. Aquilo me fez refletir por que aqueles canhões estão expostos na frente do cemitério? Nas conversas entre os turistas perguntei a eles e muitos acharam que os canhões teriam sido usados contra os portugueses. Neste momento podemos perceber duas coisas: como é grande e urgente que as informações cheguem às pessoas que elas conheçam sobre suas raízes e a outra que o posicionamento deles está mais ligado em apresentar poder.

Uma das observações durante aquele momento foi nos indagar por que eles não estão apontando para o cemitério? Com certeza mudaria todo o contexto daquele espaço fazendo até mesmo com que os turistas se perguntassem sobre o motivo deles estarem posicionados e percebessem o que realmente está representado em todo aquele espaço. Que não se trata

apenas de um grande monumento e um cemitério simbólico, mas da História que ficou marcada e que não foram contadas, que não tiveram a chance de ter quem contasse.

Sobre as pessoas que participaram desta batalha não se conhece até a atualidade seus quantos morreram não se sabe ao certo quantas pessoas de fato participaram. E infelizmente a História é contada e recontada sob as mesmas perspectivas de uma visão que já sabemos tudo sobre a batalha.

A Arqueologia Histórica apresenta uma abordagem a partir da historiografia com uma visão mais ampla e pós-processual¹⁵, pois a Arqueologia Histórica traz o desenvolvimento de uma visão mais crítica em seus métodos em campo e nos laboratórios, consolidando seu campo teórico, já que a Arqueologia era considerada apenas uma disciplina auxiliar (CARVALHO, 2014). No Brasil as primeiras manifestações com as técnicas arqueológicas surgiram no século XX, nos anos 60 a Arqueologia Histórica é reconhecida como campo de pesquisa, quando arqueólogos pré-historiadores iniciam estudos em sítios históricos (LIMA, 1991).

A Arqueologia sendo uma ciência que procura entender o que houve com um determinado grupo no passado, precisa entender essa construção apenas fazendo interpretações do comportamento humano, suas ideias, a partir dos materiais remanescentes do que as pessoas fizeram e usaram no passado fazendo uma correlação do comportamento no presente de como esse comportamento reflete na sociedade a partir da cultura material (TRIGGER, 2004).

Contudo, a importância dos estudos da Batalha do Jenipapo a partir da interpretação da Arqueologia Histórica ocorre a partir de uma abordagem teórica e metodológica própria que pode contribuir para novas interpretações a respeito deste tema como é o estudo dos campos de Batalha. A Arqueologia Histórica, portanto, “democratiza o passado, iluminando a vida cotidiana das pessoas comuns que são invisíveis no registro documental” (HALL, 1991, p. 78).

¹⁵ “A Arqueologia pós-processual ou contextual introduziu, de forma explícita, a dimensão política da disciplina, sua importância na luta dos povos pelo seu próprio passado e por seus direitos” (FUNARI, 2005, p. 2).

3.4 A ARQUEOLOGIA HISTÓRICA NO CENÁRIO DA BATALHA DO JENIPAPO

A Arqueologia é a ciência que estuda o comportamento do homem e sua cultura material e imaterial desde o seu surgimento até hoje. Ela também estuda o contexto social onde o ser humano está inserido dentro de determinados grupos, suas funções e estilo de vida. E através dos restos materiais deixados por sociedades passadas, é possível o estudo dos materiais vividos por eles (NAJJAR, 2005). A Arqueologia também é uma ciência interdisciplinar que engloba outras áreas tais como: a Geomorfologia, Química, Antropologia, Biologia, Arquitetura, Geografia, dentre outras.

Nos meios de comunicação, a Arqueologia quase sempre é tratada como uma aventura, cheia de mistérios, e uma referência a tesouros perdidos. Temos grandes personagens na cinematografia que ao falar em Arqueologia nos vem à mente como Indiana Jones, Lara Croft, seriados como Caçadores de Relíquias e grandes jogos eletrônicos como Tomb Raider e Uncharted. Observando em todos eles a Arqueologia sempre está ligada ao antigo, à magia, e às riquezas, ao mistério sobre o desconhecido e o antigo. Isso se eleva ao imaginário popular dando lugar a certos paradigmas difíceis de distanciar da Arqueologia, como já foi dito anteriormente associar os profissionais de arqueologia a aventureiros ou caçadores de recompensas.

Quando Trigger (2014) refere-se à reação do público diante dos achados arqueológicos, indica a necessidade de inserir a arqueologia no contexto social, pois para ele a imagem popular que se tem da arqueologia é de uma disciplina esotérica que não tem relevância dentro das necessidades e interesses da sociedade no presente.

Diante deste posicionamento do autor fica clara a visão que a sociedade tem sobre a Arqueologia, de uma ciência distante de sua realidade e que apenas desperta o sentimento de aventura e imaginação. Na minha realidade como arqueóloga pude comprovar isso na prática, quando me indagavam sobre o que a Arqueologia estudava, se trabalhávamos com dinossauros. E havia os que indagavam a mim sobre a utilidade dela nos dias atuais, pois em suas concepções estudar o passado é interessante, mas não viam a Arqueologia como uma ciência que constrói conhecimentos.

A Arqueologia durante muito tempo esteve ligada a outras ciências numa condição subalterna e mesmo quando conseguiu caminhar sozinha teve ainda um longo percurso para de fato ser aclamado como ciência, o que dificultou por muito tempo seu espaço dentro da academia. Felizmente esses conceitos foram se desmistificando e passando por vários processos. Sua evolução se inicia já nos anos 60 no Brasil e passou por algumas etapas.

Inicialmente ela era chamada Arqueologia de gabinete que se tratava de escavações sistemáticas, com artefatos inventariados, catalogados e guardados, não passando de uma “ciência” altamente técnica e que prezava por paradigmas limitados pelos conceitos da História.

A Arqueologia ao longo do seu processo desenvolveu três correntes teóricas fundamentais. A corrente teórica denominada de Histórico Culturalista que visava basicamente uma arqueologia que prezava pelas descrições documentais, exemplificando, se fosse encontrada determinadas peças de cerâmicas, as mesmas seriam apenas catalogadas, inventariadas, localizadas em algum sítio de um terminado local, sem nenhuma interpretação. Symanski (2009) ao fazer referência a esta abordagem Histórico Culturalista ele diz que os arqueólogos:

[...] valiam-se de princípios teóricos e metodológicos da arqueologia histórico-cultural, aplicados tanto aos sítios pré-coloniais quanto aos sítios históricos, com ênfase na identificação e delimitação espaço-temporal de complexos de artefatos, os quais eram diretamente associados a populações específicas (SYMANSKI, 2009, p. 2).

Com o advento do Processualismo¹⁶ os arqueólogos já se permitem fazer interpretações, porém ainda está muito presa e limitada às suas análises, pois grande parte do olhar do profissional está no objeto e não no que o compõe e está em sua volta. Sobre estas questões Trigger (2014) afirma que: “A interpretação funcionalista de dados arqueológicos por muito tempo foi parte integrante dos estudos a respeito das relações entre culturas e seus ambientes, e de como os artefatos foram feitos e usados” (TRIGGER, 2014, p. 350).

O Pós-Processualismo¹⁷ propôs novas análises dos artefatos, dos documentos, uma visão vasta de interpretações que possam ir além do que os nossos meros olhos conseguem perceber. Podemos identificar o avanço da Arqueologia com novas ramificações que foram surgindo como, por exemplo, Arqueologia do Gênero, Arqueologia da Repressão, do

¹⁶Apenas no início da década de 1990 é que os ecos tardios da profunda revolução que o Processualismo operou na disciplina começaram a ser ouvidos na nossa arqueologia histórica, mais de vinte anos depois, portanto, penetrando timidamente no trabalho de alguns pesquisadores. Mesmo assim, os pilares dessa arqueologia positivista- ou seja, uma arqueologia com rigor científico e objetividade, dedução e previsibilidade de fenômenos- nunca chegaram a ser incorporados de fato à pesquisa arqueológica histórica entre nós (TÂNIA ANDRADE, 2002, p. 8).

¹⁷[...] o pós- processualismo passou a ser o indivíduo. E a influência do ambiente sobre as questões humanas passou a ser entendida como apenas indireta, mediada pela estrutura social e pelas ideias. Consciente da complexidade das relações sociais, o movimento pós- processual partiu para o estudo da dinâmica interna das sociedades, das relações de poder, dos conflitos de classe e de gênero dentro de contextos históricos específicos. E isto era tudo o que a arqueologia histórica mais queria e precisava, para se firmar como um campo capaz de dar contribuições consistentes Às ciências sociais (TÂNIA ANDRADE, 2002, p. 9-10).

Conflito, Simetria, dentre outros. Neste momento vemos como se expandiu a Arqueologia e principalmente a Arqueologia Histórica. A abrangência desta linha é bastante diversificada e o que chama ainda mais a atenção é sua atuação no contexto social em que vivemos.

Diversas vezes fui confrontada com certos questionamentos como: porque continuar a financiar as pesquisas arqueológicas? Qual a importância da arqueologia em um mundo que visa o progresso, a modernização e tecnologias? Arqueologia estuda o que mesmo? Logo vinham as respostas prontas do tipo: “para entendermos o presente precisamos entender o passado”, “é o estudo do homem no passado, especificamente desde o seu surgimento” ou “para sabermos pra onde estamos indo, precisamos saber através do passado o motivo dessas transformações”. Apesar de todas estarem corretas, particularmente percebia certa frustração por parte de quem recebia minhas respostas.

Obtive uma resposta para tais questionamentos: a Arqueologia é o estudo das pessoas a partir da Cultura Material deixada por elas e através de documentações em que a Arqueologia Histórica estuda a narrativa oficial que nos foi imposta, tendo esta um grande poder em suas mãos: a construção do conhecimento reinterpretando a História “tradicional”, um conceito discutido pelo Professor Andres Zarankin em uma aula de Arqueologia Histórica. É interessante ressaltar que os restos arqueológicos podem ser interpretados de diferentes formas. Esta maneira de examinar e apreender a partir de análises da arqueologia mudaram ao longo do tempo, em especial na Arqueologia Histórica. Então cada uma tem sua abordagem e “seu próprio mérito e nenhuma perspectiva pode ser considerada absoluta e completamente” errada ou certa (ORSER, 1992, p. 59). Então cada ponto de cada pesquisa tem seus pontos fortes e como arqueóloga pode-se escolher a melhor perspectiva no campo de pesquisa escolhido.

Termos a capacidade de construir narrativas dando sentido as coisas e construir o passado para construir o presente é uma responsabilidade muito grande. Conseguir construir a história dos que foram calados, que tiveram suas histórias interrompidas ou destruídas e quem sabe obter justiça, como por exemplo, no caso das ditaduras¹⁸, seria um grande passo para possíveis mudanças no cenário atual. Isto basicamente responde a priori todas as perguntas colocadas anteriormente. Aqui está uma das maiores contribuições dentro desta construção do

¹⁸ [...] ação de grupos políticos civis e militares que depuseram João Goulart e assumiram o poder, definindo novas diretrizes políticas para o País, também responsáveis pela interrupção da democracia entre 1964 e 1984 e pelo autoritarismo característico da Ditadura Militar Brasileira (COSTA, 2013, p. 5).

conhecimento a ser abordados pela Arqueologia da Repressão e do Conflito¹⁹ e os pontos de contribuições para a pesquisa de mestrado ao qual proponho realizar.

Diante das colocações teóricas expostas em sua Tese, Carvalho (2014) ressalta a “importância dos conhecimentos arqueológicos nas pesquisas históricas”, justificando que a “arqueologia investiga um passado que está soterrado” e do qual na maioria das vezes não existe registro. E no contexto histórico da Batalha do Jenipapo ela levanta dois questionamentos importantes: “poderíamos examinar quais elementos da memória em relação à Batalha do Jenipapo estão soterrados e quais estão sendo evidenciados”? “Quais deles estão sendo ofuscados e com o tempo desaparecerão?” (CARVALHO, p. 30, 2014).

Ao iniciar uma pesquisa precisamos traçar os objetivos que queremos alcançar, lançamos algumas teorias baseado em estudos anteriores ou nas evidências ao longo dela. Durante a pesquisa de Amparo Carvalho (2014) em sua tese ela faz uma observação muito importante do trajeto percorrido pelas tropas portuguesas até finalmente chegarem ao confronto. Um possível acampamento de Fidié e sua Artilharia e pouco mais distante outro acampamento de sua cavalaria.

O acampamento de Fidié compreenderia vários espaços na localidade aonde hoje é conhecida como Fazenda Alecrim²⁰. Sua cavalaria poderia ter acampado no chamado Capão do Fidié. Locais muito próximos um do outro e há poucos quilômetros do confronto. Entender a dinâmica de como as tropas se articulava naquele local e os caminhos em que as tropas percorreram e narrar à história sobre o ponto de vista da Arqueologia Histórica é o grande objetivo desta pesquisa.

¹⁹É o estudo de conflitos e confrontos bélicos do passado (LANDA; MONTANARI; ROMERO, 2011, p. 137).

²⁰ A referida fazenda foi ocupada posteriormente à batalha pelas tropas do Capitão cearense João da Costa Alecrim (CARVALHO, p. 95, 2014), devido a este fato a Fazenda passou a ser chamada Fazenda Alecrim por causa dessa ocupação pelo Capitão.

4. O ENCABEÇAR DAS PRIMEIRAS INVESTIGAÇÕES

Como esta pesquisa trata-se de uma interpretação sobre as rotas e caminhos das tropas portuguesas, uma série de procedimentos teórico e metodológicos foram introduzidas como levantamentos bibliográficos e cartográficos; caminhamento na área a ser estudada desde os pontos observados do acampamento até o encontro no campo em que se julga ter ocorrido a Batalha; realização de entrevistas com moradores residentes na faixa de domínio da estrada; levantamento de informações orais com a população das áreas urbanas, vilas e áreas rurais mapeamento aéreo do local de estudo com filmagens com Drone e fotos. (FERNANDES; COSTA, 2009).

Além disso, foram exploradas metodologias de estudo na Fazenda Alecrim como o possível acampamento das Tropas de Fidié. O estudo das rotas das tropas de Fidié foi realizado através do mapeamento arqueológico da aérea. No início desta pesquisa primeiramente fiz um estudo bibliográfico como já mencionado das publicações possíveis sobre a Batalha do Jenipapo, para aprofundar o conhecimento e identificar o que havia de mais recente sobre essa temática.

Contudo, iniciei esta pesquisa me debruçando a princípio sobre os textos dos autores locais como Fonseca Neto (2010), Wilson Brandão (2006), Abdias Neves (1974/2006), Monsenhor Chaves (2005) que compõe os clássicos sobre este tema. Há também diversas publicações sobre a Batalha do Jenipapo envolvendo o teor mais histórico deste tema, há também publicações na internet que trazem artigos históricos, políticos, opiniões de interessados sobre a Batalha do Jenipapo, mas nada muito além do que já tenham publicado antes. Do ponto de vista da Arqueologia temos a Tese de Doutorado da Professora Maria do Amparo Alves de Carvalho (2014), onde ela levanta pontos relevantes “sobre os acampamentos de Fidié, suas rotas” e estudos sobre este tema que abrem várias janelas para a arqueologia pesquisar mais profundamente. Ainda são bens recentes os trabalhos voltados no sentido da arqueologia, mostrando assim a importância de mais pesquisas nesta área”(CARVALHO, 2014).

Após esta intensa etapa de aprofundamento com as literaturas que circundam este tema, apresentaremos neste capítulo esse conhecimento em conjunto com a Arqueologia Histórica e suas metodologias.. Iniciei o trabalho de campo que depois dessa familiaridade com todo o arcabouço teórico, mas, as visitas ao local de pesquisa é sem dúvidas algo imprescindível na hora de fazer as relações com a teoria.

4.1 AS PRIMEIRAS PERCEPÇÕES NO CAMPO DA PESQUISA

De acordo com Chaves (2006) o Piauí foi palco de uma das batalhas mais sangrentas na época do Brasil colônia em prol da independência do país, as margens do Rio Jenipapo ocorreu esta batalha que devido a esta proximidade levou o nome do riacho. Hoje na então cidade e região de Campo Maior foi o ponto de encontro entre as tropas portuguesas e a população que ali vivia.

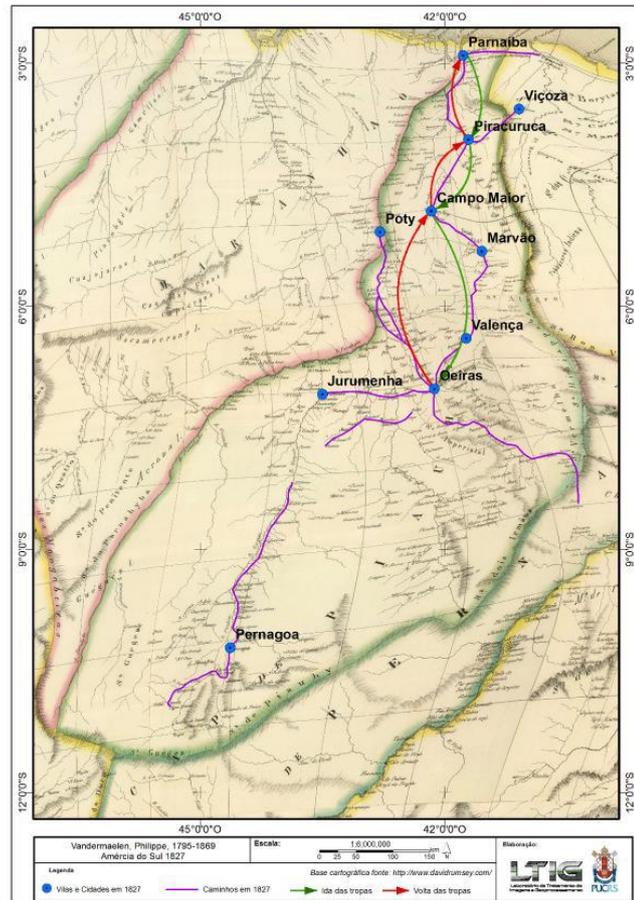
As tropas lideradas pelo Major Fidié que seguiu para a Vila Parnaíba fez em seu trajeto algumas paradas e uma das principais foi na Vila de Campo Maior onde se hospedou por 13 dias, em uma das fazendas da região. Logo após continuou seu trajeto até a Vila de Parnaíba, depois de se instalar e montar seu quartel general durante alguns meses soube que a Capital Oeiras havia declarado apoio à independência, fazendo assim com que Fidié e sua tropa retornassem para Oeiras numa tentativa de sufocar os movimentos separatistas.

Em seu retorno com suas tropas tiveram sua parada obrigatória já que a população de Campo Maior se reunia para conter o avanço das tropas portuguesas e romper com os laços portugueses de uma vez por todas. Resultando em uma sangrenta batalha que durou pouco mais de 5 horas ininterrupta em baixo de um sol escaldante com lamentáveis perdas por partes dos colonos. Após o cansaço extremo de ambas as partes, cada um retiraram seus mortos, alguns foram enterrados nos locais em que morreram.

Em seu livro Wilson Brandão (1974) descreve a trajetória de Fidié por solo piauiense, de quando se ouvia falar do Major as pessoas associavam seu nome “a destruição, a fome, a peste, a escravidão, a morte” (BRANDÃO, 1974, p.179), seu exército muito bem treinado em comparação com os camponeses e vaqueiros aqui existentes “aos primeiros movimentos, mostra a ausência de disciplina, que só a instrução militar bem ministrada pode incutir” (p.194), nesta fala percebemos a diferença de preparo militar e de estratégia dos independentes. O autor se refere ainda neste livro sobre informações que Fidié obteve e acelera seus passos em direção ao Jenipapo, se fortificando estrategicamente mandando cavar trincheiras, distribuindo as linhas de combatentes, localizando bem seus canhões e sua cavalaria intacta pronta para ser usada quando viesse a ser necessária. Percebemos a todo instante o preparo militar desses homens que já estiveram em campos de batalha diversas vezes, ao final de toda a batalha nas proximidades do rio Jenipapo parte da bagagem de Fidié foi roubada e ele ficou ainda três dias em Campo Maior até partir para Caxias- MA (NEVES, 1974), onde foi preso e mandado de volta para Portugal, onde foi recebido como herói.

Na pesquisa de Carvalho (2014) ela identifica a movimentação das tropas portuguesas realizadas dentro deste contexto durante todo o processo até chegar o momento da Batalha do Jenipapo. E também podemos observar nos mapas que boa parte do território piauiense sofre reduções em sua extensão. Nos mapas nas figuras 20e 21 a seguir serão identificados alguns pontos percorridos pelas tropas no Piauí e os pontos principais da cidade de Campo Maior.

Figura 20: Mapa da Capitania do Piauí, destacando as primeiras vilas, os caminhos e o movimento das tropas portuguesas.

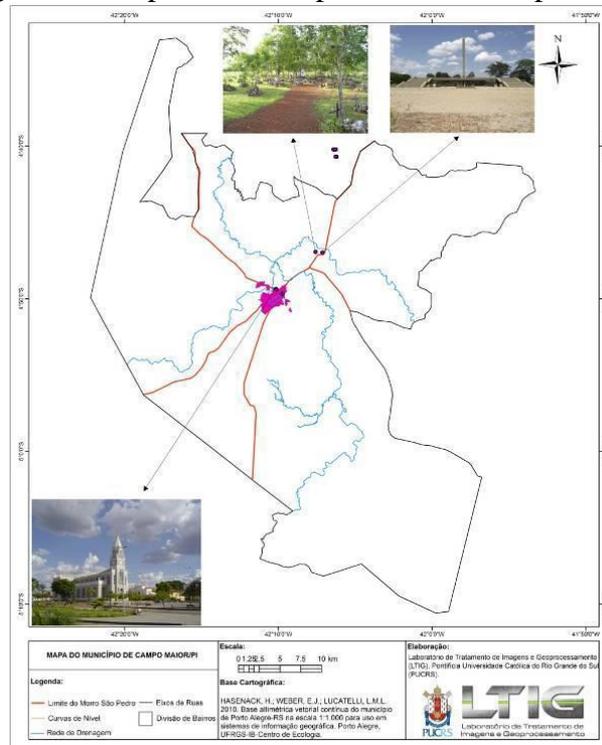


Fonte: LTIG, PUCRS, 2014.

A Figura 20 representa a província do Piauí. Neste mapa é possível identificar as rotas percorridas pelas tropas de Fidié no território piauiense e a dinâmica das distâncias entre as vilas de Oeiras, Campo Maior e Parnaíba. A próxima imagem retrata o território atualmente da cidade de Campo Maior. Também são identificados os pontos principais da cidade como, por exemplo, a Praça Bona Primo e a Igreja de Santo Antônio onde os independentes se reuniam para montar estratégias contra os portugueses que se aproximavam. Outro ponto destacado no mapa é o Monumento do Batalhão que a princípio foi construído para homenagear a história da batalha. E por último o Cemitério do Batalhão um local simbólico

onde várias pessoas se deslocam para depositar seus ex-votos e rezarem para as almas do batalhão.

Figura 21: Mapa do município atual de Campo Maior.



Fonte: LTIG (2013).

Diante desses mapas podemos perceber o potencial histórico e arqueológico desta região. As rotas que as tropas portuguesas fizeram, os pontos principais da cidade como a Praça Bona Primo na figura 22 que foi ponto de encontro para a reunião dos independentes para montarem uma estratégia de combate como já mencionado, o Cemitério e o Monumento do Batalhão.

Figura 22: Praça Bona Primo, onde os campo-maiorenses se reuniram antes do confronto.



Fonte: Acervo Próprio, 2016.

Após a identificação dos pontos principais nos mapas das Figuras 8, 9 e a imagem 10 podemos perceber alguns espaços arqueológicos importantes no contexto da Batalha do Jenipapo. A Praça Bona Primo como já foi mencionada acima, o Cemitério do Batalhão este Sítio Arqueológico tombado no dia 30 de Novembro de 1938, onde ele está rodeado de um forte simbolismo religioso, de devoção, de dedicação em datas comemorativas como é o caso do dia 13 de março, Semana Santa, 02 de novembro e outro ponto destacado nos mapas acima é o Monumento do Batalhão como espaço arqueológico.

Quando o objeto de pesquisa se trata de um campo ao qual o pesquisador precisa se deslocar com frequência, essa distância dificulta às vezes no processo de algumas associações ao juntar material bibliográfico com as sondagens da região de estudo. Particularmente senti dificuldades para fazer essas associações espaciais das localidades, como por exemplo, as localizações da Fazenda Alecrim, Capão do Fidié e os possíveis caminhos retratados pelos autores piauienses, em minha concepção as distancias seriam muito grandes umas das outras, com as idas em campo pude constatar o contrário. Na sequência detalharei melhor como ocorreu o trabalho de campo.

4.2 REGISTROS DOS TRABALHOS DE CAMPO

Como todo pesquisador ao ir a campo é necessário ter um diário para registrar os momentos vividos durante as viagens. Em minha primeira ida ao encontro do meu objeto de pesquisa fomos recebidos na Fazenda Lembrança do Dr. Antonio Augusto da Paz Filho, mas conhecido por Dr. Brigadeiro e dono das terras da região do Angelim. Neste primeiro momento um jovem estudante e filho de um dos vaqueiros, seu Jorge, nos acompanhou até o local da antiga Fazenda Alecrim e ao local Capão do Fidié, pois existe várias trilhas, a mata é fechada e se corria o risco de não chegar aos locais desejados. Na tese da Professora Amparo de Carvalho (2014) ela registra na figura 10 o local identificado pela população como sendo o que foi a antiga Fazenda Alecrim.

Figura 23: Construção em cima das ruínas da antiga Fazenda Alecrim.



Fonte: Carvalho, 2013.

Na figura 23 ao visitar novamente este lugar no ano de 2016 não havia mais nada além dos destroços. O interessante do local dessa construção é que ela foi feita em uma parte elevada do terreno, um outeiro, de onde se tem uma visão privilegiada da paisagem e da possível passagem das pessoas pelos caminhos e isto nos leva a crer que as tropas do Fidié poderiam ter passado por este local, que do ponto de vista estratégico apresenta uma boa visibilidade do terreno.

Figura 24: Local da antiga fazenda Alecrim.



Fonte: Acervo Próprio, 2016.

Na Figura 24 é possível observar o alcance da visão do alto da Fazenda Alecrim. “Nesta fazenda logo após a Batalha do Jenipapo ela foi ocupada pelas tropas do Capitão Cearense João da Costa Alecrim” (CARVALHO, 2014, p. 95), devido a essa ocupação a fazenda começou a ser chamada de Fazenda Alecrim. Esta fazenda infelizmente não está catalogada e pouco se sabe através da historiografia sobre ela. A historiografia fala que Fidié acampou em uma fazenda próxima ao local da Batalha do Jenipapo. Como ele precisava descansar e organizar, alimentar os animais e abastecer-los com água esta fazenda seria a ideal, pela aproximação ao Capão do Fidié, por está próximo a fontes de águas e suas características de visibilidade do ambiente e aproximação do campo de batalha.

Na localidade da fazenda foi possível encontramos alguns artefatos como mostrados na Figura 25, como louça, vidro e cerâmica e na ocasião marcamos cada ponto com um GPS.

Figura 25: Peças encontradas na Fazenda Alecrim.



Fonte: Acervo Próprio, 2017.

Figura 26: Vista parcial do Capão do Fidié.



Fonte: Acervo Próprio, 2017.

Assim como Chaves (2007) menciona em seu livro e os moradores identificam aquele lugar próximo desta fazenda, conseguimos encontrar o chamado Capão do Fidié, como se vê na figura 26. Percebemos ser um local de mata fechada, com algumas clareiras espalhadas por todo o terreno que sofreu alterações ao longo do tempo com a prática da agricultura e da criação de animais. Julgamos que pelo tamanho do mesmo e pelas condições do terreno com água próximo e pasto suficiente seria possível montar ali um acampamento com suficiência para acomodar o exército do Fidié.

Chaves (2007) menciona a Fazenda Angelim, pois no passado ela compreendia uma área de terra bem ampla e toda a sua extensão era conhecida pelo referido nome da localidade. Com o passar do tempo às terras foram vendidas e foi feita outra configuração do terreno.

A segunda viagem a Campo Maior foi realizada durante a disciplina de Arqueologia Histórica, ministrado pelo Professor Andres Zarankin e a Professora Amparo Carvalho em 2016 para o mestrado de Arqueologia na Universidade Federal do Piauí, como já mencionei nesta pesquisa, sendo a área de atuação de ambos os professores na qual a minha pesquisa está inserida. Aquela ocasião proporcionou uma valiosa contribuição ao estudo do tema. Ao chegar neste local percebi que algumas coisas haviam mudado desde a minha primeira visita que ocorreu em Fevereiro de 2016. O Mato estava mais alto, havia muita infiltração em todo o monumento. Na primeira vez havia apenas um guarda, desta vez além do guarda, havia o seu

Miranda atual administrador do monumento. Enquanto andávamos por todos os espaços do monumento e do cemitério, recebi várias contribuições dos pontos observados pelos professores. Um dos pontos levantados é o discurso contraditório existente naquele espaço, de um lado temos uma grandiosa construção que foi erguida com uma finalidade de demonstração de poder e a outra o cemitério que fica escondido diante da construção. A disposição do monumento foi construída pelo Estado que se apoderou deste local transformando-o em sua história e apenas valorizando-a no contexto apenas da data comemorativa, tentando inserir na sociedade uma valorização inexistente deste patrimônio.

Outro ponto a ressaltar durante esta visita em fevereiro foi que na entrada do monumento havia apenas o busto de Leonardo Castelo Branco²¹, um dos membros do movimento que lutou ao lado dos piauienses, mas em Outubro quando retornamos ao local nos deparamos com a presença de duas estátuas que de acordo com o artista²² que as esculpiu elas estão representando personagens que compuseram a Batalha do Jenipapo comoção esses o Vaqueiro e o Camponês. Perguntamos ao seu Miranda quando elas foram colocadas, ele nos informou que foram poucas semanas antes da data comemorativa do dia 13 de Março daquele ano de 2016.

Algumas observações a respeito dos canhões também foram identificadas tanto eles como o monumento foram colocados para o público que ali vai visitar, o cemitério fica escondido entre os dois e quando se atravessa indo para o cemitério temos a impressão de estarmos entrando em outro tempo, sensações aparecem e nos fazem refletir a cada passo que damos até o cruzeiro. Outro ponto observado seria possível um novo discurso se os canhões estivessem apontando para o cemitério? E por fim observamos que no Museu as coisas estão jogadas aleatoriamente sem nenhum propósito de estar. Simplesmente estão lá.

Apesar de não trabalhar com todos os pontos observados nessa viagem de campo, é importante conseguir ter essas percepções, pois elas fazem parte de toda esta temática. Essas estátuas na figura 16 foram colocadas para representar alguns dos participantes da Batalha do Jenipapo. Elas foram colocadas para a comemoração do dia 13 de Março. Um dos líderes dos combatentes brasileiros, Monumento do Jenipapo, Campo Maior.

²¹ Um dos líderes dos combatentes brasileiros, Monumento do Jenipapo, Campo Maior.

Figura 27: Estátuas representativas do camponês e o Vaqueiro



Fonte: Acervo Próprio, 2017.

Figura 28: Interior do Museu do Jenipapo.



Fonte: Acervo Próprio, 2017.

Neste museu na Figura 28 muito dessas peças ali exposta eram pertencentes ao antigo Museu do Couro e complementaram outras peças já existentes no Jenipapo. Observamos várias peças antigas como telefones e vitrolas antigas, material paleontológico, dentre outras.

4.3 A ORALIDADE NO CONTEXTO DA BATALHA DO JENIPAPO

A princípio não percebi grande necessidade da História Oral como metodologia de pesquisa mesmo trabalhando com a comunidade local. Mas em alguns momentos pelos rumos que a pesquisa se direcionava, esta necessidade aumentava. Para Constantino (1993, p. 117) a “História Oral ressurge, com caráter renovador por que aponta a necessidade de um trabalho sistemático, derivado de um problema relevante, que frequentemente diz respeito aos sem história”. Então, temos aqui a oportunidade de contar fatos que a história oficial não relatou em seus documentos.

A Batalha do Jenipapo que ocorreu há quase 200 anos não necessitaria de entrevistas a não ser que conseguíssemos conversar com algum descendente, que não foi o caso até o momento. Apesar de não utilizar entrevistas de fato inicialmente, decidi utilizar a metodologia da História Oral para fazer uma relação de como a história sobre este tema, percorreu desde as histórias contadas pelos mais velhos e como ela continua sendo repassada aos jovens, se temos alterações ou se ela se repete da mesma maneira com as mesmas percepções.

De acordo com Carvalho (2014, p. 33),

A memória é constituída de maneira individual e social e também seletiva, de forma que o indivíduo lembra-se de determinados fatos com mais precisão e esquece-se de outros que para ele não foram tão significativos. De cada história, sobrevivem apenas fragmentos de um passado que atravessou vários crivos da história pessoal e socialmente construídos em contextos específicos. (CARVALHO, 2014, p. 33).

Nesta citação a autora percebe a partir de suas experiências vividas no campo da História Oral, que embora façamos diversas entrevistas temos que nos preparar, e que quando trabalhamos com memória estamos sujeitos a fatores que ela mesma levanta, como por exemplo, a maneira individual e social que levam as histórias a serem contadas com versões diferentes ou com as mesmas versões como percebemos no caso da Batalha do Jenipapo.

Com o desencadear da pesquisa percebi a necessidade de fazer algumas entrevistas. Decidimos fazer as entrevistas com os moradores mais antigos da região de Nazaré onde fica localizada a região do Angelim. Uma das entrevistas foi realizada com um senhor que mora na região do Angelim chamado seu Raimundo Nonato do Nascimento, um senhor muito simpático e bastante receptivo, que naquele momento nos acolheu e aceitou fazer uma entrevista conosco. Seu Raimundo de 95 anos de idade e totalmente lúcido nos contou sobre

as estradas velhas por onde as tropas passaram nos relatou também sobre alguns acontecimentos de sua vida e sua relação com a história da referida batalha.

Outra entrevista que pude realizar foi com o atual administrador do Monumento do Batalhão o Senhor Antônio Miranda. Uma das coisas que chamou a minha atenção na conversa com ele foi à paixão que ele tem pelo tema da Batalha do Jenipapo e a constante busca em conhecimento por essa História. Ele contou durante a entrevista que muito antes de qualquer pretensão em se tornar o administrador do monumento ele já pesquisava sobre este tema. Quando ele foi nomeado ao cargo percebeu a necessidade de estudar ainda mais, contava que quando as pessoas iam visitar aquele local elas o indagavam sempre a respeito do acontecido. Apesar de pouco estudo acadêmico ele tem uma mente muito aberta quando se trata da História da batalha, pois sempre tenta aprender mais para ensinar aos que visitem aquela localidade. Ele afirmou ter vários diários de campo e que os transformou em livro confeccionado por ele e vendido aos visitantes no Monumento do Batalhão.

Para Constantino (1993) a metodologia da História Oral não é considerada em muitos trabalhos. Quando a utilizamos estamos produzindo novos dados, novos documentos, pois a partir do momento que elas são transcritas elas viram conteúdo histórico. Infelizmente não podemos perder tempo quando se trata da História Oral, pois convivemos com pessoas que por alguma eventualidade poderão não estar entre nós e então com ela se vai toda uma história de vida, memórias que perdemos.

Para compreendermos mais o universo da História Oral em seu discurso Marieta Ferreira (1994, p. 1-12) faz um apanhado do processo de consolidação da mesma como metodologia e sua contribuição. Um dos pontos ressaltados pela autora é sobre desinteresse, desconfiança e validade de suas fontes, ela justifica que esse posicionamento se deve ao fato que a história só nasce quando outra época está “totalmente morta” fazendo assim com que acreditássemos em um “passado fixo e determinado”.

Continuando com a narrativa de Ferreira (1994) ela traz um exemplo que podemos comparar com a realidade vivida dentro do contexto da Batalha do Jenipapo, embora o tempo seja de ocorrência dos dois fatos sejam bem diferentes e distantes um do outro.

Para Ferreira:

Guerra do Vietinã e as lutas pelos direitos civis, travadas pelas minorias de negros, mulheres, imigrantes etc., seriam agora as principais responsáveis pela afirmação da História Oral, que procurava dar voz aos excluídos, recuperar as trajetórias dos grupos dominados, tirar do esquecimento o que a história oficial sufocara durante tanto tempo. A História Oral se afirmava, assim, como instrumento de construção de identidade de grupos e de transformação social. (FERREIRA, 1994, p. 4).

Fazendo uma analogia com a Batalha do Jenipapo através desta metodologia juntamente com outras que a Arqueologia dispõe podemos dá voz às minorias excluídas, narrar e construir conhecimentos que por meio da História Oral ficará guardado para sempre, ainda que os autores dessas memórias não estejam mais aqui. Ela “preserva, pelo registro, o que estaria definitivamente perdido” (CONSTANTINO, 1993, p. 125). A História Oral produz fontes especiais, e tem-se mostrado cada vez mais a sua importância para a compreensão e construção de memórias e na utilização de estratégias que representam grupos ou indivíduos dentro de uma sociedade (FERREIRA, 1994, p. 12).

Na fala de Carvalho (2014), ela traz indagações com as quais me deparei em campo quando utilizando a História Oral: da seguinte forma:

Como esse episódio pode ser silenciado totalmente pelos descendentes? Ele estaria na categoria dos acontecimentos trágicos que teriam causado culpa e vergonha àqueles envolvidos, justificando assim o seu silenciamento? Ou o tempo transcorrido de aproximadamente quase duzentos anos seria o argumento que melhor justificaria o silêncio sobre esse episódio? Poderia ter havido algum ato político de caráter privado que tenha imposto o silêncio a esses descendentes, especialmente aqueles que receberam alguma espécie de indenização? Houve alguma indenização? (CARVALHO, 2014, p. 33).

Percebemos então a importância da História Oral dentro do processo de formação desta pesquisa como um dos mecanismos utilizados para compreender e produzir dados que não constam na historiografia oficial. Alguns dados que a mesma nos trouxe foram a localidade da Fazenda Alecrim e o Capão do Fidié, os caminhos antigos utilizados pelas tropas portuguesas durante a travessia pela vila de Campo de Maior, dados esse que não se tem sobre a Batalha do Jenipapo.

4.4 RELIGIOSIDADE E SIMBOLISMO EM TORNO DO CEMITÉRIO E MONUMENTO DO BATALHÃO

O Cemitério do Batalhão na Figura 29 está em volta de uma forte religiosidade, misticismo e simbolismo. O cemitério foi construído antes de qualquer intervenção do Estado e ele está localizado por trás do Monumento do Batalhão. Neste sentido para se valorizar o espaço em que se localiza o cemitério e dar ressignificação à memória da batalha foi construído o Monumento do Batalhão e o Museu do Batalhão. Ambos foram construídos em momentos distintos, dia 6 de novembro de 1973 e 12 de novembro de 1974, respectivamente (CARVALHO, 2013).

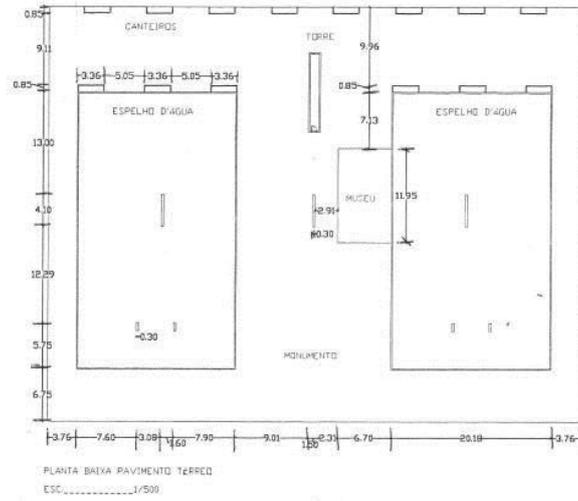
Figura 29: Cemitério do Batalhão, antes da construção do Monumento.



Fonte: Fundac Piauí, 2012.

Nas Figuras 30 e 31 temos respectivamente as plantas baixas do Monumento do Batalhão e do Cemitério logo após da construção do Monumento. É importante termos as plantas baixas de lugares históricos para observarmos os espaços existentes e utilizados pelos visitantes.

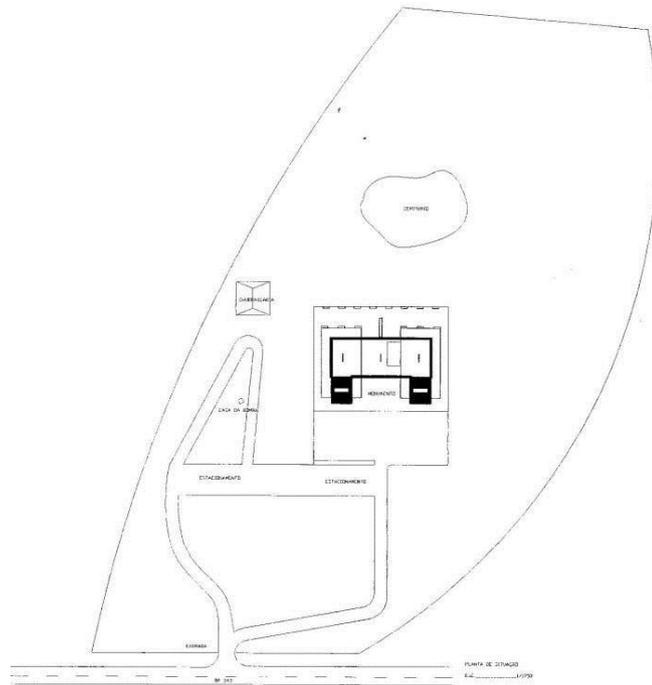
Figura 30 - Planta baixa do Monumento do Batalhão.



MONUMENTO DO JENIPAPO - CAMPO MAIOR - PI.
DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO NATURAL E CULTURAL DO PIAUÍ - FUNDEC

Fonte: Fundac Piauí, 2012.

Figura 31: Planta do Cemitério após a construção do Monumento do Batalhão.



MONUMENTO DO JENIPAPO - CAMPO MAIOR - PI.
DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO NATURAL E CULTURAL DO PIAUÍ - FUNDEC

Fonte: Fundac Piauí, 2012.

Figura 32: Cemitério do Batalhão, em duas datas distintas.



Acervo Próprio, 2017.

De acordo com seu Miranda (2017) durante a entrevista realizada com ele no Monumento do Batalhão sobre a manutenção deste patrimônio histórico, podia-se perceber os portões ainda quebrados e a mata muito crescida como mostra a Figura 30; ele ainda disse que o poder público apenas se manifestava quando chegava próximo à data do dia 13 de Março, quando se comemora a Batalha do Jenipapo.

Apesar de ser um marco dentro da nossa história percebemos claramente a importância dada pelo poder público que apenas manifesta sua participação em comemorações fazendo assim uma limpeza da área. Para Carvalho,

Os campos externos e o cemitério recebem tratamento especial para as honras fúnebres com uma limpeza esmerada, faixas, cartazes, palanques para os discursos, espaço para os artistas que encenam a Batalha e para a multidão espectadora. Nesse cenário, transitam centenas de visitantes, dentre eles políticos, populares, devotos, artistas e pesquisadores que se aglomeram motivados por objetivos bem peculiares. Esse foi um momento no qual se pôde contemplar e perceber como as pessoas que ali chegavam por motivos pessoais diferenciados se movimentavam e atribuíam significados àquele lugar (CARVALHO, 2014, p. 40).

O Cemitério do Batalhão de acordo com seu Miranda recebe visitantes de diversos municípios próximos, de outros estados até de outros países como Portugal. Este sítio é importante para a população local e para todos os que se deslocam até este lugar para prestar suas homenagens, muitos depositando seus ex-votos para retribuir as bênçãos alcançadas. Independente de datas comemorativas sempre tem pessoas ali prestando suas homenagens. Em minhas viagens de campo que na maioria das vezes não coincidiu com nenhuma data

festiva sempre percebi a presença de turistas e religiosos. Nas datas comemorativas isto apenas se intensifica como é no caso do 13 de Março, Semana Santa, Corpus Christ, Sete de Setembro, 12 de Outubro dia dos finados em 02 de novembro.

No dia 02 de Novembro de 2017 tive a oportunidade de registrar a movimentação dos devotos no Cemitério do Batalhão. Pude perceber que quem ali chegava mostravam-se bastante emocionadas ao fazerem suas orações e quando acendiam suas velas, havia neles um respeito não apenas com seus entes queridos, mas com as “almas do Batalhão”. Nas Figuras 33 e 34 registradas naquela ocasião atestam essa devoção popular em torno do referido cemitério.

Figura 33: Homem em atitude de devoção acendendo velas no Cruzeiro no Cemitério do Batalhão e fazendo suas orações.



Fonte: Acervo Próprio, 2017.

Figura 34: Senhora fazendo suas orações.



Fonte: Acervo Próprio, 2017.

Quando entramos em contato com a religiosidade existente neste sítio percebemos a importância que ela traz consigo como podemos perceber. Nossa história ali refletida após quase duas centenas de anos ainda comove as pessoas que o visitam. Esse é nosso patrimônio e precisamos preservá-los, valorizando-o, pesquisando-o, construindo narrativas e dando oportunidade a essas pessoas e suas histórias.

4.5 MAPEAMENTOS DA FAZENDA ALECRIM, DO CAPÃO DO FIDIÉ E DOS CAMINHOS ANTIGOS

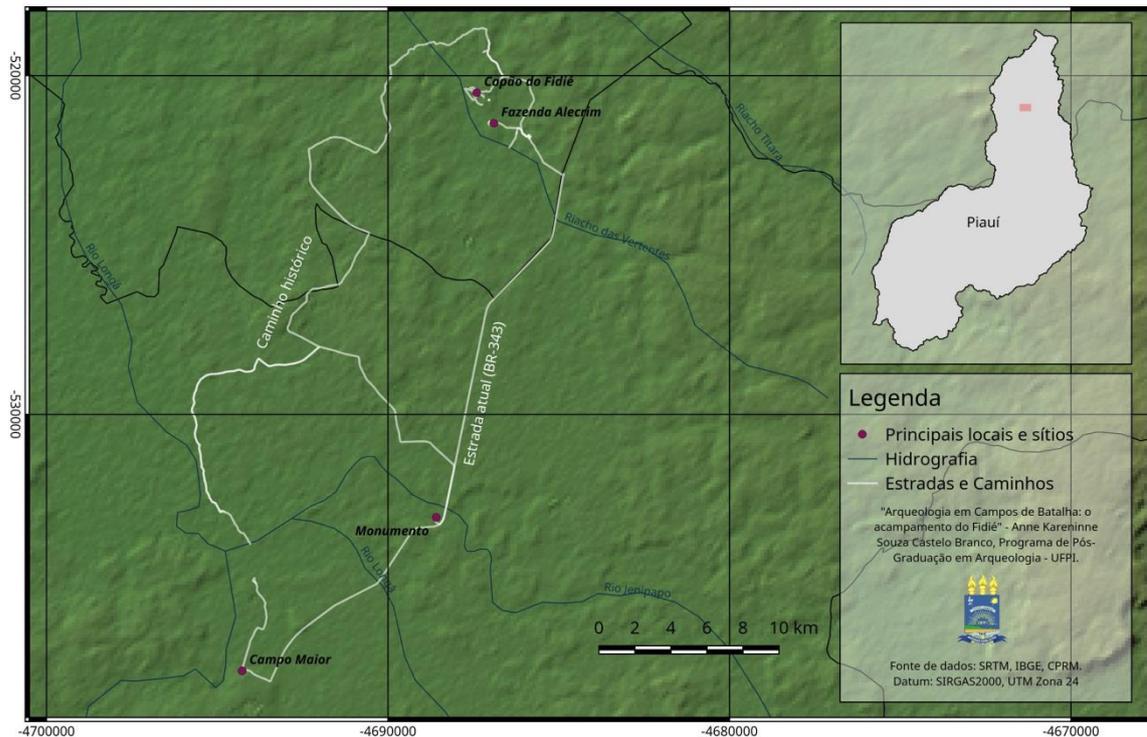
Neste item trabalharemos a metodologia utilizada para fazer o mapeamento das áreas da Fazenda Alecrim, Capão do Fidié e dos caminhos antigos. Para que o mapeamento fosse realizado foi utilizando um equipamento chamado Drone, onde diversas filmagens dos locais e fotos foram feitas para conseguirmos unir pontos que consideramos locais com potenciais por onde as tropas poderiam ter passado. As imagens nos fez perceber a quantidade de água existente naquela região e proximidade entre o capão do Fidié e a Fazenda Alecrim que eram uma única propriedade.

Fizemos algumas caminhadas nos pontos já mencionados, em determinados momentos utilizamos uma metodologia da Arqueologia Sensorial²³. Naquele momento a equipe que estava realizando as etapas em campo foi dividida, enquanto uma ficava no topo mais alto das estruturas da antiga Fazenda Alecrim, os outros caminhavam até o Capão do Fidié. A cada cinco minutos gritavam e acenavam uns para os outros a fim de identificarmos até o momento em não conseguimos nem vê-los e nem ouvi-los. Assim, percebemos que qualquer movimento naqueles campos seria identificado de longe, como por exemplo, a passagem de viajantes montadas a cavalos. A posição da Fazenda em relação ao campo era favorável para as pessoas presentes na casa identificarem de longe se houvesse possibilidade de ataques de fora. Em qualquer acampamento em tempos de guerra os ataques são realidades possíveis.

A metodologia utilizada para mapear a região do Capão do Fidié e da Fazenda Alecrim ia-se marcando a cada vinte passos um ponto no GPS. Cada ponto era feito verticalmente considerando a direção Leste- Oeste, logo depois na horizontal foi feita a marcação a cada trinta passos e assim sucessivamente. Comisso poderíamos mapear todo o espaço que íamos considerando dentro do Capão como os Clarões, que são espaços abertos em meio à mata parcialmente fechada que funcionava como abrigo e esconderijos para a cavalaria das tropas de Fidié.

²³Busca entender como através da experiência sensorial com a materialidade, construímos nossas histórias, identidades, políticas, cultura e memórias (PELLINE, 2015, p. 1).

Figura 35: Localização da Fazenda Alecrim e do Capão do Fidié.



Fonte: SRTM, IBGE, CPRM, 2018.

A Figura 35 representa as localizações da Fazenda Alecrim e do Capão do Fidié embora esses dois espaços estejam localizados na mesma região e eram terras pertencentes a mesma fazenda, apenas fizemos as distinções como pontos de potencial arqueológico para eventuais campanhas de escavações e pontos geográficos de localizações para o mapeamento que foi realizado. No mapa temos como primeiro ponto a atual cidade de Campo Maior este primeiro ponto foi realizado na Praça Bona Primo como já mencionada anteriormente, pois era um espaço onde os independentes se mobilizaram contras as tropas de Fidié e de onde partiram até o local do principal confronto. O segundo ponto é o do Monumento do Batalhão onde está o sítio arqueológico. Já o terceiro e quarto ponto são referentes a Fazenda e o capão como já mencionados.

O acampamento das tropas possivelmente se estendeu há apenas três dias, pois era algo provisório e não podem ser descartadas os pequenos conflitos que poderiam ter sido travados com soldados portugueses e os independentes. Assim também como não podem ser desconsiderados que todo este espaço está remetido ao conflito, pois no momento do ponto

principal do conflito pelas próprias características do ambiente em outros pontos estariam acontecendo simultaneamente outros conflitos

Nesta imagem pode-se observar que o traçado branco pertence há um dos caminhos antigos que foi realizado o mapeamento nesta pesquisa, trazendo um dado novo referente as rotas até então não registradas. Este caminho antigo é provável que tenham sido percorridas pelas tropas portuguesas assim que iniciaram a movimentação para a batalha que estava a espreita. A seguir algumas imagens realizadas durante este mapeamento será possível a visualização deste espaço com maior precisão.

Figura 36: Uma das entradas do Capão do Fidié.



Fonte: Acervo Próprio, 2017.

Na Figura 36 temos umas das entradas para o Capão do Fidié onde tivemos o auxílio de alguns moradores como seu Raimundo Nonato e o Vaqueiro seu Jorge na identificação desses espaços. Atualmente esta área esta cercada com isso houve dificuldades para adentrar na localidade, mas foi possível a entrada com marcações de pontos de GPS, imagens e filmagens áreas realizadas pelo Drone. Utilizamos uma classificação no espaço dentro capão chamado de Clarão. Umas das características mais forte do capão é justamente uma área em que pode- se usar como esconderijo, pois ao redor a mata é relativamente fechada, mas dentro possui espaços grandes e vazios que denominamos de Clarão. Observamos e marcamos 4 pontos de Clarões e possíveis esconderijos ou ponto de encontro das tropas.

Figura 37: Vista da região do Capão do Fidié.



Fonte: Acervo Próprio, 2017.

Na Figura 37 é possível visualizar do espaço da entrada do Capão toda a região dos clarões. Quando estas imagens foram realizadas estava no período do B R O B R O que consiste em uma época do ano no Estado do Piauí compreendido entre os meses de Setembro a Dezembro como os mais quentes, seco do ano. Devido a isso é possível observar a vegetação mais seca e sem os arbustos que poderiam servir de esconderijo. A Seta vermelha indica um dos maiores Clarões neste espaço. A necessidade de realizada essas imagens nesta época foi exatamente para fazermos comparativos dos meses mais chuvosos e pela dificuldade de traçar esses pontos, pois em no mês de Março está região possui vários lagos e a mata fica mais robusta. Na Figura 38 pode-se visualizar melhor o Clarão 4 como foi nomeado e o maior encontrado naquela região.

Figura 38: Um dos clarões da região do Capão do Fidié.



Fonte: Acervo Próprio, 2017.

Na Figura 39 onde esta foi registrada no mês de Março onde podemos visualizar ainda que sutil a transição da mata podendo ser feito um comparativo com as imagens anteriores, pois a Batalha do Jenipapo ocorreu no início do mês de Março. Nesta imagem este espaço delimitado em vermelho representa o que a população local costumava chamar de as trincheiras de Fidié, diziam que era onde se protegiam de tiros e balas. Como sabe-se as trincheiras são “fosso ou escavação feita no solo cuja profundidade e parapeito servem como abrigo aos combatentes” (DICIONÁRIO PORTUGUÊS), pelas possibilidades de tempo e proporção da batalha era inviável serem construídas trincheiras. Nas idas ao campo de pesquisa identificamos o que a população identificava por trincheira era afloramentos rochosos e que provavelmente eram usados como abrigo e proteção durante a batalha. Esses afloramentos são encontrados em todo o território da localidade e devido às ações humanas e naturais foram sendo enterradas a cada ano que se passou.

Figura 39: Imagem aérea de um dos pontos da região da Fazenda Alecrim.



Fonte: Acervo Próprio, 2018.

Figura 40: Região da Antiga Fazenda Alecrim.



Fonte: Acervo Próprio, 2017.

Na Figura 40 podemos fazer um comparativo com a Figura 36 e vemos a mudança de paisagem. A seta vermelha indica o ponto do Capão do Fidié, já a seta laranja marca o ponto da sede onde ficava a Fazenda Alecrim. Apesar de aparentemente pela imagem parecer muito distante foi realizado o trajeto que constou apenas 900 metros de distância da fazenda.

Nas Figuras 41 e 42 feitas pelo Drone percebemos a dimensão das terras pertencentes a antiga fazenda e como os campos propiciam passagens abertas para a passagem das tropas como para os confrontos. Na figura 40 a seta vermelha indica a sede da Fazenda Alecrim em comparação com espaço onde a mesma esta localizada.

Figura 41: Região da Fazenda Alecrim.



Fonte: Acervo Próprio, 2017.

Figura 42: Vista do campo ao redor das Ruínas da antiga Fazenda Alecrim.



Fonte: Acervo Próprio, 2017.

A seta vermelha na Figura 43 marca o ponto mais alto da antiga sede da Fazenda Alecrim e onde possivelmente o Major Fidié e sua artilharia tenha montado a outra parte de seu acampamento, pois ali representa o Estado Maior a quem ele estava representando, que era o interesse da Metrópole Portuguesa. Já na região do capão e em todo este território foi montado o acampamento que resguardava toda sua cavalaria, armamento pesado, canhões, entre outros equipamentos.

Figura 43: Localidade da antiga Fazenda Alecrim.



Fonte: Acervo Próprio, 2017.

Na Figura 44 e 45 temos a entrada de alguns espaços denominados Clarões onde à mata está mais fechada pela época do ano em que foi registrada no mês de Março. Pode-se perceber a mata maior mais fechada proporcionando as características principais de um Capão e como esconderijo para as tropas portuguesas se instalarem. Podemos perceber também na Figura 44 os afloramentos rochosos que se evidencia em todo este espaço da antiga Fazenda Alecrim, permitindo assim serem utilizadas como trincheiras, proteção e abrigo durante com o combate.

Figura 44: Uma das entradas dos Clarões do Capão do Fidié.



Fonte: Acervo Próprio, 2018.

Figura 45: Espaço de afloramentos rochosos na região do Capão do Fidié.



Fonte: Acervo Próprio, 2018.

Foi considerado na pesquisa quatro Clarões como já mencionado, sendo o da Figura 38 o maior. O Clarão 1 seguimos na direção leste e o mapeamento seguiu o mesmo padrão vertical e horizontal de 20 e 30 passos respectivamente. O Clarão 2, 3 e 4 seguiu o mesmo processo e é importante ressaltar que esses espaços se interligavam e há passagens de um para o outro.

Em batalhas e guerras encontrar abrigo e acampamento além de serem utilizadas estratégias de guerra, apenas isso não basta precisa de um local que aja água próxima para os animais e soldados. Esta região nos primeiros meses do ano é regada de lagoas, lagos e rios, essa é uma das grandes características dessa região, pois além de água, ponto estratégico de defesa e ataque funcionava como esconderijos em uma eventual fuga por parte das tropas portuguesas. Nas Figuras 46 e 47 pode-se perceber essas características mencionadas.

Figura 46: Um dos maiores Clarões na região do Capão do Fidié.



Fonte: Acervo Próprio, 2018.

Figura 47: Lagos ao redor do espaço da Fazenda Alecrim.



Fonte: Acervo Próprio, 2018.

Foi iniciada na última ida ao campo de pesquisa um dos objetivos desta pesquisa, mapear um dos caminhos antigos utilizados pelas tropas portuguesas em sua travessia pela então Vila de Campo Maior. Tivemos a ajuda do seu Jorge um dos vaqueiros da propriedade do Dr. Brigadeiro proprietário de grande parte das terras percorridas. É importante ressaltar que essa estrada ainda é utilizada nos dias atuais.

Como o caminho era muito extenso, devido ao tempo e disponibilidade do seu Jorge fizemos o trajeto de carro. Para poder marpear todo este espaço a cada 1 minuto era marcado um ponto de GPS, todo este caminho foi monitorado. Passamos por várias localidades, como por exemplo, Barragem do Jacaré, Fazenda Jacaré, Localidade São João, Localidade Panela, pontos de referência como a Escola Joaquim Machado, Açude Panela, Localidade São Francisco chegando na Avenida Nossa Senhora de Nazaré, Localidade Martim, Fazenda Ouro Verde, Chumbinho. Quando chegamos na Localidade Chumbinho observamos uma bifurcação, de acordo com os dados obtidos pela historia oficial, oral, pesquisa de campo e direção era bastante provavel que eles estivessem vindo nesta direção, pois além de ser um dos caminhos antigos que se utilizavam na época é uma estrada rumo ao litoral de onde as tropas já estavam vindo. Na Figura 48 é possível visualizar a estrada antiga e a bifurcação, não se pode afirmar que está é a bifurcação dita pela historiografia oficial, mas é uma hipótese provável pela direção que estavam seguindo.

Figura 48: Rotas de um dos caminhos antigos.



Fonte: Acervo Próprio, 2018.

O percurso do mapeamento continuou, pois o objetivo era chegar até o Rio Jenipapo. Logo após passarmos pela bifurcação havia algumas localidades como a Fazenda Macambeira, localidade da Vársea, Passagem do Marinho chegando ao local da travessia do rio Jenipapo. Uma parte do percurso do mapeamento foi realizado a pé pelas condições do solo que não eram apropriados para o carro. Foi percorrido cerca de um quilômetro para chegarmos as margens do Rio Jenipapo. Na Figura 38 é a entrada já bem próximo do rio percebemos uma mata bem fechada, de difícil acesso

Figura 49: Passagem para o Rio Jenipapo.



Fonte: Acervo Próprio, 2018.

Na Figura 50 registramos seu Jorge o vaqueiro que nos acompanhou e nos auxiliou durante o trajeto, pedimos a ele que se fosse possível entrasse no rio para percebemos a possibilidade de passagem, considerando que essa imagem foi registrada no mês de Maio, então provavelmente em Março não seria possível este registro.

Poderíamos questionar a necessidade e eficácia das tropas realmente terem atravessado o Rio Jenipapo, apesar de a historiografia afirmar que no ano 1923 houve uma escassez em chuvas, qual motivo para atravessa-lo? Havia vários soldados a cavalo, armamento, canhões que poderiam se perder ou não funcionar devido ao contato com a água. Este foi um questionamento levantado justamente pelas evidências e dados obtidos em campo, mas era necessário mais tempo para entender esse processo e que servirá para futuras pesquisas.

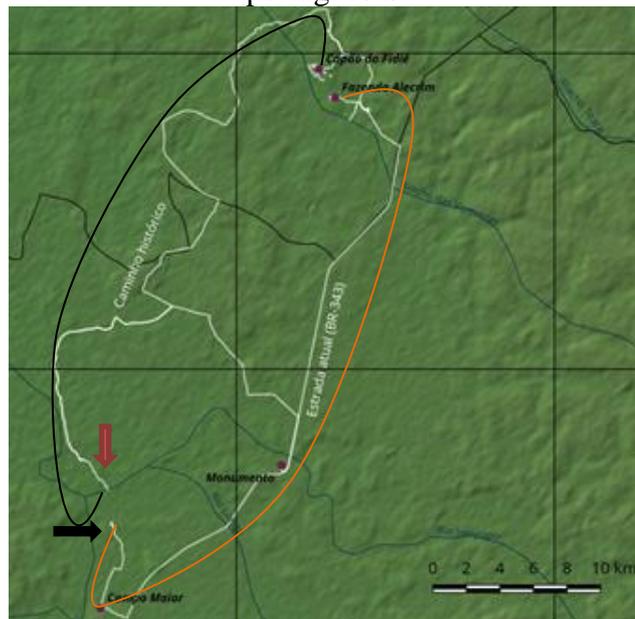
Figura 50: Margem do Rio Jenipapo.



Fonte: Acervo Próprio, 2018.

A intenção no mapeamento era fazer a travessia até a cidade de Campo Maior quando chegamos às margens do Rio Jenipapo, mas não foi possível devido ao Rio Longá. Então, foi decidimos retornar e contornar pela cidade de Campo Maior para chegarmos até o rio Longá e assim fazer o mapeamento da área até onde às condições físicas do ambiente permitissem. A distância medida desde o Capão do Fidié até as margens do rio Jenipapo foram de 35 quilômetros, provável distância percorrida desde que marchavam das terras da antiga Fazenda Alecrim.

Figura 51: Mapeamento da Fazenda Alecrim, Capão do Fidié e do caminho antigo das tropas portuguesas.



Fonte: SRTM, IBGE, CPRM, 2018.

Na Figura 51 que representa o mapeamento realizado do caminho por onde provavelmente as tropas percorreram a seta vermelha indica o Rio Jenipapo, o percurso em preto o caminho por onde as tropas saíram em direção a Vila de campo Maior, mas aguardando uma possível batalha. A seta preta indica o rio Longá o traçado em laranja que também foi mapeado indica foi o retorno para cidade de Campo Maior e a partir da cidade traçar o caminho que os independentes saíram. Ou seja, nesta região provavelmente onde teria sido o conflito.

Assim como as metodologias introduzidas nas pesquisas sobre o Forte de Orange (ALBUQUERQUE, 2007) as análises das estruturas presentes, as prospecções na busca de eventuais estruturas de defesa auxiliam no progresso da pesquisa no achado de novas estruturas de defesas militares que forem surgindo. Quando tratamos de sistemas militares as pesquisas arqueológicas e suas metodologias, podem trazer novos acervos militares em caso de campos de batalhas e fortalezas militares como no caso do Forte Orange, como projéteis, balas de fogo, armas, dentre outros armamentos utilizados. E essa sistemática pode ser utilizada no contexto da Batalha do Jenipapo, para identificar acampamentos, rotas e o próprio campo de batalha que até o momento não foi identificado em sua amplitude (CARVALHO, 2014).

5. ANÁLISES QUÍMICAS DOS ARTEFATOS BÉLICOS ENCONTRADOS NO ENTORNO DO MONUMENTO DO BATALHÃO

Durante algumas idas ao campo de pesquisa um artefato bélico que estava em exposição no Monumento do Batalhão tinha sido encontrado por um morador local chamado seu Wilson José de Araújo. Este senhor havia encontrado o referido projétil no mês de Julho de 2017, nos contou seu Miranda o administrador do Monumento do Batalhão durante uma entrevista que nos concedeu. Este fato impressiona, pois é o primeiro artefato encontrado no cenário da Batalha do Jenipapo, o que abre possibilidades para novas pesquisas sobre o Campo de Batalha do Jenipapo.

O seu Wilson encontrou a bala de canhão e tivemos a oportunidade de conhecê-lo e conversar para relatar como tudo ocorreu. Este senhor sabendo a importância que seu achado representava, levou ao seu Miranda o administrador do Monumento do Jenipapo. Contudo foi necessário convencer o seu Wilson a doar o artefato para Museu que fica no Monumento, a fim de resguardá-lo e para possíveis pesquisas futuramente. Na entrevista que foi realizada com o senhor Miranda ele relata a história da bala de canhão encontrada e a importância da mesma no cenário histórico da Batalha do Jenipapo, na fala é possível observar sua clareza na preservação ao patrimônio e o quanto esta conscientização é importante.

[...] essa bala é importante para que as pessoas fiquem vendo ela, saibam que foi aqui que teve uma guerra e o pessoal fala tanto das armas, e essa bala serve de prova pra alguma coisa, então ela só tem serventia pra cá, agora tu também lucra com isso Wilson porque se tu doar essa bala teu nome vai ficar vivo, porque eu vou ter que dizer que foi tu que doou essa bala e foi tu que encontrou e tu vai ser procurado por repórter, por pesquisador, por pessoa simpatizante da historia [...] Olha aqui Wilson o que eu fiz, pra provar que foi você mesmo que encontrou a bala, olhe ai pra você lê e ele assinou, pronto ta documentado isso vai ficar ao lado da bala pro pessoal que for tirar foto dela vai saber que foi você que achou, o Wilson vai ficar conhecido no mundo inteiro por causa dessa bala e ele ficou animado, a historia da bala é bonita.

Seu Miranda o ajudou a entender a importância histórica e arqueológica daquele artefato e o convenceu a fazer a doação, sendo assim solicitou que ele assinasse um termo de doação e o entregasse para fazer parte dos artefatos relacionados a Batalhado Jenipapo, como se pode observar na Figura 52.

Figura 52: Bala de canhão encontrada nos arredores do Cemitério do Batalhão.



Fonte: Acervo Próprio, 2017.

A referida bala de canhão encontrada pelo seu Wilson e doada para o Museu do Batalhão permanece lá até o momento e embora existam artefatos no museu este é até o momento o único que liga fortemente toda essa região ao acontecimento da Batalha do Jenipapo. O senhor Wilson ainda confidenciou ter encontrado outra bala de canhão com as mesmas características, porém não mostrou. Foi explicada a importância desse achado para a construção da nossa história e para ele como a pessoa que encontrou o artefato, mas ainda sim não mostrou.

Ao nos depararmos com tal situação fica evidente a necessidade e a importância da educação patrimonial nas localidades por onde nossas pesquisas desbravaram. Esse retorno da pesquisa para a sociedade é imprescindível, pois assim podemos não apenas incentivar as pessoas, mas fazer com elas entendam a importância da preservação do patrimônio histórico, artísticos e cultural que é de todos nós e que precisamos cuidar e proteger.

Com esta nova descoberta era preciso analisar a Bala de Canhão. Devido às análises serem feitas por equipamentos frágeis explicamos ao senhor Miranda sobre a importância de

analisarmos este artefato arqueológico, ele compreendeu a importância e nos doou por alguns meses para ser realizado estudos no laboratório de Arqueologia na Universidade Federal do Piauí. As análises químicas foram feitas pelo professor Doutor Benedito Batista Farias Filho do curso de Química e membro permanente do curso de Pós- graduação em Arqueologia na Universidade Federal do Piauí.

Quando descoberto a existência da Bala além de analisa-la foi percebida a necessidade de fazer as análises químicas de todos os canhões existentes no museu do Monumento. Então foram realizadas análises por FRX²⁴ não apenas na Bala de Canhão, mas nos canhões localizados no Monumento do Batalhão. No total foram feitas análises em quatro canhões dois fixos na entrada do monumento, em dois menores e mais fáceis de serem manuseados localizados no interior do museu e expostos para a visitação. O objetivo dessas análises era constatar a composição química da bala, dos canhões e tentar fazer comparações ou correlações de acordo com os dados que fossem sendo obtidos, identificando alguma relação de um possível uso dos canhões ou mesmo deles com o artefato bélico encontrado.

5.1 Análises Químicas por FRX

As análises químicas realizadas pelo FRX na bala foram executadas da seguinte maneira. Nomeamos a bala como BALA 1, logo após foi observado que havia três pontos distintos no mesmo artefato uma região menos oxidada, outra mais oxidada e uma ainda com características esbranquiçadas em comparação com as demais regiões. A primeira região foi nomeada como BALA 1 é referente à região menos oxidada, a segunda foi nomeada de BALA 2 referente a região esbranquiçada e por último a BALA 3 referente a região mais oxidada. O primeiro ponto analisado é referente à região menos oxidada, temos então a parte mais preservada da bala.

²⁴ A espectrometria de fluorescência de raios X (FRX ou XRF) é uma das técnicas analíticas mais utilizadas em geoquímica. A indústria mineral, tanto de exploração como de beneficiamento também utiliza amplamente a fluorescência de raios X, especialmente para fins de controle de processo (ENZWEILER, p. 1, 2010).

Figura 53: Bala 1 encontrada no Campo da Batalha do Jenipapo, ponto analisado região menos oxidada.



Fonte: Acervo Próprio, 2018.

TABELA 4: Análise Química da BALA 1.

	%	±	Error	Cr	0.187	±	0.010
Sn	0.007	±	0.003	V	0.049	±	0.012
Pd	0.002	±	0.001	Ti	0.284	±	0.020
Ag	0.003	±	0.001	Ca	0.128	±	0.129
Mo	0.005	±	0.001	K	0.687	±	0.040
Zr	0.005	±	0.001	Ba	0.017	±	0.011
Sr	0.004	±	0.001	Al	7.620	±	0.396
Zn	0.053	±	0.007	P	0.314	±	0.025
Cu	0.035	±	0.008	Si	8.644	±	0.149
Ni	0.026	±	0.017	Cl	1.005	±	0.018
Co	0.172	±	0.053	S	0.347	±	0.016
Fe	71.621	±	1.201	Mg	5.075	±	1.400
Mn	0.697	±	0.027				

Na Figura 51 temos a imagem da região menos oxidada da BALA I, nesta tabela encontra-se toda a composição química presente neste artefato. Em todas as análises que foram realizadas foi levada em consideração a composição da quantidade de ferro (Fe) encontrado em cada análise como comparativo. Foi encontrado aproximadamente 71 % de Ferro em sua composição como é possível verificar na Tabela 4.

Na Figura 52 o outro ponto denominado de BALA 2 foi analisado a parte mais esbranquiçada da mesma. Esses pontos foram escolhidos para sabermos as diferentes composições que poderiam ser coletadas pelas as análises

Figura 54: Bala 2 encontrada no Campo de Batalha do Jenipapo.



Fonte: Acervo Próprio, 2018.

Tabela 5: Resultado da Análise Química da BALA 2.

	%	±	ERROR	Mn	0.550	±	0.023
Ag	0.002	±	0.001	Cr	0.105	±	0.007
Bal	24.323	±	0.751	V	0.038	±	0.008
Mo	0.004	±	0.001	Ti	0.153	±	0.007
Zr	0.005	±	0.001	Ca	11.634	±	0.188
Sr	0.024	±	0.001	K	0.624	±	0.032
As	0.006	±	0.002	Al	3.031	±	0.304
Zn	0.012	±	0.003	P	0.050	±	0.022
Cu	0.028	±	0.006	Si	6.406	±	0.118
Co	0.278	±	0.044	Cl	1.113	±	0.015
Fe	51.138	±	0.044	S	0.460	±	0.018

Na região mais esbranquiçada observamos na Tabela 5 a forte presença da composição química do Ferro (Fe) com aproximadamente 51%. O último ponto a ser analisado nesta bala foi à região mais oxidada que foi denominada de BALA 3, na Figura 53 é possível observar. Em seguida na Tabela 6 com a forte presença do Ferro (Fe). A Bala de Canhão em sua composição é basicamente o Ferro (Fe). Tendo em vistas esses dados e componentes eles foram analisados a composição dos canhões para então fazer as correlações necessárias.

Figura 55: Bala 3 encontrada no Campo de Batalha do Jenipapo.



Fonte: Acervo Próprio, 2018.

TABELA 6: Resultado da Análise Química BALA 3.

	%	±	Error
Sn	0.007	±	0.003
Ag	0.003	±	0.001
Bal	14.265	±	1.091
Mo	0.005	±	0.001
Zr	0.010	±	0.001
Sr	0.003	±	0.001
Bi	0.005	±	0.002
Zn	0.024	±	0.005
Cu	0.053	±	0.009
Fe	71.021	±	0.886
Mn	0.680	±	0.026
Cr	0.272	±	0.011
V	0.048	±	0.009
Ti	0.141	±	0.014
Ca	1.460	±	0.089
K	0.396	±	0.032
Al	2.919	±	0.316
P	0.166	±	0.020
Si	3.945	±	0.099
Cl	0.553	±	0.011
S	0.361	±	0.016

Este projétil na Figura 56 denominada de BALA 4 é duas vezes menor que a BALA 1 com um diâmetro de 4cm (CARVALHO, p. 150, 2014). Há relatos de que este projétil teria sido encontrado no bolso do Major Fidié “há uma referência no Museu do Jenipapo que diz ter sido este projétil encontrado no bolso da roupa do Major Fidié” (CARVALHO, p. 150, 2014). Na Tabela 7 foram realizadas análises químicas por FRX onde está listada a composição química, este projétil provavelmente não tenha sido utilizado pelo estado de conservação e é observado que sua composição é basicamente Ferro (Fe).

Figura 56: Bala 4 supostamente encontrado no bolso do Major Fidié.



Fonte: Acervo Próprio, 2018.

TABELA 7: Resultado da Análise Química da Bala IV.

	%	±	Error
Sn	0.013	±	0.003
Ag	0.005	±	0.002
Bal	21.573	±	0.947
Mo	0.044	±	0.002
Rb	0.002	±	0.001
As	0.010	±	0.005
Pb	0.021	±	0.004
Zn	0.055	±	0.007
Cu	0.165	±	0.013
Ni	0.167	±	0.019
Co	0.284	±	0.051
Fe	66.857	±	0.820
Mn	0.321	±	0.026
Cr	2.060	±	0.033
V	0.045	±	0.010
Ti	0.025	±	0.013
Ca	0.674	±	0.070
K	0.982	±	0.050
Al	2.416	±	0.326
P	0.206	±	0.022
Si	1.980	±	0.078
Cl	1.681	±	0.022
S	0.392	±	0.019

No Monumento existem dois canhões expostos na entrada principal, esses canhões sofrem com as ações do clima, como por exemplo, a exposição ao sol, às chuvas, ações humanas, como limpezas, turistas que depositam de lixo no interior do canhão. Ao iniciar as análises dos canhões consideramos dois pontos a boca interna do canhão e o pavio. O canhão localizado ao lado esquerdo do ponto de vista da entrada do monumento foi denominado de Canhão 2 Fora do Museu do Batalhão. As medições do Canhão 2 consistem em “Cal 90,0mm, medindo 1,55m, alma lisa, antecarga, sem inscrições legíveis” (CARVALHO, p. 149, 2014). Na Figura 57 temos a imagem do pavio e da boca do canhão, onde foram realizadas as análises por FRX.

Figura 57: Canhão 2 Fora do Museu do Batalhão, lado esquerdo e pavio.



Fonte: Acervo Próprio, 2018.

Na Tabela 8 temos a composição química pela qual é formado o Canhão 2, praticamente Ferro (Fe), considerando o peso e a mobilidade em batalhas é provável que esse canhão não tenha sido utilizado na Batalha do Jenipapo. Na Tabela 9 temos as análises realizadas no pavio, a intenção era tentar encontrar algum composto referente ao Fosforo que indicasse uso ou algum composto considerável em relação à Bala 1, mas não foi encontrado.

TABELA 8: Resultado da Análise Química da Boca do Canhão 2 Fora do Museu.

	%	±	Error
Sr	0.010	±	0.003
Bi	0.018	±	0.009
As	0.111	±	0.024
Fe	96.193	±	3.316
Mn	0.131	±	0.040
Cr	0.019	±	0.009
V	0.029	±	0.013
Ti	0.135	±	0.020
Ca	0.566	±	0.071
K	0.190	±	0.035
P	0.996	±	0.088
Si	1.479	±	0.166

TABELA 9: Resultado da Análise Química do Pavio do Canhão.

	%	±	ERROR
Sr	0.002	±	0.001
Bi	0.010	±	0.005
As	0.111	±	0.017
Pb	0.059	±	0.012
Zn	0.217	±	0.023
Co	0.249	±	0.086
Mn	0.097	±	0.024
Cr	0.044	±	0.008
Fe	82.301	±	1.303
V	0.039	±	0.012
Ti	0.104	±	0.018
Ca	0.628	±	0.069
K	0.212	±	0.033
Al	8.553	±	0.572
P	1.237	±	0.051
Si	5.862	±	0.142
Cl	0.231	±	0.012

Na Figura 58 temos o segundo canhão fora do Museu localizado ao lado direito levando em consideração a entrada do Monumento. As medidas são “Cal 111,0mm, medindo 1,35m, alma lisa, ante carga, sem inscrições” (CARVALHO, p. 148, 2014). Foram analisadas a boca do canhão e o pavio, as mesmas considerações referentes ao canhão ao primeiro canhão podem ser utilizadas para este, sobre seu peso e mobilidade. A Tabela 10 temos as composições química da boca do canhão e as análises referente ao pavio respectivamente, igualmente ao outro canhão temos a forte presença da composição química do Ferro (Fe).

Figura 58: Canhão 2 fora do Museu do Batalhão, localizado ao lado direito.



Fonte: Acervo Próprio, 2018.

TABELA 10: Resultado da Análise Química do Canhão e do pavio respectivamente.

	%	±	Error
Sr	0.009	±	0.002
As	0.120	±	0.028
Pb	0.128	±	0.022
Zn	0.663	±	0.056
Co	0.197	±	0.118
Fe	90.660	±	2.419
Mn	0.740	±	0.054
Cr	0.037	±	0.009
V	0.057	±	0.024
Ti	3.609	±	0.094
Ca	0.478	±	0.060
K	0.131	±	0.030
P	1.977	±	0.078
Si	1.090	±	0.111

	%	±	ERROR
Sr	0.008	±	0.002
Bi	0.008	±	0.005
As	0.045	±	0.014
Pb	0.047	±	0.012

Zn	0.319	±	0.028
Co	0.205	±	0.089
Fe	78.542	±	1.633
Mn	0.66	±	0.041
Cr	0.059	±	0.009
V	0.069	±	0.013
Ti	0.170	±	0.020
Ca	0.837	±	0.080
K	0.302	±	0.037
Al	8.401	±	0.591
P	1.977	±	0.067
Si	8.142	±	0.183
Cl	0.162	±	0.012

Na Figura 59 nomeado de Canhão 4 localizado no interior do Museu do Batalhão fica menos exposto as ações do clima e dos visitantes. Foi seguido o mesmo procedimento de análise para todos os canhões, foi analisado a boca do canhão e o pavio. As descrições referentes a este canhão são “Cal 110.5mm de alma lisa, antecarga, com inscrições na parte posterior “F SOLID” (CARVALHO, p. 149, 2014). Na Tabela 11 referente à Boca do Canhão e na Tabela 12 referente ao pavio do canhão temos a composição química do Canhão 4 que tem como formação química principal o Ferro (Fe)

Figura 59: Canhão 4 localizado dentro do Museu do Batalhão.



Fonte: Acervo Próprio, 2018.

TABELA 11: Análise Química do canhão dentro do Museu do Batalhão.

	%	±	ERROR
Zr	0.026	±	0.005
Sr	0.017	±	0.004
Bi	0.023	±	0.011
As	0.186	±	0.036
Pb	0.092	±	0.025
Zn	2.668	±	0.178
Co	0.262	±	0.135
Fe	87.285	±	2.809
Mn	1.003	±	0.071
Cr	0.036	±	0.010
V	0.064	±	0.014
Ti	0.286	±	0.024
Ca	2.139	±	0.132
K	0.302	±	0.047
Si	5.604	±	0.023

TABELA 12: Análise Química do pavio do canhão.

	%	±	ERROR
Sr	0.006	±	0.002
Bi	0.020	±	0.010
As	0.216	±	0.040
Pb	0.427	±	0.035
Zn	0.107	±	0.025
Fe	90.289	±	1.915
Mn	1.058	±	0.056
Cr	0.037	±	0.009
V	0.069	±	0.013
Ti	0.105	±	0.018
Ca	1.595	±	0.108
K	0.482	±	0.045
P	0.860	±	0.056
Si	3.686	±	0.141
Cl	0.651	±	0.020
S	0.271	±	0.036

O Canhão de Bronze na Figura 60 com suas características “Cal 75. 0 mm de alma raiada, antecarga, com inscrições na parte posterior “2.2.17” (CARVALHO, p. 149, 2014) foi analisada seguindo as mesmas especificações dos demais canhões, porém com pequenas alterações, pois o canhão apresentou regiões oxidadas. Na Tabela 13 temos a composição química da região mais oxidada do canhão. Como composição do Canhão de Bronze temos além do Cobre (Cu) e do Estanho (Sn) como elementos principais, outros componentes que são adicionados e servem de liga, como por exemplo, o Zinco (Zn), o Chumbo (Pb), o Alumínio (Al) e o Fósforo (P).

Figura 60: Canhão de Bronze localizado dentro do Museu do Batalhão.



Fonte: Acervo Próprio, 2018.

TABELA 13: Resultado da Análise Química do Canhão de Bronze, região oxidada.

	%	±	ERROR
Sb	0.250	±	0.015
Sn	7.868	±	0.274
Ag	0.084	±	0.007
Bal	3.884	±	2.242
Zr	0.005	±	0.002
As	0.381	±	0.045
Pb	1.180	±	0.051
Zn	0.202	±	0.025
Cu	70.852	±	1.659
Ni	0.069	±	0.012
Fe	0.542	±	0.019
Ti	0.084	±	0.009
Ca	1.132	±	0.085
K	0.489	±	0.035
Al	4.212	±	0.344
P	0.138	±	0.018
Si	5.005	±	0.099
Cl	2.538	±	0.035
S	1.074	±	0.024

Na Tabela 14 temos as análises químicas da região externa à tinta e na Tabela 15 temos as análises da região menos oxidada. Esse canhão por ter em sua composição um teor mínimo de ferro foi comparado com a Bala 1 e a Bala 4.

TABELA 14: Resultado da Análise Química do canhão de Bronze, região externa da tinta.

	%	±	ERROR
Sb	0.211	±	0.012
Sn	6.691	±	0.228
Ag	0.063	±	0.005
Bal	3.968	±	2.185
As	0.093	±	0.040
Pb	1.203	±	0.051
Zn	0.173	±	0.024
Cu	70.203	±	1.595
Ni	0.062	±	0.011
Fe	0.488	±	0.017
Ti	0.040	±	0.007
Ca	0.648	±	0.047
K	0.348	±	0.024
Al	3.365	±	0.285
P	2.802	±	0.046
Si	2.001	±	0.054
Cl	3.993	±	0.053
S	0.735	±	0.018
Mg	2.889	±	1.362

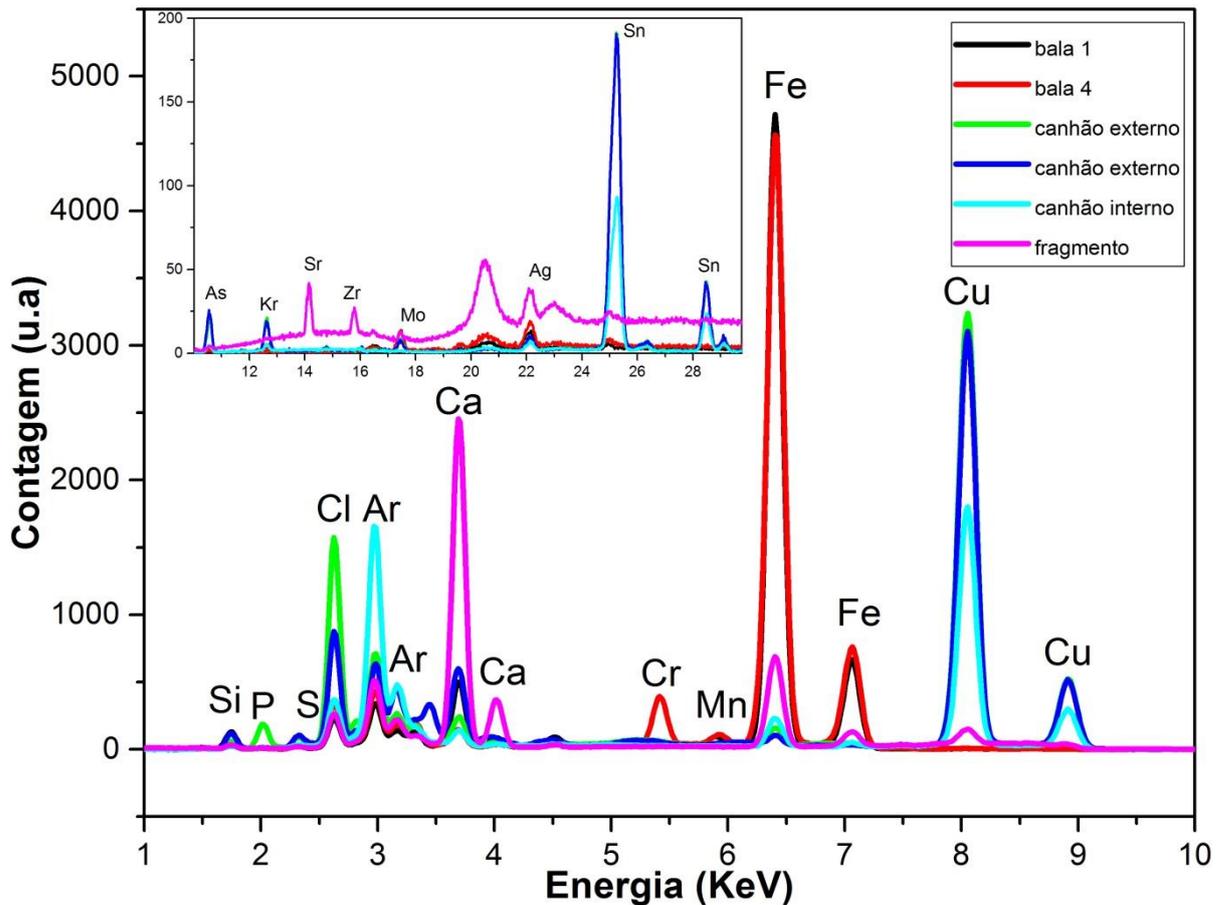
TABELA 15: Resultado da Análise Química do canhão de Bronze, região menos oxidada.

	%	±	ERROR
Sb	0.079	±	0.013
Sn	2.998	±	0.137
Cd	0.048	±	0.009
Ag	0.032	±	0.006
Bal	35.776	±	1.737
Zr	0.004	±	0.002
Sr	0.002	±	0.001
Pb	0.454	±	0.029
Cu	53.107	±	1.446
Ni	0.079	±	0.013
Fe	0.901	±	0.025
Ti	0.064	±	0.008
Ca	0.857	±	0.055
K	0.274	±	0.031
Al	1.128	±	0.419
P	0.162	±	0.036
Si	1.455	±	0.092
Cl	2.189	±	0.046
S	0.341	±	0.030

5.2. Análise dos Espectros e Tabelas

Após as análises realizadas pelo FRX, as mesmas foram colocadas em um espectro comparativo. Na Figura 61 estão a BALA 1 e a BALA 4 em comparativo com as partes do canhão de Bronze. O fragmento representado no gráfico significa uma raspagem que foi realizada no interior no canhão de Bronze. Nas comparações foi considerado apenas o elemento Ferro (Fe), pois este é componente principal das Balas 1 e 4.

Figura 61: Espectro Comparativo das Análises Químicas das Balas 1 e 4 com o Canhão de Bronze.

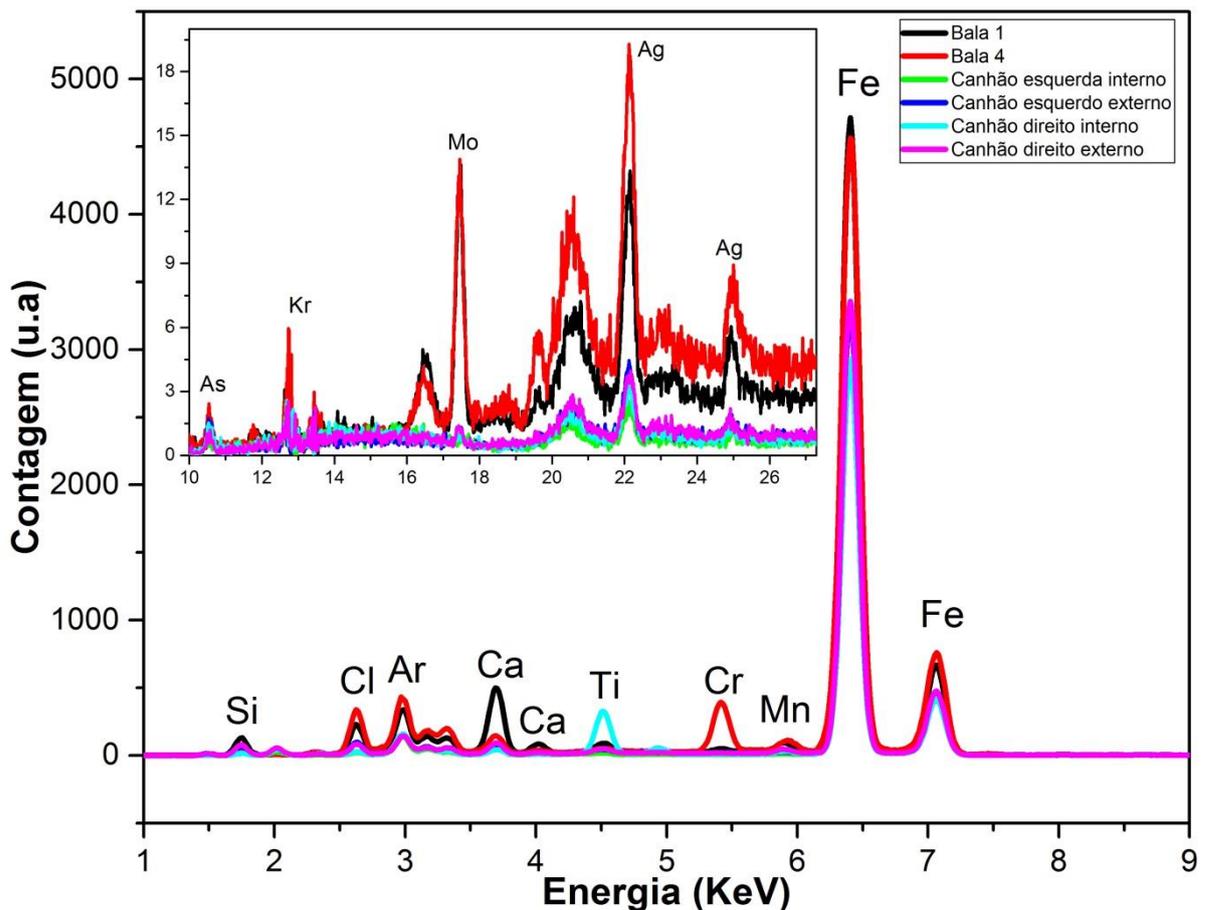


Neste Espectro Comparativo temos os elementos químicos pertencentes à BALA 1 e 2, o Canhão de Bronze e o fragmento retirado do mesmo. As composições químicas das balas como já foram identificadas, basicamente são compostas de Ferro (Fe) e o Canhão de Bronze de Cobre (Cu) e do Estanho (Sn). De acordo com o espectro analisamos a possibilidade de se encontrar Ferro (Fe) no canhão de Bronze, de acordo com os comparativos podemos perceber que nas análises nas regiões do canhão externo oxidada e não oxidada e no interior

representadas pelas cores verde claro, azul escuro e azul claro que o teor do composto Ferro (Fe) além de serem basicamente iguais são extremamente baixas.

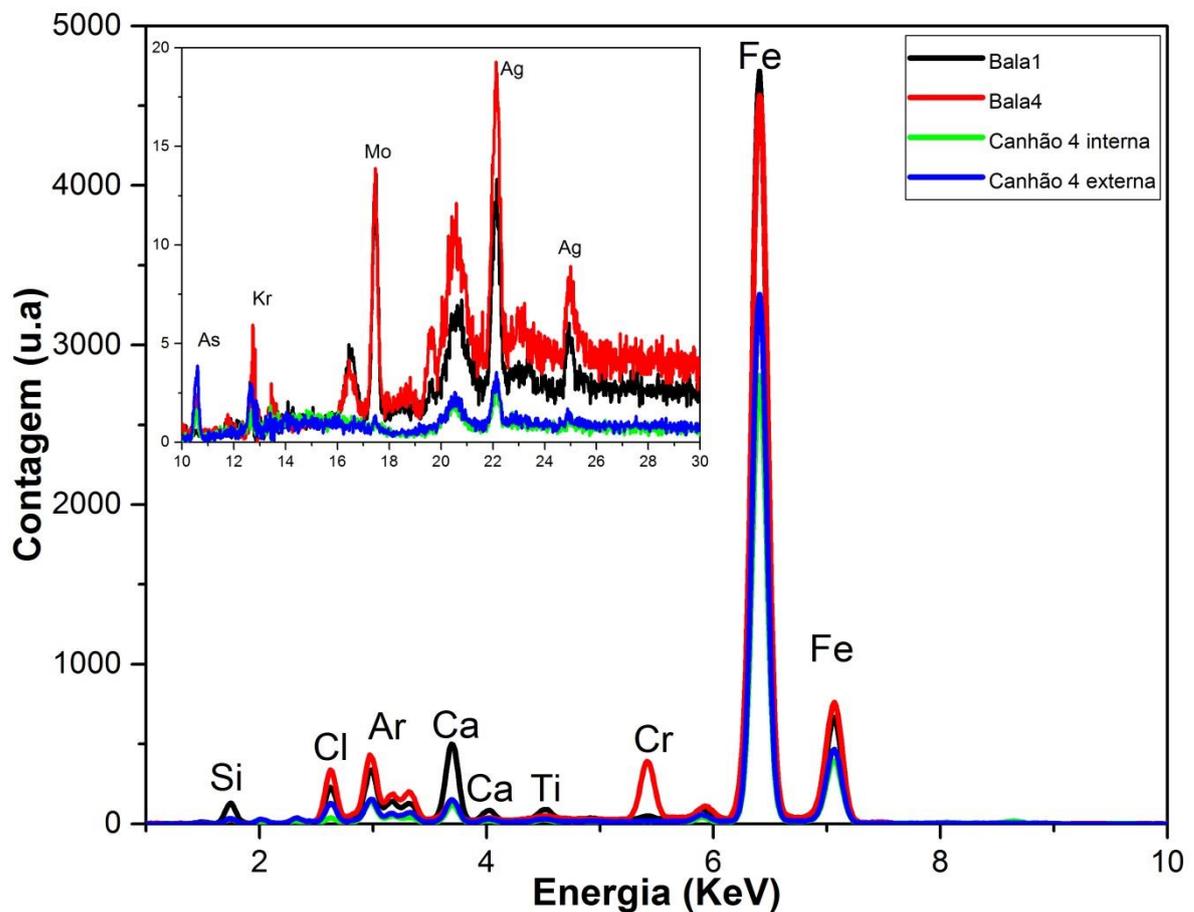
Ao analisar o fragmento extraído por raspagem do interior do canhão representado pela cor lilás temos uma elevação significativa de Ferro (Fe). Supostamente houve um contato forte e intenso com o Ferro. Podemos levantar a hipótese de este canhão ter sido utilizado durante a Batalha do Jenipapo pelo porte pequeno do canhão, a facilidade de transporte, por ser uma característica a existência desses canhões em batalhas em que haja movimentação das tropas. Baseada na bala encontrada e com as análises feitas das composições e comparações a possibilidade deste Canhão de Bronze ter sido utilizado pode ser considerado.

Figura 62: Espectro Comparativo das Análises Químicas das Bala 1 e 4 com os canhões exposto fora do Museu do Batalhão.



Na Figura 62 temos as análises dos dois canhões expostos em frente à entrada principal do Museu do Batalhão em espectros comparativos com as balas 1 e 2. Foi analisado em ambos os canhões as regiões internas e externas. A composição dos canhões e as balas são em sua maior parte do composto Ferro (Fe). Não é possível sugerir possibilidades reais de terem sido utilizadas durante a batalha do Jenipapo devido alguns aspectos, como por exemplo, o tamanho, a mobilidade.

Figura 63: Espectro Comparativo das Análises Químicas das Balas 1 e 4 com um canhão de ferro de pequeno porte dentro do Museu do Batalhão.



Na Figura 63 temos o espectro do canhão 4 que tem em sua composição principal o composto Ferro (Fe), realizando o comparativo com as balas de canhão não é possível afirmar ou supor seu uso na Batalha do Jenipapo.

Com as análises realizadas pelo método FRX levanta-se algumas hipóteses consideradas por esta técnica. De todos os canhões ali expostos no Monumento do Batalhão o

canhão de Bronze pode ter sido utilizado em campo de batalha durante a Batalha do Jenipapo, por haver resíduos de Ferro (Fe) no interior do canhão, sendo que este em sua composição não tem este elemento como sua base, e como as balas de canhão são basicamente Ferro (Fe) os indícios de comparativos relevam um forte potencial de uso deste canhão. A Bala de canhão que foi o primeiro artefato arqueológico encontrado no território do campo de batalha do Jenipapo foi fundamental para essas análises e comparativos.

Au	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pb	-	-	-	0.021	-	0.059	0.128	0.047	0.092	0.427	1.180	1.203	0.454	0.014	0.010	0.019 0	0.011	-	0.006
W	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0.009	-
Zn	0.053	0.012	0.024	0.055	-	0.217	0.663	0.319	2.668	0.107	0.202	0.173	-	-	0.016	0.067	0.011	0.002	-
Cu	0.035	0.028	0.053	0.165	-	-	-	-	-	-	70.85 2	70.20 3	53.10 7	0.156	0.707	21.00 4	2.327	0.006	1.309
Ni	0.026	-	-	0.167	-	-	-	-	-	-	0.069	0.062	0.079	0.110	-	0.020	-	-	0.140
Co	0.172	51.13 8	-	0.284	-	0.249	0.197	0.205	0.262	-	-	-	-	-	-	-	-	0.011	0.097
Fe	71.62 1	0.550	71.02 1	66.85 7	96.19 3	82.30 1	90.66 0	78.54 2	87.28 5	90.28 9	0.542	0.488	0.901	69.65 7	2.075	1.125	1.992	0.469	67.21 3
Mn	0.697	0.105	0.680	0.321	0.131	0.097	0.740	0.66	1.003	1.058	-	-	-	0.218	0.023	-	-	-	0.248
Cr	0.187	0.038	0.272	2.060	0.019	0.044	0.037	0.059	0.036	0.037	-	-	-	10.50 5	0.004	-	0.005	0.010	8.190
V	0.049	0.153	0.048	0.045	0.029	0.039	0.057	0.069	0.064	0.069	-	-	-	0.031	0.007	0.007	0.004	-	0.034
Ti	0.284	11.634	0.141	0.025	0.135	0.104	3.609	0.170	0.286	0.105	0.084	0.040	0.064	-	0.107	0.273	0.039	0.014	-
Ca	0.128	0.624	1.460	0.674	0.566	0.628	0.478	0.837	2.139	1.595	1.132	0.648	0.857	-	15.59 0	0.620	0.032 8	0.186	0.078
K	0.687	51.13 8	0.396	0.982	0.190	0.212	0.131	0.302	0.302	0.482	0.489	0.348	0.274	-	0.160	0.473	0.031	-	0.100
Ba	0.017	-	-	-	-	8.553	-	-	-	-	-	-	-	0.020	0.045	-	-	0.012	-
Al	7.620	3.031	2.919	2.416	-	1.237	-	8.401	-	-	4.212	3.365	1.128	0.680	-	3.781	0.304	-	-
P	0.314	0.050	0.166	0.206	0.996	5.86 2	1.977	1.977	-	0.860	0.138	2802	0.162	0.081	0.038	1.208	0.384	-	0.045
Si	8.644	6.406	3.945	1.980	1.479	0.231	1.090	8.142	5.604	3.686	5.005	2.001	1.455	0.394	1.784	7.943	0.993	0.215	0.250
Cl	1.005	1.113	0.553	1.681	-	0.039	-	0.162	-	0.651	2.538	3.993	2.189	-	0.936	4.136	0.118	0.043	0.009
S	0.347	0.460	0.361	0.392	-	-	-	-	-	0.271	1.074	0.735	0.341	-	0.181	1.047	0.268	0.109	-
Mg	5.075	-	3.654	-	-	-	-	-	-	-	-	2.889	-	2.673	-	-	-	-	-

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos relacionados à Batalha do Jenipapo nesta pesquisa iniciaram-se em 2010 ainda na graduação do Curso de Arqueologia. Foi uma longa trajetória de estudo tentando conciliar esta pesquisa com a Arqueologia e suas contribuições dentro de um tema já bastante explorado pela História. A tentativa de conseguir mapear os espaços arqueológicos com sucesso só foi possível diante de um debruçamento teórico de autores locais. No cenário da Arqueologia temos a Tese de doutorado de Carvalho (2014), que faz um levantamento sobre a Batalha do Jenipapo com o olhar da Arqueologia. Devido a isso foi possível conciliar os dados históricos com a Arqueologia Histórica e prosseguir na pesquisa.

A Cultura Material também foi um ponto muito importante dentro do contexto da história desta batalha, que ao longo da pesquisa foi nos evidenciado um artefato muito importante, significativo e novo, a bala de um canhão no espaço arqueológico estudado. Até o momento nunca se havia encontrada nenhum artefato arqueológico que ligasse de fato aquele espaço com a Batalha do Jenipapo, apenas a memória mantinha firme essa ligação.

A Arqueologia em Campos de Batalhas que está inserida na Arqueologia Histórica ainda como uma disciplina foi essencial durante essa pesquisa, mesmo que ainda no Brasil os seus estudos sejam recentes. Em se tratando de acontecimentos históricos de confrontos bélicos como o caso da Batalha do Jenipapo, podem ser considerados estudos que estão iniciando e crescendo neste sentido, pois são acontecimentos que não geraram fortificações ou monumentos propriamente da batalha o que torna muitas vezes os estudos mais lentos e dificultosos.

A Batalha do Jenipapo foi um confronto que pela sua duração e os regimes de governos instaurados perdeu-se muito sobre este fato que perpassou gerações pela memória, oralidade, alguns documentos históricos e pelos autores locais que se sensibilizaram para unir as informações que tivemos até o momento. Os vestígios materiais deixados foram muito pouco dificultando, como por exemplo, saber o local do confronto principal.

Nesta pesquisa os objetivos almejados eram de conseguir mapear a região da Fazenda Alecrim e pelo menos um dos caminhos antigos por onde as tropas de Fidié tivessem passado para o momento do confronto com os independentes. Essa era uma necessidade, pois a partir do mapeamento e das análises poderia haver no futuro escavações arqueológicas nesta região.

A Fazenda Alecrim já estudada inicialmente na Tese de Amparo Carvalho (2014) mostrava-se com um grande potencial de ali ser um dos acampamentos montado por Fidié na Província Piauiense. Com o aprofundamento das pesquisas com mapeamentos aéreos feitos

por Drone e com mapeamento terrestre por GPS, tornava-se cada vez mais evidente o potencial desta fazenda ser um dos acampamentos. Pontos estratégicos, água potável, área favorável para os animais e possíveis esconderijos para rotas de fuga. Considerando o conhecimento popular através da Oralidade, juntamente com a historiografia podia-se fazer essas análises.

O mapeamento da Fazenda Alecrim foi realizado e a partir daquele ponto foi realizado o mapeamento de um dos caminhos antigos ainda utilizados pelos moradores da região. Os dois grandes objetivos desta pesquisa foram realizados com bastante êxito. Embora essas etapas tenham sido concluídas durante a pesquisa foi encontrada uma bala de canhão. Com esse novo artefato e um dado novo dentro da história da Batalha do Jenipapo foram feitas análises tanto com a bala de canhão encontrada, como com todos os canhões exposto no Monumento do Batalhão, através de análises químicas pela técnica FRX.

Os dados que foram coletados a partir de todas as análises ali feitas e observadas, chegaram a algumas hipóteses, como por exemplo, os canhões expostos na entrada do batalhão pela sua composição, tamanho e dificuldade em transportá-lo provavelmente não teriam sido utilizados na Batalha do Jenipapo. Os outros dois canhões que são bem menores, fáceis de serem transportados poderiam ter sido utilizados em combate, mas as observações mais expressivas que tivemos com as análises dos canhões foram para o canhão de bronze, por seu tamanho, facilidade de transporte e composição química.

Outro ponto bastante expressivo foi a comparação realizada pelas análises químicas pela técnica FRX do Canhão de Bronze com a bala de canhão encontrada. As comparações de composição indicam fortes indícios de o canhão de bronze ter sido utilizado no campo de batalha contra os independentes, considerando o seu tamanho e o formato da bala de canhão que se encaixa dentro dos padrões do canhão de bronze e da época. É importante ressaltar que este é o primeiro dado dentro do contexto da Batalha do Jenipapo, em relação há um artefato arqueológico, que apenas com esta bala foi possível às análises comparativas.

Este artefato que foi encontrado por um morador local seu Wilson Barbosa torna ainda mais evidente a história da Batalha tanto do ponto de vista Histórico como Arqueológico. Temos o primeiro vestígio arqueológico da Batalha do Jenipapo, evidenciando que naquela localidade próxima foi onde ela ocorreu. Devido ao tempo, divisões de terras, roças, ações humanas e naturais pode-se dizer que o local exato de onde ocorreu a Batalha não se pode mais ser localizada. Mas considera-se por alguns estudiosos em campos de batalha como (LANDA; LARA, 2011) que os campos de batalha não se concentram apenas no local do

confronto, mas todo o movimento que precede o acontecimento, como por exemplo, os acampamentos militares, cemitérios, entre outros.

Para a historiografia este dado evidencia novas oportunidades de pesquisas como o estudo do armamento utilizado na Batalha do Jenipapo. Para a Arqueologia Histórica em Campos de Batalha abre ainda mais as possibilidades de pesquisas futuras na região do acampamento militar das tropas de Fidié na Fazenda Alecrim, como por exemplo, escavações arqueológicas para identificação de mais vestígios, entre eles, vestimenta, dietas alimentares, montagem de acampamento militar e estratégias de guerra.

Assim como afirma em sua fala Carvalho (2014),

A partir dessa abordagem pelo viés da Arqueologia Histórica, se ampliam as análises e se abrem possibilidades para um maior conhecimento sobre o campo da Batalha do Jenipapo. Dessa forma, se podem precisar os locais mais adequados para se realizar futuras escavações, sejam no campo de batalha ou em outros locais que serviram de acampamentos provisórios das tropas. Certamente, esse acontecimento deve guardar histórias e particularidades bem interessantes em cada cidade. Falta apenas aos historiadores interessados empenho para publicar mais sobre esse acontecimento, entretanto esse debate deve-se manter em um elevado nível de discussão e nada melhor para isso do que comemorar essas datas com novas publicações fundamentadas em pesquisas que apresentem novos aspectos ainda não abordados pela historiografia (CARVALHO, p. 238, 2014).

Na fala de Carvalho (2014) ela evidencia a importância de mais estudos sobre a Batalha do Jenipapo, esta pesquisa trouxe justamente o que a autora disse em abrir mais possibilidades de conhecimento neste campo de pesquisa. Nesta pesquisa foi mapeado o acampamento provisório de Fidié e um dos caminhos antigos o que abre possibilidades de escavações nesses lugares. Com a bala de canhão que foi encontrada, pode-se ainda investigar outras possibilidades de análises, para tentar entender o tipo de armamento militar que foi utilizada aqui juntamente com mais precisão da estratégia que aqui foi utilizada.

É muito importante que historiadores e arqueólogos sempre estejam juntos, pois uma ciência complementa a outra com suas teorias, suas metodologias e suas análises a fim de uma complementar a outra. A Arqueologia Histórica cada vez mais se mostra necessária nos estudos de campos de batalhas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, M. A. G. M. As escavações arqueológicas no Forte Orange. Revista Brasileira de Arqueometria, Restauração e Conservação. **AERPA**, 2009.

ALBUQUERQUE, M. A. G. M-Texto 2007

ANDRADE, T. L. Arqueologia histórica no Brasil: balanço bibliográfico (1960-1991). São Paulo. **Anais do Museu Paulista**. Nova Série N. 1. 1993.

ARAÚJO, J. S. O PIAUÍ NO PROCESSO DE INDEPENDÊNCIA: contribuição para construção do império em 1823. **Revista Clio**, 2015.

ARAÚJO, J. S.; MELO, A. F. Os “Emissários Facciosos do Piauí” e as Cartas da guerra de Independência, 1823: O Piauí na guerra de Independência repensando uma historia pouco estudada. **UFPI**. Teresina, 2012.

BRANCO, A. K. S. C. Cemitério do Batalhão (Campo Maior- PI): Pensando na Tradição Antes da Intervenção. **Universidade Federal do Piauí**. Teresina, 2013.

BRANDÃO, W. A. Historia da Independência no Piauí. Teresina. **COMEPI**, 1974.

CARVALHO, D.M. M; CAVALCANTE, J.R. Memória social da Batalha do Jenipapo em Campo Maior-PI: trilhas, enredos e patrimônio. 2011.

CARVALHO, M. A. A. Batalha Do Jenipapo: Reminiscências Da Cultura Material em uma Abordagem Arqueológica. **Rio Grande do Sul**, 2014.

CASTEX, Lilian Costa. Ditadura militar brasileira (1964-1984): um conceito substantivo e as ideias históricas na educação escolar. **Simpósio Nacional de História**, XXV, Paraná, 2013.

CHAVES, J. M. O Piauí nas lutas da Independência do Brasil. 2ª ed. **Teresina: Fundapi**, 2005.

CHAVES, J. M. O Piauí nas lutas da Independência do Brasil. 3ª ed. **Teresina: Fundapi**, 2006.

CONSTANTINO, N. S. Narrativa e história oral. **Rio Grande do Sul**, 1993.

DA SILVEIRA, Pedro Telles. Qual o lugar da história oficial na história da historiografia?. **História da Historiografia**, n. 7, p. 338-344, 2011.

DAROZ, CARLOS. Organização do Exército Português a três linhas. **História Militar**, 2009. Disponível em: <<http://darozhistoriamilitar.com/2009/09/organizacao-do-exercito-portugues-tres.html>> Acesso em: 13 de Janeiro de 2018, 10: 35: 18.

DICIONÁRIO CONCEITOS, 2016, **acesso 13 de Junho de 2018**.

ENRÍQUEZ, M. M. E. Campos de Batalha no México: Arqueologia e Patrimônio Militar. **Editora Aspha**, 2011.

ENZWEILER, J. Espectrometria de Fluorescência de Raios X. 2010.

- FERREIRA, M. M. Historia oral: um inventário das diferenças. Ed. **Fundação Getúlio Vargas**. Rio de Janeiro, 1994.
- FIDIÉ, J.J.C. Vária Fortuna de um soldado português. 3ªed. **Teresina: Fundapi**, 1942.
- FREITAS, J. P. Organização do Exército Português (1)- Infantaria: A Estrutura dos Terços. 2008.
- FREITAS, J. P. Organização do Exército Português (2)- Infantaria: o equipamento das companhias. 2008.
- FUNARI, P. P. A; ZARANKIN, A; REIS, J.A. Arqueologia da Repressão e da Resistência na América Latina na era das Ditaduras (décadas de 1960/ 1980), 2008.
- FUNARI, Pedro Paulo A. Teoria e métodos na Arqueologia contemporânea: o contexto da Arqueologia Histórica. **Mneme-Revista de Humanidades**, v. 6, n. 13, 2010.
- FURQUIM, G. F. Batalha do Jenipapo: memórias da guerra de independência do Piauí. **Brasília**, 2011.
- GOLIN, Tau. Cartografia da guerra guaraníca. I Simpósio Brasileiro de Cartografia Hitórica, 2011.
- IPHAN. Bens móveis e imóveis inscritos nos Livro do Tombo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: [Org. Francisca Helena Barbosa Lima; Mônica Muniz Melhem e Zulmira Canário Pope]. 5ed. Ver. E atualiza. [Versão Preliminnar]. **Rio de Janeiro**, 2009.
- LANDA, C. LARA, O. H. Campos de Batalhas da América Latina: Investigações Arqueológicas de conflitos bélicos. **Editora Aspha**, 2011.
- LIMA, Tania Andrade. Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais Material culture: the concrete dimension of social relations. Bol. Mus. Para. **Emílio Goeldi**. Cienc. Hum., Belém, v. 6, n. 1, p. 11-23, 2011.
- LIMA, Tania Andrade. Os marcos teóricos da arqueologia histórica, suas possibilidades e limites. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 28, n. 2, p. 7-23, 2002.
- LINO, JAISSON TEIXEIRA. Arqueologia e patrimônio da guerra: o caso do contestado. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. **São Paulo**, julho 2011
- LOURENÇO, João Manuel Afonso. William Carr Beresford: contributo para um roteiro documental. 2014. **Tese de Doutorado**.
- MALERBA, J. As Independências do Brasil: ponderações teóricas em perspectiva historiográfica. **São Paulo**, 2005.
- MALERBA, J. O Brasil Imperial (1808-1889): Panorama da história do Brasil no século XIX / Jurandir Malerba. -- **Maringá :Eduem**, 1999.1 92 p. : il., fotos.
- MOURÃO, M. F. V. G. Noções da Organização Militar durante a Guerra Peninsular. ADDPCTV, Associação para a Defesa e Divulgação do Patrimônio Cultural de Torres Vedras, 2011.
- NAJJAR, Rosana. Arqueologia Histórica: manual. **Brasília: Iphan**, 2005.

- NETO, A. F. S. Jenipapo: Riacho irrigado com sangue de esperança. **Teresina**, 2010.
- NEVES, A. A Guerra de Fidié. 4ed. Teresina. **Fundapi**, 2006.
- NEVES, Abadias. A Guerra de Fidié. 2ªed. Teresina, 2006. NUNES, O. Pesquisas para a História do Piauí. Teresina. **Fundapi**, 2007.
- ORSER, Charles E.; FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Introdução à arqueologia histórica. **Oficina de Livros**, 1992.
- PAOLI, M. C. Memória, História e Cidadania: o direito ao passado. **São Paulo**: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento do Patrimônio Histórico, 1991, p. 21.
- PELLINI, R. J. Arqueologia com Sentidos: Uma Introdução à Arqueologia Sensorial. **Revista Arqueologia Pública. UNICAMP**, 2015.
- RAMOS, M; HEFTER, V; TORALBO, C. Sítio Vuelta de Obligado: Expectativas de Análises Espacial a respeito da batalha. **Universidade Nacional de Luján**, 2011.
- RIBEIRO, Filipe Giuseppe Dal Bo. A nova geografia militar: logística, estratégia e inteligência. 2010. Tese de Doutorado. **Universidade de São Paulo**.
- ROMERO, F. G; LANDA, C; MONTARANI, E. Arqueologia de Campos de Batalha. “A Verde”, Primeiras Investigações (Partindo de 25 de Maio, Província de Buenos Aires). **Universidade Nacional de Luján**, 2011.
- SANTANA, M. R. N.; SANTOS, Cineias (Org.). O Piauí: e a unidade nacional. Teresina: Fundapi, 2007.
- SILVA, D. A. A Batalha do Jenipapo. <http://www.brasilecola.com>. 2011.
- SYMANSKI, L. C. P. Arqueologia Histórica no Brasil: uma revisão os últimos vinte anos. **Ed: Annablume/Acervo**. 2009.
- TIGGER, Bruce G. História do pensamento arqueológico. Tradução Ordep Trindade Serra: [revisão técnica Lucas de Melo Bueno, Juliana Machado]. **São Paulo**: Odysseus Editora, 2004.

Anexo I-

Entrevista com o Senhor Raimundo Nonato do Nascimento.

A: Seu nome?

R: Raimundo Nonato do Nascimento.

A: Seu Raimundo Nonato qual é a data de nascimento do senhor?

R: Sou de 30 de Setembro de 1922.

A: E o senhor nasceu aqui mesmo? Sempre viveu aqui?

R: Foi. Perto do Geraldo.

A: O senhor nasceu ali?

R: É tudo ligado aqui.

A: Então o senhor nasceu ali, como se chama?

R: Canto do Silva.

A: O senhor nasceu no Canto do Silva, era uma fazenda?

R: Ainda hoje existe, a senhora conhece o Geraldo?

A: Sim, nos vimos naquela vez.

R: Ali era a fazenda Canto do Silva.

A: E ali era dos seus pais?

R: Era. Aqui era de meus avós. Era tudo de barro ai pedi ao compadre para comprar o terreno, e ai o Cícero Bandeira comprou aquele lugar ali Canto do Silva Ai meu avô era filho único, ele só vinha pra cá se tivesse um terreno dele, ai ele comprou fez a casa dele e eu me mudei pra cá. O da Paz morou aqui também, ele tinha uma loja aqui.

A: E o seu avô como se chamava?

R: Agostinho Pereira do Nascimento, Quitéria Rosa do Nascimento era a mulher dele minha avó.

A: Então eles moraram aqui, né?

R: Sim. Meus avós moraram aqui, casaram, ai vim morar aqui.

A: Então o senhor nasceu aqui e o senhor está completando quantos anos?

R: Estou completando 95 anos.

A: E morando sempre aqui?

R: Sim, minha esposa morreu está com 4 anos.

A: E o que o senhor fez tanto aqui no Canto do Silva? Conte como foi sua vida aqui.

R: Eu trabalhei de lavoura, até criei todos os meus filhos trabalhando de roça aqui. Nunca precisei de governo para sustentar meus filhos, foi tudo com o trabalho da roça. Nunca fiz empréstimos, até tentei.

A: Seu Raimundo quando o senhor era garoto que morava ainda com seus pais por aqui existiam outras fazendas?

R: Existiam.

A: Quais eram as fazendas que existiam por aqui?

R: São Benedito, Jacaré.

A: Fazenda Jacaré?

R: É. Sobrinho dele chegou de Brasília antes de ontem. É aposentado. Tem um açude bom. Eu sai daqui morava com meu pai ali no coqueiro, moramos lá um tempo, morei no monte Videl.

A: E quem era o senhor Antônio da Paz?

R: É o pai do Brigadeiro.

A: Ah! É o pai do Brigadeiro.

R: Ele era muito trabalhador, hoje os filhos dele estuda e tá tudo bem.

A: E outras fazendas que existiam, essa mesma o Alecrim? Já existia também?

R: Já. Era do Ovídio Bona.

A: O que senhor lembra desta fazenda?

R: Tinha o Alecrim e a Lembrança e ele comprou e o velho Raimundo Texeira era cego, ele morava não sei onde e comprou. Ai depois ficou só o Brigadeiro e ai comprou. Comprou baratinho. E o seu Ovídio Bona era dono do mundo todo aqui. Ele comprou muita terra, tomou muita terra só no papel. Chamavam ele de capitão.

A: Capitão?

R: Era apelido né. Aqui em Nazaré tinha muita gente rico. Acabou morreu os velhos e os filhos tomaram de conta. O Bona comprou esses hectares baratinhos. Os filhos dele não ligaram, eu acho que já morreram todos.

A: É seu Raimundo, tem uma história aqui que o pessoal conta que inclusive o Monsenhor Chaves que viveu aqui, que era daqui também dessa região escreveu muita historia de Campo Maior sobre e escreveu também sobre a Batalha do Jenipapo. E ai ele conta e as pessoas também aqui, e eu acho que o senhor também sabe dessa historia. Que quando o Fidié aquele capitão português que veio de Parnaíba que ia passando pra Oeiras com as tropas, e que eles ficaram arranchados por aqui no Canto do Silva. Pro senhor quem contava essas historias? O seu pai que contava para vocês? Como era?

R: Quando os meus pais chegaram aqui isso ai já tinha se passado né, o meu irmão uma bala desse tamanho, acho que era daquelas espingardas.

A: O seu irmão achou e guardou?

R: Não sei onde ele guardou. Aqui era Canto do Boi. Quando esse coronel passava por aqui ele chamava de Silva, agora vamos colocar o apelido de Canto do Silva. Era Canto do Boi e mudou para Canto do Silva. Meu pai chegou aqui há mais de 100 anos.

A: É por que se o senhor nasceu em 1922, então.

R: Eu tenho irmã mais velha que eu, nós éramos 14.

A: E esse seu irmão e o pessoal que morava aqui nesse local, que chamam Capão do Fidié, contam ali que, ele deve ter ficado hospedado ali.

R: Eles tiveram arranchados ali, mataram os bois da fazenda, onde eles iam arrastavam tudo. Onde eles chegavam metiam a bala, matavam o que eles queriam. O coronel Costa Araújo era quem vinha perseguindo ele. Onde eles chegavam acabavam com tudo e invadiam tudo.

A: Uma pessoa me falou uma vez que tinha umas cruces por ai e vieram no carona do Fidié também?

R: Não, deve ser lá do Ovidio Bona. Um tempo desse eles andavam por aí procurando um lugar, porque o Ovidio Bona tinha medo de tomar as terras dele porque ele não tinha escrituras. Morou muita gente ai nas terras dele.

A: Esse local era o Alecrim?

R: É. O Ovidio Bona não tinha nada era tudo tomado.

A: Nessa fazenda do velho Ovidio Bona existia um vaqueiro chamado Cosme Borge, era seu compadre? Ele era vaqueiro de lá?

R: Sim era. Tinha outros, mas o principal era ele.

A: Seu Cosme contava muita historia assim dos velhos antigos? Historias sobre a passagem de Fidié por aqui. Ele contava muitas historias da passagem? Ele teve algum membro da família do passado que participou do seu Cosme?

R: Não.

A: Ele nunca contou? Nunca ouviu falar se alguém da família dele participou no passado.

R: Não.

A: Então não escapava ninguém era tudo do Ovidio Bona?

R: Tudo dele.

A: Pois nós viemos aqui também pra gente ouvir essas histórias, do que existe ainda, assim de lembrança dessas histórias. Não que as pessoas hoje não participaram, mas ouviram seus avós, seus tios, ouviram alguém contar as histórias.

R: Aquele meu irmão mais novo sabia muito mais coisa do que eu. Logo eu saía muito daqui .

A: Ele morava aqui no Canto do Silva?

R: Sim.

A: Muito bem alguém tem mais uma pergunta para o senhor?

I: Eu tenho uma pergunta. A família Bona, mesmo sem ser os filhos do Ovide, ninguém mais se interessou pelas terras? Além do Ovide, sobrinhos, filhos, não tinha mais ninguém por essas terras?

R: Não.

I: Só ele que tinha?

A: Morreu o velho e depois acabou?

R: Acabou. Acabou-se a riqueza né, os filhos vendem tudo e acabou-se. Acabou a fortuna. Aqui pelo menos sou eu e o Zeca ali e Geraldinho. Eu tenho dez filhos. Ele era professor estava trabalhando e depois saíram pra casa e uma amiga dele pediu pra ele tirar o carro, Paulo tira o carro ali e o pobre Zeca foi. Ai o carro deu ré ele não viu que tinha um muro imprensou ele. Tinha falado comigo poucas horas. Ainda hoje eu soffro.

A: Seu Raimundo a família do seu Cosme Borges onde é que a gente encontra alguém da família do seu Cosme Borges?

R: Em Campo Maior tem filho dele.

A: E o senhor lembra do nome de alguém?

R: Tem o Zé Borges. Tem alguns que moram ali pra estrada de Castelo.

A: E o Ovidio Bona era dono de uma fazenda lá de Campo Maior a Fazenda Tombador.

R: Lá era onde ele tinha terreno. Ali tudo era dele.

A: Ele era dono de Campo Maior?

R: Era. Eu fui com ele cobrir a casa dele, ele gostava de mim. Ele era cego. O bicho velho era todo doido. Trabalhei com ele.

A: Mas será que ele morava aqui.

R: Morava em Campo Maior.

A: Ah! Morava em Campo Maior. Ali no Tombador?

R: Isso Tombador. O Monte Videlé dele também.

I: E o senhor sabe dizer por que o nome da Praça Bona Primo?

R: Tinha muito Bona, tinha muita gente que morava ali.

A: Quem são os Bonas hoje, os descendentes, que vivem lá? Ainda tem algum em Campo Maior?

R: Acho que se existir, é só o Valdequi Bona, mas já morreu ficou só o cunhado dele. E agora o Humberto não tinha filhos.

A: O senhor ainda chegou a conhecer a fazenda Tombador?

R: Não. Ele era dona das terras da fazenda Lembrança, e o Brigadeiro comprou baratinho.

A: Então essa fazenda continuou com o nome Lembrança?

R: Foi e ficou com o nome lembrança.

A: Então o Ovidio Bona tinha o Alecrim, a Lembrança e o Monte Videl. E lá na cidade tinha o Tombador.

R: Eu não me lembro, aqui até esse mundo de meu Deus era terra dele, era muita terra.

A: E aqui quem era dos parentes que morou por aqui ou lá pelo canto do Silva que ainda tenha memórias para contar dessas histórias, seu Geraldo Magela acho que ele também conta algumas histórias.

R: Morou muita gente aqui, outro dia eu contei tem 180 moradores aqui.

A: O grupo da sua família começou com seu avô, que veio pra cá?

R: Foi. Aqui só morou dois irmãos meus. E o que morou ali perto do Canto do Silva. E os outros saíram logo moraram ali na Panela.

A: Agora eu queria perguntar uma coisa pro senhor, que ali do senhor Magela, não tem um caminho velho?

R: Tem.

A: Que esse caminho velho é a estrada.

R: É a estrada.

A: Hoje é a estrada de piçarra. O pessoal que morava aqui pra ir até Campo Maior ia por qual caminho? No passado lá quando o senhor era menino, por onde que vocês iam?

R: Pra campo Maior íamos de cavalo né.

A: Ia por qual caminho?

R: Iamos por dentro do Alecrim, hoje ninguém vai por ai porque está tudo cercado.

A: Por onde é a estrada de piçarra que sai até lá, não tem mais não?

R: Pra Campo Maior?

A: O caminho mais próximo lá?

R: Sai ali pelo Jacaré. Por Nazaré.

A: O Boqueirão fica pra onde mesmo?

R: Fica mais frente, tem a Rua 10 e a Rua Boqueirão.

A: Quer dizer que se a gente quiser fazer um indo por uma trilha por onde o Fidié passou naquele tempo não tem mais estrada né?

R: Pelo Fidié? Tem a estrada ali.

A: Chega até o Rio Jenipapo?

R: Não sai no Benedito, em Nazaré, até a estrada de pista até Campo Maior. Daqui para Campo Maior dá 21 quilômetros. São Benedito era tudo fazenda lá morava meu sogro.

A: O senhor sabe assim dizer se quando o velho Ovidio Bona veio pra cá os pais dele Já viviam por aqui ou não?

R: Não.

ANEXO II-

ENTREVISTA COM O SENHOR ANTÔNIO MIRANDA

A: Pronto pode começar. Então o senhor pode falar seu nome completo, idade se autoriza a gravação aí depois eu vou trazer para o senhor um formulário para o senhor assinar e tudo, e fica tudo registrado na universidade.

M: Bom dia meu nome é Antônio Miranda de Souza eu cheguei a Campo Maior vindo de União da antiga estanhado e 1966 comecei a trabalhar no comércio de um amigo meu. Daí eu comecei a trabalhar nos comércios do amigo meu, com dois anos eu me tornei um pequeno bodegueiro e continuei minha vida e depois com pouco tempo eu me casei 1970. Eu casei e daí foi trabalho de conversinha com a esposa e foi tentando e tentando, mas nesse mesmo amplo de tempo eu também corri atrás da historia da Batalha do Jenipapo, eu procurava saber como aquelas pessoas mais importantes de campanha, que teve muita importância muito grande no período da batalha. Eu procurei as fontes e procurava saber de algumas coisas da batalha e anotava em caderno essas coisas, e ai eu vim vindo de 1966 até 1985 a minha luta era constante atrás dessa historia, procurando saber mais sobre esse assunto. Depois de algum tempo eu parei a pesquisa não estava mais conseguindo encontrar fontes, mas depois de algum tempo quando eu realmente encontrava uma pessoa ainda que eu não tivesse falado que eu sabia notícia, que ele sabe alguma coisa do assunto eu ainda corro atrás para saber mais o que foi essa luta. Saber mais sobre assunto, então até nessa época eu não tinha nenhuma noção ou esperança e nem imaginação que um dia fosse trabalhar no monumento da Batalha do Jenipapo. Mas as situações do Comércio chegaram até o ano 2000. Em 2001 eu encerrei minhas atividades comerciais. E em 2003 eu fui convidado para trabalhar no Monumento do Jenipapo, para minha surpresa. Eu não imaginava que um dia eu fosse chegar há trabalhar nesse lugar, mas quando recebi o convite aceitei.

A: Quem lhe fez o convite?

M: Foi Raimundo Pereira, foi ele que me veio dá a notícia. Esse cargo foi informado pelo meu partido, eu era filiado a um partido e esse partido era filiado ao partido do Governador Wellington Dias. Então quando o Wellington Dias ganhou o governo do estado em cada município o Líder político é quem nomeia as pessoas, como o meu partido tinha sido aliado do partido que ganhou, esses cargos eram divididos por essas alianças. E o meu partido conseguiu três cargos em Campo Maior e um dos cargos foi eu que assumi. E fiquei trabalhando de 2003 até final do ano de 2009. Com o término do mandato dele do governador

Wellington Dias eu sai e fiquei fora do emprego, por que entrou o governo do Wilson Martins e cada governo tem seus líderes políticos. Então nomearam outra pessoa para trabalhar aqui.

A: O senhor sabe quem era que ficou no seu lugar?

M: Foi Frotinha, conhecido como Frotinha. E ele ficou no governo do Wilson Martins. Quando o Wellington Dias volta a se candidatar novamente em 2014 e foi eleito eu fui convidado novamente para reassumir o cargo em 2015 e estou até hoje. Assim que cheguei, aqui perguntavam muito sobre o assunto da Batalha eu não respondi nada, porque não sabia como responder. Depois eu tive que voltar aquelas pesquisas anteriores no passado, naqueles cadernos com aquelas observações, anotações. Ai um dia eu cheguei em casa, como eu tinha muitos cadernos eu colocava em uma caixa. Então eu tinha duas caixas cheias de cadernos eu comecei a procurar as caixas mais velhas e reler aquilo que eu tinha escrito anos atrás. E então chegava aqui àquelas pessoas que chegaram aqui perguntando e eu conversava, tentava responder aqui, que eu tinha ouvido aquelas pessoas e isso daí foi crescendo o pessoal, foram se interessando por aquilo, quando eu fui dar conta já tinha gente aqui de todo canto querendo saber mais sobre essa história e perguntando como eu tinha adquirido aquela historia. Eu comecei mostrar, eu fui e fiquei pensativo meu Deus do céu será que eu estou falando alguma coisa que tenha interesse para alguém? É tanta gente correndo atrás, muita gente mesmo, inclusive professores. Aí o que aconteceu eu aguntei, aguntei e ali encontrar em 2006 eu recebi uma pessoa aqui muito importante Monsenhor Chaves. Então, Monsenhor Chaves andou aqui em 13 de Dezembro de 2006, aí eu digo é uma boa oportunidade para eu saber alguma coisa agora, então ele chegou e aí eu perguntei em que eu posso ajudar o senhor? Ai ele disse: vim me despedir do monumento enquanto eu estou consciente, eu já estou em fase final, então eu tenho um apreço muito grande por esse pedaço de chão aqui. E hoje eu escolhi esse dia para vim aqui me despedir do monumento pela última vez. Ai eu fiquei meio assim, mas disse seja bem-vindo fique à vontade. Ele disse o senhor pode me acompanhar no campo e eu disse posso sim com muito prazer. Nós arroteamos esse campo todinho, ele chegou cansadinho. Quando ele chegou sentou, respirou e comecei a falar, Monsenhor Chaves tenho um assunto para lhe falara muito tempo, já fui enfrente a sua casa várias vezes e algumas vezes me deu vontade de entrar, mas eu via gente ir lá e aí eu achava que você estava em reunião, eu não entrava porque podia lhe atrapalhar. Se alguma vez quando eu visse o senhor ou estivesse sozinho eu entraria lá, mas eu sempre via muita gente e passava direto. Então ele me perguntou o que eu queria mesmo. E eu Monsenhor Chaves é porque eu conto uma historia pro pessoal, então eu queria falar com o senhor era justamente sobre esse assunto eu queria que se o senhor pudesse me ouvir pelo menos uns trinta minutos

e o senhor me dizer se eu estou tumultuando a mente das pessoas ou se tem algum fundamento, porque se o senhor disser que não tem nada a ver com o assunto eu sou capaz e quando chegar uma pessoa que eu tenho vontade de falar, para eu lembrar e pedi pra ele para tirar da mente o que eu havia dito. Ai contei minha historia e disse Monsenhor Chaves o senhor pode fazer algum comentário, quando eu disse isso ele se levantou e disse que não sabia que tinha gente que ainda se interessava por essa historia, eu ganhei meu dia. Graças a Deus ainda tem pessoas que se interessam e a historia não vai se acabar eu lhe agradeço demais pelo dom que o senhor tem, agradeço a Deus por ter lhe colocado no mundo e ganhei meu dia porque eu não imaginava encontrar uma pessoa que tivesse tanto interesse como você tem. Pra mim foi à graça de Deus ter vindo aqui hoje. Então eu fiquei emocionado na hora, pois é eu agradeço por você existir e ter interesse nessa historia para não se acabar, vou lhe pedir uma coisa você não deixa essa historia se acabar. Você tem que publicar essa história, ai eu disse Monsenhor Chaves eu não tenho como publicar essa historia. Aí ele foi e diz assim rapaz eu também não sei como lhe ajudar porque eu já tô sozinho, não tem mais como posso lhe ajudar, lhe conheci muito tarde, nas dificuldades. Daqui a pouco ele fala, olha eu tenho uma pessoa que eu conheci há muito tempo, hoje ele não trabalha mais comigo já faz muito tempo que eu não vejo ele, mas quando eu chegar em casa eu vou chamar meu assessor, então se eu encontrar ele vou mandar ele vim aqui falar com você pra lhe ajudar, pra você conversa com ele direitinho. Agora eu vou dizer a ele e você vai esperar esse milagre acontecer que até o dia 21 de fevereiro, se no dia 28 Fevereiro eu não aparecer aí você não espera mais ajuda de lá que não vem, porque não vem mais aí você procura ajuda por outros lugares, mas você vai achar quem lhe ajude. Você não esmoreça corra atrás da ajuda que você vai encontrar. Você pode ter certeza que vai encontrar ajuda. Ai eu disse que ia esperar sua ajuda, aí eu esperei. Ai esperei o resto de Dezembro que foi no dia 13 de Dezembro. Ai passou Dezembro, Janeiro, Fevereiro, não apareceu ninguém. Quando deu em 2007 o homem morreu. Você ai acha a data que ele morreu?

A: O Monsenhor Chaves? Não, mais deve estar registrado.

M: Ai em 2007 ele morreu, ai eu “owww” meu Deus do céu. Ai eu entendi porque ele disse que se chegasse até o dia 28 de Fevereiro ele não vinha mais. Porque todo mundo dizia que o Monsenhor Chaves sabia o dia que ia morrer. O pessoal que dizia isso, não foi só dez pessoas, cem pessoas que eu ouvi falar isso. Ai eu ficava pensando meu Deus do céu será? Ai eu botei na cabeça que talvez ele soubesse mesmo, porque ele veio aqui em Dezembro, ele disse eu vim aqui me despedi enquanto eu estou consciente do que estou fazendo. Então, vim hoje no

dia 13 de Dezembro de 2006, assinou o livro infelizmente não tenho aqui esse livro pra mostrar a assinatura dele.

A: Os livros ficam guardados aonde?

M: Deixei aqui e o infeliz que assumiu queimou tudo.

A: Sério?

M: O diretor do Wilson Martins fez a maior “saboteira” aqui e acabou com o museu. Queimou toda a documentação, documentação de todo tipo, do Iphan, de todo canto, ele queimou tudo lá no cemitério, segundo relato que eu soube aqui quando cheguei. Então, foi assim, tem jeito não e meu me aquietei e em 2009 eu saio do emprego. Ai eu quando chegar em casa vou vê o que eu faço, ai a preguiça chega. A gente não tem mais coragem, não sabe por onde começar. Mas em 2015 me chamam novamente, rapaz eu vou voltar para o monumento, eu achava que não ia aguentar mais trabalhar, mas na hora que disseram assim Miranda o cargo é seu, pois tá bom que dia eu começo? Ai fui ajeitar os documentos e ir deixar imediatamente. Ai eu voltei e quando cheguei foi que comecei a pensar o negócio ai como eu vou fazer. E comecei pensei, pensei, pensei o pessoal sempre cobrando sempre pedindo um panfleto e não tem nada. Ai eu fui pensar rapaz é um seguinte, eu vou tentar aqui uma coisa, se der certo eu tive um pensamento e fiz um resumozinho com oito páginas e coloquei aqui em cima. Eu fiz trezentos resumos e eu vendi com quinze dias bem baratinho e ai compraram, ai não fiz mais esse resumo fiz outro com dezenove páginas e fiz trezentos e vendi dentro de 21 dias. Ai eu fiz um de sessenta páginas e esse resumo começou a vender muito e ai eu pensei que era Deus que estava mandando eu continuar. E ai eu vendendo e guardando o dinheiro e terminei a conclusão do livro. Agora eu fiz esse livro pela necessidade, eu fiz o livro á toa sem ter muita noção de organização que eu não tenho essa formação para isso né, então eu vejo a necessidade do pessoal de querer saber mais sobre esse assunto, ninguém sabe nada, então eu vou fazer esse livro. Para o pessoal ter uma noção do que realmente aconteceu aqui. E baseado naqueles relatos que eu tinha eu fiz esse livro. Tenho vendido muito em todo lugar por aí.

A: O Senhor fez quantos exemplares dele?

M: Fiz um “bocado”.

A: Foi. Quem ajudou o senhor a fazer? Alguém digitou para o senhor ou o senhor mandou para a gráfica?

M: Eu escrevi e mandei pra gráfica digitar. E depois foi feita a revisão.

A: Ai foi feita a arte também, né?

M: Foi.

A: Mas quem lhe ajudou foi esse Jenipapo Informática?

M: Foi.

A: Mas não teve ajuda de mais ninguém? Eu digo assim de alguma pessoa de Campo Maior.

M: Não.

A: Então, ninguém lhe financiou? Foi só senhor mesmo?

M: Foi só eu mesmo. Ai não tem nenhum retrato de político, nenhum patrocinador, os retratos quem ai foram pesquisados, eu tenho cento e treze nomes das pessoas que fizeram a história e eu coloquei sessenta e seis imagens e são os retratos que estão nesse livro. Eu não tive ajuda quem fez o meu livro foi quem me ajudou naqueles resumos.

A: Essas imagens aqui o senhor tem todas elas?

M: Tenho, essa aqui é um português que morou em Campo Maior. Ele não fez parte da batalha.

A: Aqui recebe muita visita, né?

M: Muita.

A: Aqui quase todo dia tem, sempre quando a gente vem aqui sempre encontramos gente visitando.

M: É muita gente.

A: Aqui recebe alguma verba, além da ajuda das pessoas?

M: O Governo não manda não. Só no dia 13 de Março.

A: Só no dia 13 e no dia 7 de Setembro?

M: Bom esse ano pela primeira vez o Prefeito fez o desfile aqui e eu achei muito bom porque eu escutei aqui, porque foi um projeto de um secretário que fez polêmica foi até criticado, porque ele é muito polêmico mesmo é historiador, então Marcos Paixão fez o projeto para fazer o desfile aqui e eles fizeram esse desfile aqui. Então ele fez uma limpeza aqui geral e no pronunciamento aqui do discurso ele disse que vai tonar essa peça igualmente como o dia treze de Março e vai documentar para ser obrigatória essa festa aqui. A comemoração do dia sete de setembro aqui no monumento todos os anos. Então, eu fiquei satisfeito justamente porque eu sei se isso acontecer nós vamos ter duas limpeza por ano. Aqui era pra está um matagal, por que o governo não manda, o governo só manda em Março e aqui essas coisas que a gente recebe aqui anda longe, dá mal pra comprar um sabão em pó, ajeitar uma torneira que quebra, alguma coisinha da manutenção, um detergente, colocar alguma coisa no banheiro e nada a mais.

A: Então quer dizer assim, alguma manutenção do governo só é feita quando está próximo do treze de Março?

M: Só.

A: Ai o que vai acontecer no dia Sete de Setembro é a Prefeitura?

M: É pelo menos esse ano a Prefeitura fez. Agora eu não sei se ele tornar essa festa obrigatória se o governo vem se vai interferi no assunto não sei. Porque ainda não foi falado nesse assunto, mas ele Prefeito garantiu aqui no discurso dele que o Sete de Setembro agora vai ser e vai documentar como uma obrigação como o treze de Março. Uma festa igualmente ao treze de março. Deu muita gente no Sete de Setembro aqui.

A: E me diga uma coisa, teve algumas vezes que a gente veio aqui até ano passado que ficavam várias coisas que as pessoas deixavam aqui de pagar promessas, que a gente chama de ex-votos, que às vezes deixam coisas, por exemplo, pedaço de boneca, às vezes livros, agradecendo ou então pedindo, o que acontece com aquelas coisas que são deixadas ali?

M: Ali é o pessoal que faz promessas para as almas da Batalha do Jenipapo e quando o pedido era atendido ele vem pagar suas promessas, tem muita mama, cabeça, braço, pé, joelho, braço, ali caracteriza o problema, roupinha, por exemplo, aquela camisa, essa camisa que ele veste ali caracteriza que a doença dele foi na pele, ai ele ficou bom e veio deixar a camisa. A cabeça é que a doença foi na cabeça, à mama foi um câncer de mama, o joelho foi um problema no joelho, o caderno ele fez um concurso ou um vestibular e fez a promessa pra passar, passou e veio deixar é isso ai.

A: Vem gente de todo lugar, né?

M: Vêm esse aqui veio gente do Rio de Janeiro, de Minas Gerais, to dizendo os de longe, de Tocantins, do Acre, de Fortaleza, tudo veio gente aqui pagar promessa, mais mulher com câncer de mama.

A: Mas assim quando fazem a retirada das coisas para a limpeza, algumas pessoas aqui essas coisas, velas, elas são colocadas aonde, são jogadas fora?

M: Aquilo é o seguinte o governo mandou levar lá pra um canto.

A: Mas pra que canto?

M: Lá pro canto do cercado, em Dezembro foi jogado um monte lá. Nessa reforma que está projetada para fazer, desde o ano passado que é pra ser feita a reforma. Eu tive reunião com eles há uns dois meses atrás, eles disseram que o dinheiro está garantido para a reforma.

A: Do monumento aqui?

M: Todinho do monumento. Aqui no projeto original eles mostraram aqui ano passado que envolve uma estrutura total aqui, fazer a casa da churrascaria, fazer um quartel do exército daquele lado. Fazer um local ali para uma capelinha quando alguém quiser celebrar alguma

missa, fazer um local para ascender as velas. Um local fixo para não ficar daquele jeito e um local para receber as peças.

A: Para não jogar fora.

M: Para não jogar fora. E eu estou com fé que vai dá certo, porque me contaram, eu ainda não tive a oportunidade de conhecer ele pessoalmente o Dom Francisco que está aqui agora que assumiu a arquidiocese de Campo Maior, ele também acha que aqui deve ser feito uma coisa mais importante, pra qualificar como santuário, eu soube dessa história, não foi ele que me contou não posso provar, mas foi o que eu ouvi dizer. E ai me anima essa historia porque, mas uma pessoa importante pra defender né? E é o que eu defendo toda hora, isso ai para que seja mais respeitado esse assunto. E ai a gente espera. Andou aqui um rapaz recentemente dizendo que teve numa reunião agora no dia 17 ou 16 de outubro, eu não participei eu não fui convidado. Ele disse que participou dessa reunião ouviu da boca do secretário dizer que a reforma daqui está garantida. Ele disse isso dois dias atrás, rapaz eu tava lá, ai eu fiquei animado.

A: Valorizar mais né a historia. E eu queria que o senhor me contasse só mais uma coisa, a historia da bala, pra gente colocar no relatório, porque a gente vai entrevistar ele né e ai a gente quer saber como ele chegou pro senhor, como foi todo o processo.

M: Ele chegou aqui sentou bem ai onde você está e disse assim: rapaz eu achei uma bala achando graça. Ai eu achou uma bala de que? Não rapaz uma bala de canhão, ai eu conversa rapaz. Achei uma bala de canhão. Ai eu disse “perai” e me levantei. Vem cá me conta essas historia tu achou uma bala, aonde? Aqui na margem pertinho uma bala de canhão desse tamanho, maior do que aquela que tinha aqui. Ai eu disse cadê aquela? Tá em Teresina é maior que aquela. Ai eu voltei me sentei, vem cá Wilson tu achou essa bala mesmo? Achei a bala no finalzinho de Julho para Agosto. Ai eu foi mesmo rapaz? Foi. E cadê essa bala? Tá lá em casa. Ai eu disse Wilson tu pode trazer essa bala aqui pra eu vê? Ai ele disse trago, de tarde eu trago ela quando eu vier do serviço. Porque ele estava fazendo a limpeza do Sete de Setembro ai ele tem a maquinazinha e ele estava trabalhando ai. E ai quando for de tarde eu trago. Ai ele foi embora e eu fiquei aqui pensando, ai eu fiquei aqui na retaguarda. Quando chegou de tarde uma hora em ponto ai ele veio chegando morrendo de achar graça com a pedra na mão. Tá aqui à bala. Quando eu peguei ai eu rapaz é uma bala mesmo. Ai eu tu achou essa bala quando rapaz. Foi no finalzinho do mês de julho 28 ou 29 por ai assim de julho. Ai eu foi mesmo rapaz tá com um mês que tu achou ela? Ai eu disse rapaz mais que coisa bacana hein. Ai eu rapaz como foi que achou essa bala? Ai ele rapaz eu tava raspando o chão, capinando um mato que tinha lá ai a enxada bateu em uma coisa que chega deu uma

tiniu quase saiu fogo, ai tornei a bater com a enxada tornou a acontecer de novo e eu que pedra mais dura essa, ai eu parei fui cavar pra vê o que era ai eu encontrei a bala. Ai eu rapaz uma bala de canhão, lavei a bala todinha e guardei lá e disse rapaz eu disse que realmente a bala era de canhão mesmo, e e eu disse rapaz o que tu pretende fazer com ela? Guardar eu encontrei. Ai eu disse o Wilson tu não pode doar ela pro museu não? Pro Monumento do Jenipapo? Ai ele disse assim rapaz eu doar assim minha bala. Ai eu disse assim o Wilson a bala pra ti não tem serventia nenhuma. Tem sim porque eu fico vendo. Ai eu não essa bala é importante para que as pessoas fiquem vendo ela, saibam que foi aqui que teve uma guerra e o pessoal fala tanto das armas e essa bala serve de prova pra alguma coisa, então ela só tem serventia pra cá, agora tu também lucra com isso Wilson porque se tu doar essa bala teu nome vai ficar vivo porque eu vou ter que dizer que foi tu que doou essa bala e foi tu que encontrou e tu vai ser procurado por repórter, por pesquisador, por pessoa simpatizante da historia e a i tu vai ficar famoso porque tu vai ter encontrado uma relíquia. Ai ele disse rapaz não é mesmo. Pois ta bom, pois eu vou conversar com a mulher lá em casa, amanhã quando eu vier te digo alguma coisa. Ai eu disse, pois tá bom vou aguardar. Ai pegou a bala e foi embora. E quando foi no outro dia ele chegou com a bala. Ai ele disse mais a bala não é pra você não. Ai eu disse que ele estava doando para o monumento. Porque ele disse que se fosse pra mim ele não poderia doar. Lhe garanto que sou sério e eu pedi para doar pro museu e pra mim não teria serventia de nada pra ficar dentro de casa, porque eu não tenho como colocar um museu pra mim. Então é serventia pra cá. Pois eu vou doar a bala está aqui. Ai chegou um rapaz colega dele do trabalho e disse assim: rapaz essa é a bala que tu tinha achado é? É eu doeí agorinha pro Miranda pro Museu da Batalha do Jenipapo. Doou mesmo? E eu fui logo dizendo doou. E o rapaz dizendo pra ele não doar a bala se aparecer algum pesquisador tu vai mil conto nessa bala. Ai eu disse esse cara vai atrapalhar o negócio, ai eu digo quem vai dá mil por uma bala dessa Jonatas o nome dele é Jonatas, ai ele ora pesquisador por ai dá. Não rapaz o Wilson vai lucrar muito mais que mil conta, é muito melhor ele doar de graça do que pegar mil conto, mil conto se acaba muito rápido e isso aqui ele vai ficar com o nome pro resto da vida isso aqui é importante ele vai fazer parte da historia, então ele já doou e isso aqui vai fazer parte da historia e as pessoas vão vê daqui a pouco tá sendo procurado por repórter, por pesquisador, por historiador, por professor de historia, pela própria arqueologia, vai ter uma serie de coisas e ele vai perder muito tempo paralisado deixando serviço pra ser entrevistado e ele morria de achar graça. Ai ele, pois é eu já doeí já está doado. Ai ele, pois vamos trabalhar Jonatas e saíram e foram embora. Ai o que foi que eu fiz peguei o carrinho fui bater lá na rua já que tem gente dando conselho desgraçado vou logo documentar isso aqui. Ai cheguei lá e mandei ele

fazer o documentozinho há confissão dele. Quando eu cheguei lá ele já tinha ido embora almoçar. Ai quando deu uma hora ele chegou e eu disse assim o Wilson vem cá. Olha aqui Wilson o que eu fiz, pra provar que foi você mesmo que encontrou a bala, olhe ai pra você lê e ele assinou, pronto esta documentado isso vai ficar ao lado da bala pro pessoal que for tirar foto dela vai saber que foi você que achou, o Wilson vai ficar conhecido no mundo inteiro por causa dessa bala e ele ficou animado, a historia da bala é bonita.

A: E ele já está sabendo que tá na universidade né?

M: Ele já sabe.

A: Que a gente vai está aqui mês que vem.

M: Pois é ele tá sabendo. Eu disse que a bala foi levada para fazer um estudo. Pra saber a veracidade da bala. E aquela bala não tem como dá errado, dizer que ela é invenção porque não tem porque pela própria historia que ela estava enterrada mesmo no chão há muitos anos atrás. E agora eu vou ter chumbo e a bala pra poder mostrar pro povo. E eu imagino que vai chegar muita gente aqui procurando alguma coisa. Porque aqui é muito difícil encontrar mais alguma dessa historia ai quando menos se espera encontra uma bala dessas.

A: Pra provar o contrário, né?

M: Pra provar o contrário. Agora quando chegar alguma pessoa procurando eu vou dizer que é difícil, mas não é impossível.

A: Pois seu Miranda muito obrigada pela entrevista.

M: Eu que agradeço.

APÊNDICE I- REGIÃO DA ANTIGA FAZENDA ALECRIM.

**APÊNDICE II- VISTA AÉREA DA ANTIGA FAZENDA ALECRIM EM DIREÇÃO
AO CAPÃO DO FIDIÉ**



APÊNDICE III- CLARÃO I

APÊNDICE IV- CLARÃO II

APÊNDICE V- AFLORAMENTOS ROCHOSOS.

APÊNDICE VI- CLARÃO III

**APÊNDICE VII- REFERE-SE A TODOS OS COMPONENTES QUÍMICOS
ENCONTRADOS EM TODAS AS AMOSTRAS TENDO COMO COMPARATIVO
DAS ANÁLISES O ELEMENTO QUÍMICO O FERRO (FE).**